

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

PATRÍCIA SIMONE DE ARAUJO

VASCULHANDO A VIDA ALHEIA: O DIÁRIO ÍNTIMO DE JOSÉ VIEIRA COUTO DE
MAGALHÃES (1880 – 1887)

GOIÂNIA
2013

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Patrícia Simone de Araujo		
E-mail:	psa.ueg@gmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor:	estudante		
Agência de fomento: Coodenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior.		Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ: 00889834/0001-08
Título:	Vasculhando a vida alheia: o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães (1880-1887)		
Palavras-chave:	Couto de Magalhães, diário íntimo, sexualidades, corpo, saúde e doença.		
Título em outra língua:	Watching the other life: the diary secret of José Vieira Couto de Magalhães (1880 - 1887)		
Palavras-chave em outra língua:	Couto de Magalhães, diary secret, sexualities, body, health and disease.		
Área de concentração:	Culturas, Fronteiras e Identidades		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	10/05/2013		
Programa de Pós-Graduação:	História		
Orientador (a):	Sônia Maria de Magalhães		
E-mail:	soniademagalhães@yahoo.com.br		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Patrícia Simone de Araujo
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 04 / 05 / 2016

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

PATRÍCIA SIMONE DE ARAUJO

VASCULHANDO A VIDA ALHEIA: O DIÁRIO ÍNTIMO DE JOSÉ VIEIRA COUTO DE
MAGALHÃES (1880 – 1887)

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás como requerimento parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Maria de Magalhães

GOIÂNIA
2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

A663v Araujo, Patrícia Simone.
Vasculhando a vida alheia [manuscrito]: o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães (1880 – 1887) / Patrícia Simone de Araujo. – 2013.
149 f. : figs.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria de Magalhães.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2013.
Bibliografia.

1. Magalhães, José Vieira Couto de. 2. Diário íntimo. 3. Saúde e doença. 4. Sexualidade. I. Título.

CDU: 929(093.3)

PATRÍCIA SIMONE DE ARAUJO

VASCULHANDO A VIDA ALHEIA: O DIÁRIO ÍNTIMO DE JOSÉ VIEIRA COUTO DE
MAGALHÃES (1880 – 1887)

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da UFG, para obtenção do título de Mestre em História, aprovada em ____/____/____, pela banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr^a. Sônia Maria de Magalhães
Presidente

Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira
Membro

Prof(a). Dr^a. Fabiana de Souza Fredrigo
Membro

Prof(a).
Suplente

Prof(a).
Suplente

AGRADECIMENTOS

Pelo apoio e generosidade, registro agradecimentos especiais:

Primeiramente ao meu querido companheiro, Marcus Vinícius Costa da Conceição, que me apoiou nessa jornada com carinho e paciência.

A minha família, sobretudo a minha mãe, Maria de Fátima de Oliveira, pelos ensinamentos e pelo exemplo que me inspira a não desistir nos momentos difíceis.

A minha orientadora, a professora. Dra. Sônia Maria de Magalhães, pela profícua orientação e paciência no andamento da pesquisa.

Ao professor Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira e a professora Dra. Fabiana de Souza Fredrigo pela leitura e contribuições no Exame de Qualificação.

Aos meus amigos: Talita Michelle de Souza, Tamara Alves, Allyne Chaveiro, Lígia Carvalho, Eduardo Barbaresco Filho e Daniel Soares, por entenderem a minha ausência e por me ouvirem nos momentos de angústia. Sem vocês a minha conquista não seria completa.

A professora Dra. Maria Helena P. T. Machado por publicar o diário de íntimo de Couto de Magalhães, e, por sua vez, viabilizar essa pesquisa.

Por fim, mas com especial atenção, agradeço a CAPES, que financiou a bolsa de estudo, cujo auxílio financeiro foi imprescindível para que esta pesquisa se efetivasse.

[...] a escrita de si permite a quem escreve construir uma relação consigo mesmo e o diário pessoal como ação e como produto constitui este lugar de confrontação do sujeito com ele mesmo. Através do diário, o escrevente se representa a si mesmo, se autoexamina, no tempo de sua própria história e busca argumentos para a construção de seu futuro [...] a escrita do diário é instrumento de individualidade, da construção de subjetividades e, portanto, da consciência do eu privado.

Maria Teresa Cunha

RESUMO

Este estudo analisa o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães privilegiando as temáticas: sexualidades, corpo, saúde e doença. A interlocução desse documento com outros produzidos pelo mesmo – livros, relatórios, dentre outros – evidenciou uma personalidade que de forma engenhosa construiu uma imagem heroica para si. Legitimado pelos seus pares, pela historiografia e principalmente pelo regime imperial, Couto adentra as páginas da história como o grande herói da Guerra do Paraguai. Mas, se em público ostentava uma imagem de um homem forte e corajoso, em seu diário aflorou momentos de angústias e temores, sobretudo quando cogitava a possibilidade de adoecer. Além disso, sua escrita íntima também revela um olhar interpretativo original sobre o seu universo onírico - embebido de um desejo homoerótico - e desafiador em relação aos valores morais do século XIX.

Palavras-chave: Couto de Magalhães, diário íntimo, sexualidades, corpo, saúde e doença.

ABSTRACT

This study examines the diary of José Vieira Couto de Magalhães, focusing on themes: sexuality, body, health and disease. The interlocation of this document with the rest produced by the same author - books, reports, among others - evidenced an egocentric personality, which in an ingenious way built up a heroic image for themselves. Legitimized by their peers, by historiography and especially the imperial regime, Couto enters the pages of history as the great hero of the War of Paraguay. But if in public boasted an image of strong and courageous man, in his diary brought out moments of anguish and fears, above all when was considering the possibility of becoming ill. Furthermore, her writing secret also reveals a look interpretive and original about your oneiric universe - soaked a homoerotic desire - challenger in relation to moral values of the nineteenth century.

Keywords: Couto de Magalhães, diary secret, sexualities, body, health and disease.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – UM HERÓI NAS MALHAS DA SENSUALIDADE.....	34
1.1 – A construção da imagem heroica para si	34
1.1.1 – Adentrando em cena: a sedução da “plateia”.....	34
1.1.2 – Conquistada a “plateia”: a legitimação da imagem heroica.....	50
1.1.3 – Saindo de cena.....	59
1.2 – O que é ser um herói?	63
1.3 – Couto de Magalhães e a escrita dos sonhos: um ato de (des)velar-se	66
1.3.1 – A originalidade interpretativa de Couto de Magalhães frente ao seu universo onírico: influência das culturas indígenas?	76
CAPÍTULO II – A MEDICINA HIPOCRÁTICA: UMA FORMA DE CONTROLE CORPORAL	87
2.1 – A medicina Hipocrática	87
2.2 – Couto de Magalhães e a Teoria Hipocrática Prevenção e terapêutica	90
2.2.1 – Prevenção e terapêutica.....	91
2.2.2 – Hábitos saudáveis.....	99
2.3 – O Século XIX: uma época hipocondríaca.....	105
2.4 – O hipocondríaco e seu sofrimento	114
2.5 – Couto de Magalhães e os fatores que o impulsionaram na prática do “cuidado de si”	119
2.6 – Couto de Magalhães um homem dos oitocentos: em prol de uma cultura da aparência.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	133

INTRODUÇÃO

O interesse pela “escrita de si” sobreveio na graduação, quando cursava História na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Na época pesquisava, como bolsista de Iniciação Científica do CNPq, a confluência entre os diários do monarquista Couto de Magalhães e o republicano Altino Arantes, sob a orientação do professor doutor Robson Mendonça Pereira. Entretanto, por causa da dificuldade de realizar um exame comparativo entre essas duas personalidades o estudo desenvolvido no mestrado centrou-se somente nos escritos íntimos de José Vieira Couto de Magalhães.

O diário aqui em apreço intitulado *José Vieira Couto de Magalhães, Diário Íntimo* foi publicado pela historiadora Maria Helena P. T. Machado no ano de 1998. O texto introdutório oportuniza a adentrar nesse complexo mundo do diário. Assim, em meio a uma variedade de caminhos apresentados por Maria Helena, e após sucessivas leituras desse diário em um processo de conhecimento e “mapeamento” do mesmo, esse estudo privilegia as seguintes temáticas: sexualidades, corpo, saúde e doença.

Ao adotar o diário como objeto de pesquisa, exige-se, muitas vezes, uma ação “invasiva” sobre a intimidade alheia, que vai além das informações contidas nesse escrito pessoal. É preciso que o investigador levante uma série de documentações que o possibilitam a criar uma interpretação bem fundamentada, o que, por sua vez, requer um estudo bastante rigoroso. É por isso, que utiliza-se a expressão “vasculhar” para figurar no título dessa dissertação, por entender, que sua etimologia expressa o que constitui o trabalho de averiguação dessa fonte: “pesquisar minuciosamente; esquadrihar”.

Entendendo o século XIX como um “lugar” temporal propício para o “desvelar” da intimidade na escrita pessoal, por possibilitar o sujeito a criar uma identidade para si, conferindo a sua vida certa “estabilidade”, que fora comprometida com a fragmentação do “eu” moderno, o objetivo desse estudo consiste em delinear a singularidade da escrita de Couto, expressa na maneira como ele procurou interpretar-se por meio do seu registro autobiográfico.

O vigor que a prática da escrita de si¹ galgou na modernidade encontra vias explicativas na análise do individualismo moderno. Na tentativa de conferir um sentido a

¹ A escrita de si ou auto-referencial integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno. Tem sido utilizada pelos pesquisadores ligados ao tema como forma de

própria vida, muitas pessoas recorreram ao ato autobiográfico para atestar a importância de contar a sua própria história. Tendo como base esse pensamento, o problema central desse estudo constitui-se em desvelar a seguinte questão: como Couto de Magalhães, por intermédio do diálogo com seu tempo, procurou construir-se por meio da escrita autobiográfica no intuito de significar a sua trajetória de vida? Dessa interrogação principal derivam-se outras: Qual o período histórico que disseminou-se a prática da “escrita de si”? O que é um diário? Como Couto procurou organizar e estruturar a sua narrativa? Qual a singularidade do seu registro? Quais são os graus de censura do seu diário? Qual foi o modo que ele utilizou-se para contar o “inconfessável”? Qual a sua visão subjetiva perante o interdito social? Quais os fatores que o incentivou Couto de Magalhães a escrita íntima? E, qual a intenção de escrever um diário íntimo? Tais perguntas nortearam a pesquisa, a estruturação e as discussões apreciadas nessa dissertação. É importante salientar que as respostas a essas indagações não são definitivas e nem as únicas.

BREVE APANHADO SOBRE O SURGIMENTO DA ESCRITA DE SI

O resplandecer da disseminação da prática social da escrita íntima sobreveio na época Vitoriana, período em que a distinção entre as esferas pública e privada tornaram-se mais claras e a manifestação das pulsões, principalmente no tocante ao aspecto sexual, deveriam ficar (res)guardadas a vida privada, considerada o lócus “privilegiado” para o indivíduo desnudar a sua intimidade.

A escrita de si pode ser historicamente localizada. Embora existam desde a Antiguidade, os registros pessoais nesse período não configuravam-se como autobiográficos, pois a experiência pessoal não era por si mesma digna de ser levada à página escrita. É somente na modernidade, com a sociedade burguesa, com a ascensão da subjetividade e com o sentimento do individualismo, que o “eu” passa a conceder maior importância a sua própria trajetória lançando-se na produção de “narrativas sobre si”.

Na acepção de Alain Girard (1996) não é conveniente qualificar um texto como autobiográfico antes da eminência da ideia de indivíduo. De acordo com o seu parecer, o flamejar da prática social da escrita dos diários íntimos, por exemplo, pode ser vislumbrada

indicar certo gênero de escritos que compreende diários, correspondências, confissões, biografias e autobiografias, ou seja, todos os tipos de escritos utilizados pelo sujeito moderno na constituição de uma identidade para si mesmo (GOMES, 2004).

mais especificamente por volta de 1800, com a ascensão da moda das confissões que na Europa, pouco antes da eclosão romântica.

O aumento do ceticismo em relação à religião e o desencanto pela ciência contribuíram para alimentar o desejo individual pelo autoconhecimento por intermédio das escritas pessoais. Diante da descoberta do “eu individual”, a burguesia passa a interessar-se por tudo que possa aclarar este mundo interior.

O entendimento da escrita de si como um fenômeno próprio da modernidade, portanto, é um consenso entre os pesquisadores desse campo de pesquisa – como Calligaris (1999), Peter Gay (1999), Ângela de Castro Gomes (2004), Pierre Bourdieu (1986) e P. Lejeune (2008) –, que enfatizam que foi nesse período que a escrita autobiográfica começou a constituir-se como uma prática cultural.

Vários argumentos foram desenvolvidos por parte desses estudiosos para justificar o impulso da escrita de si como um fenômeno próprio da modernidade. Desses, destacam-se: a) o individualismo moderno, que levou o sujeito a centrar-se em si mesmo colocando a sua vida como primeiro plano de reflexão, desvencilhando-se da tradicional forma de pensamento medievalista em que o ideal de conduta de vida deveria ser orientando coletivamente; b) a ampliação da noção de intimidade e da esfera privada na burguesia que levaram as pessoas a manifestar discursivamente seus sentimentos, anseios, medos na escrita de cunho pessoal, já que essas formas de manifestações de foro íntimo já não eram bem vistas em ambiente público; c) influenciados pelos manuais de condutas que circulavam no período da modernidade os indivíduos lançavam-se na escrita do diário íntimo como uma forma de “adestramento de si” na finalidade de conseguir um maior controle não só corporal, mas também psíquico; dentre outros.

Todavia, mais importante que saber os fatores que impulsionaram a prática de escrita de si, talvez seja conhecer as peculiares do gênero (auto)biográfico. Por isso, os próximos tópicos apresentam-se as singularidades desse tipo de registro, sobretudo a do diário.

O GÊNERO AUTOBIOGRÁFICO

O gênero autobiográfico tem como uma de suas especificidades o limite tênue entre ficção e real. Para Phillippe Lejeune (2008), os textos autobiográficos têm como característica específica frustrar as expectativas de dois tipos de “especialistas”. Os literatos (de um certo tipo) só vêm neles o “rascunho” disforme de um romance que eles lamentam; os

historiadores, muitas vezes, só os vêem como um “testemunho parcial”, a “despistagem” da verdade que eles buscam.

Ficção e realidade entrelaçam-se no ato de produção de si, mudando o estatuto da verdade, que não é mais entendida nesse tipo de registro, como a expressão “do que realmente aconteceu”. A verdade passa a constituir-se pela “sinceridade” do autor em relatar o que viu e apreendeu do mundo.

A preocupação do indivíduo ao lançar-se na atividade de escrever sobre sua própria existência – relatando acontecimentos cotidianos, anseios, medos e intimidades – não será com a verdade factual. Seu intuito maior será escrever sobre sua própria “verdade”, colocando a sua subjetividade em primeiro plano no ato da escrita. A sinceridade do autor na escrita do diário íntimo tornar-se então, um valor hierarquicamente superior à verdade dos fatos. (CALLIGARIS, 1999).

A falta de compromisso com a verdade factual permite o autor de diários ficcionalizar a própria realidade, para cumprir um dos maiores intuítos da narrativa de si: a atribuição de novos sentidos a vida. O ato de significar a existência por intermédio da escrita de si vai processar-se de modo similar a um jogo em que uma das cartadas decisivas, para chegar ao êxito do empreendimento de narrar a si, encontra-se na capacidade de imaginação.

A imaginação foi vista durante muito tempo, por pensadores como Spinoza, Montaigne e Pascal, como um “erro” do processo de rememoração, responsável por produzir e introduzir no aparelho de memória “lembranças falsas” e “enganadoras”. O grande problema visualizado por esses autores está no que Ricouer denomina de “o enigma da memória”. A questão é como confiar na memória para representar o passado *em verdade*, já que sua própria configuração processa-se como telas entre o passado ausente e a sua imagem presente? Ou dito de outra forma, como confiar na lembrança que seria a pretensa portadora de verdade do passado, responsável por dá presença a algo ausente, mas, que anteriormente, esteve presente, se ela pode ser em si mesma enganadora? Dessa forma, apoiando-se no pensamento grego, mais especificamente no de Platão quando discute a questão da imagem icônica, foram distinguidos dois tipos de lembrança: a falaciosa (ou enganadora), que era a imagem ligada à imaginação e a lembrança portadora da verdade da coisa, imagem ligada à memória. A imaginação ganhava assim, contornos pejorativos, considerada, a grande responsável pelo engano e o erro, no processo de rememoração. (RICOUER, 2007).

Na literatura recente, mais especificamente nas obras dos autores Paul Ricoeur, Bergson e Deleuze que lançaram no estudo sobre a memória e sua relação com a imaginação,

deram novos rumos e olhares a esta questão. Tentando desvincular da herança do pensamento cartesiano, que considera o racionalismo como único modelo válido de conhecimento, as análises desses autores concedem destaque a campos reflexivos – como a memória, esquecimento, intuição e imaginação – que foram, durante muito, tempo desvalorizados pelas ciências. O papel da imaginação sai do lugar topológico inferiorizado de “erro” e ganha significado de criação. É graças à capacidade imaginativa do indivíduo que a sociedade “evolui” porque é ela a responsável direta pela inovação, ou nos dizeres de Bergson (1971), pela “evolução criadora”.

A imaginação, entendida como mola motriz fundamental para a criação, é importante para compreender o processo de produção de si por meio da escrita pessoal, sendo ela a capacidade que possibilita ao autor não só de criar um texto, mas também de recriar-se por intermédio dele, dando novos significados a sua existência. Os contornos da escrita de si tomam forma na narrativa naquilo que é imaginado e desejado pelo seu autor, no sentido de buscar “não a verdade de nosso passado, não a verdade do que fomos, mas a história do que somos [...]”. (CHARTIER *apud* CUNHA, 2009, p.251). O diarista redige a sua vida não como ela é, mas, como ele gostaria que fosse:

[...] Um diário é [...] uma forma de representação de si. Nós somos o personagem principal de nosso diário. Nós temos às vezes a tendência a escrever as coisas não como elas são, mas como deveriam ser. Escreve-se para embelezar ou dramatizar a vida, para lhe dar um sabor novo. O diário é, muitas vezes, um dos últimos refúgios do sonho (CUNHA, 2009, p. 257).

Em *A ilusão biográfica* (1996), que tornou-se uma leitura quase obrigatória para os que estudam o gênero autobiográfico, Bourdieu faz um alerta ao pesquisador para não deixar-se levar pelo “efeito de verdade” produzido por esse tipo de documentação, em que a sinceridade expressa na narrativa, poderia obscurecer as ambiguidades, as fragmentações, as incoerências da vida de um indivíduo, “seduzindo” o estudioso da escrita de si a acreditar que essas fontes pudessem revelar a verdade dos fatos.

Mas fica uma pergunta diante desse alerta: como o diarista consegue construir-se por meio de seu texto como um sujeito aparentemente coerente e estável diante da multiplicidade e fragmentação do “eu” e de suas memórias através do tempo?

Para reforçar esse efeito de estabilidade e coerência, a maioria dos diaristas preferem “construir-se” por meio de uma narrativa linear, capaz de produzir um efeito de veracidade à expressão do vivido. A linearidade do texto significa para seu autor uma maneira de atestar a confiabilidade do seu testemunho. Relatos desconexos e dispersos poderiam gerar dúvidas e incertezas principalmente ao próprio autor em leituras realizadas *a posteriori* e/ou também a

um possível leitor, o que poderia comprometer a autenticidade das informações, e, por sua vez, quebrar o “pacto de sinceridade” (LEJEUNE, 2008) que o indivíduo tem para com o seu diário.

A narrativa do diarista tem que ser convincente. Para dar conta disso usam-se uma variedade de artifícios para dá plausibilidade ao texto, como: a eloquência, a estruturação, códigos de escrita, temática, dentre outros. Como é impossível relatar a totalidade do vivido, esses elementos vão auxiliar o autor a organizar o seu diário. A seleção dos assuntos que vão ser retratados no texto será realizada mediante a códigos de preferências e temáticas apreciadas, criados pelo próprio diarista.

Mesmo que, a impossibilidade de expressar a totalidade do vivido nas páginas do registro íntimo seja um fato, um dos grandes sonhos de um diarista consiste em conseguir transpor toda a sua vida para o papel, como, por exemplo, pode ser percebido no diário da menina Anne Frank ², no dia 12 de junho de 1942: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 2010, p.13). É como se indivíduo esperasse que o seu diário fosse no tempo:

[...] o que o espelho da feiticeira é no espaço e poder concentrar numa frágil superfície a imagem total da realidade que a circunda. Ser uma espécie de “pan-óptico”. É isso que, às vezes, pretende fazer: “Querido diário, vou lhe contar tudo”. Mas é ilusão. O diário está longe de ser o espelho da feiticeira, ele é, na verdade, um filtro. Seu valor se deve justamente à seletividade e às discontinuidades. Das inúmeras facetas possíveis de um dia, ele só retém uma ou duas, correspondentes ao que é problemático. Deixará implícito o que transcorreu bem e o supérfluo.(LEJEUNE, 2008, p.296).

A inviabilidade de satisfazer a vontade do diarista de tudo contar ao seu diário o leva a criar uma série códigos e procedimentos que vão auxiliá-lo a selecionar os assuntos privilegiados que adentrarão no seu texto. Assim, entende-se que a escrita do diário não está livre de repressões. O diário por ser uma forma de expressão tão intimista que transmite sinceridade, pode levar o pesquisador a cair na ilusão de que o autor por estar no seio de sua intimidade teria total liberdade para emitir seus sentimentos, opiniões e desejos, como acontece com Lejeune:

²Annelisse Maria Frank, mais conhecida como Anne Frank nasceu no dia 12 de junho de 1929 e morreu aprisionada no campo concentração Bergen-Belsen, em março de 1945, três meses antes de completar 16 anos. Foi uma adolescente alemã de origem judaica, vítima do holocausto. Ela tornou-se mundialmente famosa com a publicação póstuma de seu diário, que foi escrito no período de 12 de junho de 1942 a 1º de agosto de 1944. O conjunto de relatos, que recebeu o nome de Diário de Anne Frank, foi publicado pela primeira vez em 1947. Anne Frank escreve em seu diário suas angústias, seus anseios, seus pensamentos, o seu meio familiar e também as experiências do período em que sua família se escondeu da perseguição aos judeus dos Países Baixos. (FRANK, 2010).

O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: **o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade**. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real (Idem, 2008, p. 262, **grifos meus**).

A tal liberdade na qual Lejeune acredita que o indivíduo tem em seu diário para “contar tudo”, “sem nada a esconder”, é um mito. A auto-repressão na hora de escrever um diário íntimo talvez tenha um peso de contenção maior do que qualquer tipo de pressão externa, e pode expressar-se de duas maneiras fundamentais: a) o sujeito quando redige seus escritos pode passar por um algum tipo de coibição psíquica, em que nem mesmo ele tem acesso a muitos de seus desejos e sentimentos mais íntimos devido a um processo de bloqueio mental que o impede que eles venham a tornarem-se conscientes; b) ou, mesmo que, esses desejos e sentimentos sejam conscientes para o diarista, talvez nem o papel seja um amigo tão confidente e confiável assim, para (res)guardar todos os seus segredos. Em relação ao segundo caso, quando o indivíduo escreve um diário ele não despe-se de tudo que aprendeu na sua vida, seus valores, princípios e ideais, ele está ainda inserido em códigos de valores compartilhados socialmente, e isso influenciará no modo como se processará a sua escrita, no que pode ou não ser narrado. Além disso, o fantasma do medo de seu diário ser lido por outros sem sua autorização, será uma tormenta constante no processo de escrita do diarista, o que pesará na supressão do “eu” dizer realmente tudo o que tem vontade ao diário.

Nos debates sobre a escrita de si permanece viva ainda uma polêmica, “entre os que concebem, tradicionalmente, a autobiografia como algum tipo de “representação” do sujeito por si mesmo e, no extremo oposto, [...] os desconstrucionistas, para quem o sujeito nada é senão um efeito de seu próprio texto” (CALLIGARIS, 1998, p.49). Mas, essa oposição desaparece quando concebe-se a escrita autobiográfica como antes de tudo uma forma de ação, ou seja, um “ato autobiográfico”. O indivíduo que escreve sobre si não é um simples objeto representado pela sua narrativa, e nem tampouco, um efeito do seu próprio texto. “O “ato autobiográfico” é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo” (Idem, p. 49). Quando um sujeito escreve sobre si, ele também simultaneamente também se produz. Desse modo:

[...] indivíduo/autor não é nem “anterior” ao texto, uma “essência” refletida por um “objeto” de sua vontade, nem “posterior” ao texto, um efeito, uma invenção do discurso que constrói. Defende-se que a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de “produção do eu” (GOMES, 2004, p. 16).

Narrar-se é antes de tudo um ato. Imagina-se a melhor “face”, a constrói-se no papel, a examina-se e a defende-se de todos os modos. Portanto, pode-se entender a escrita autobiográfica como uma ação de remontar-se no tempo proporcionada pela capacidade de imaginação, que possibilita com que novos mundos refaçam a compreensão e a imagem que o indivíduo tem de si.

A SINGULARIDADE DA ESCRITA DO DIÁRIO

Os gêneros confessionais suscitam formas diferentes de apresentação do “eu”. Delinear as diferenças desses textos que compõem o universo autobiográfico na tentativa de classificá-los não é tarefa fácil, pois é difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do “eu”.

Apesar da dificuldade em definir espaços críveis distintos e precisos entre as narrativas do gênero autobiográfico é possível delinear um caráter discrepante entre formas textuais tão próximas. Para isto, é importante convocar ao debate Philippe Lejeune (2008), que com sua obra *El pacto autobiográfico y outros estudios* contribui de forma profícua para as discussões a respeito dos escritos confessionais. Sendo assim, tendo como pilar os estudos desse teórico, faz-se necessário entender o que é um diário.

A narrativa em forma de diário inclui-se entre as formas autobiográficas por ser uma escrita voltada para o “eu”. Diferentemente das autobiografias, grande parte dos diários, não são escritos com o intuito explícito de serem destinados a publicação, possuindo como uma de suas peculiaridades o *caráter secreto*.

Além disso, se as autobiografias em sua maioria vão retratar acontecimentos de um período longínquo, o diário é um registro realizado em um espectro de tempo muito menor. Deste modo, pode-se afirmar que os diários são um retorno ao passado recém acabado.

O diarista prefere “contar-se” por meio de seu escrito íntimo por intermédio de uma linguagem simples e espontânea, sendo

[o] uso da primeira pessoa do singular [...] preponderante e a estrutura costuma não ser rígida. Contudo, normalmente, o que se verifica é o uso do vocativo (como, por exemplo: querido diário), demarcado logo após a data. Como já exposto, o diário muitas vezes não se dirige a alguém, em

específico, no entanto, pode ser que a intenção se manifeste por um interlocutor determinado, sendo esse real ou fictício.³

O cotidiano é a característica mais expressiva do diário. A tentativa de racionalização da experiência do cotidiano é à base do gênero. Sua escrita é determinada, em muitos casos, pelo compasso do calendário. As datas que costumam aparecer nas anotações servem para produzir um aspecto ordenatório dos acontecimentos dentro da narrativa, criando um elo que une, muitas vezes, acontecimentos sem nenhuma ligação entre si. “Cada entrada é, portanto, um microorganismo que faz parte de um conjunto descontínuo: entre duas entradas, um espaço vazio. Elas se seguem na ordem do calendário e do relógio, *continuum* que serve para avaliar suas descontinuidades e irregulares” (LEJEUNE, 2008, p. 295).

As descontinuidades e fragmentações tão próprias desse gênero produzem uma ilusão de espontaneidade e imediatismo, que demarcam o território distintivo do diário, das outras formas textuais que compõem a escrita de caráter autobiográfica.

A partir da definição de autobiografia proposta por P. Lejeune (2008) percebe-se o diário, portanto, como um relato fracionado, escrito retrospectivamente, mas com um curto espectro de tempo entre o acontecido e o registro, em que um “eu”, com vida extratextual comprovada ou não, anota periodicamente, com o amparo das datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos fatos.

TRÊS CAMINHOS: UM MESMO HOMEM

A promessa frustrada: de um desencontro, o encontro

“Era-se assim posso dizer – destino eu ser o seu divulgador” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* BANDECCHI 1974, p. 7), é dessa forma, que Pedro Brasil Bandecchi relata no prefácio do diário de Couto de Magalhães o caminho que percorreu até o seu encontro com esses escritos e a tarefa que, conforme ele mesmo afirma, foi-lhe conferida pelo próprio destino: ser o divulgador desses registros íntimos. Bandecchi aguardava ansiosamente o cumprimento da promessa de Agenor Couto de Magalhães de lhe presentear com o diário de seu tio José Vieira Couto de Magalhães, até que o infortúnio adiou seus

³ Em: <http://www.portugues.com.br/redacao/diario-um-genero-discursivo.html>. Acesso em: 27 de março de 2012.

planos: Agenor morre, sem realizar o prometido. O grande interesse desse historiador em ter em suas mãos tal diário é compreensível, por se tratar de um “Homem de grandes feitos”.

José Vieira Couto de Magalhães nasceu na cidade de Diamantina, em 1837, filho do capitão Antonio Carlos Magalhães e Tereza Antonia do Prado Vieira. Sua trajetória chama atenção por ter sido um importante político, militar, escritor e folclorista brasileiro. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Antes dos 31 anos já havia ocupado cargos de presidente das Províncias de Goiás (1863-1864), Pará (1864-1866) e Mato Grosso (1867-1868), sendo que sob o governo desta última galgou grande prestígio social ao ser nomeado general pela sua atuação na Guerra do Paraguai, adentrando na História brasileira como grande herói nacional. O último cargo de presidente de província que ocupou foi na gestão de São Paulo no ano de 1888. Contudo, em 1889, com a instauração da República, Couto foi afastado dessa função por causa de suas convicções monarquistas. Escreveu inúmeras obras das quais destacam-se: *A Revolta de Felipe dos Santos em 1720* (1859), *Os Guaianases* (1860), *Viagem ao Araguaia* (1863), *O Selvagem* (1876) e *Ensaio de antropologia* (1894) e *Anchieta e as Línguas Indígenas* (1897)⁴ (JORGE, 1970).

Já perdidas as esperanças de ter acesso ao diário, Bandecchi descobre que esses escritos foram doados ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. De posse dessa informação, parte para a pesquisa nesse arquivo para realizar o tão almejado sonho de encontrar o documento que lhe permitisse trazer a lume um pouco da vida íntima do general. “Cumprindo o seu destino”, Bandecchi publica o fac-símile do diário em 1974 transcrevendo apenas alguns trechos no prefácio.

O diário publicado por Pedro Brasil Bandecchi corresponde ao período em que Couto de Magalhães encontrava-se em São Paulo, entre os anos de 1887 a 1890. Nesses escritos o general relata fundamentalmente: seus negócios, estudos sobre astronomia, doença e política. Contudo, as partes mais “picantes” do diário em que ele dedicou-se a desnudar sua intimidade por intermédio da escrita dos seus sonhos foram expurgadas, sofreu várias “censuras”, desde trechos riscados a folhas arrancadas (COUTO DE MAGALHÃES, 1974).

Provavelmente os “cortes” feitos no diário, foram realizados pelos seus familiares, já que seus escritos estiveram tanto em posse de seu sobrinho Agenor Couto de Magalhães, quanto de seu irmão Antonino Couto de Magalhães. (COUTO DE MAGALHÃES, 1974). Mesmo quase um século depois de sua escrita, alguns conteúdos expressos nele – como uma tendência homossexual por parte do general – ainda eram considerados importunos para

⁴ A obra *Anchieta e as Línguas Indígenas* foi escrita por ocasião do tri-centenário do famoso jesuíta.

tornarem-se públicos. Esse fato, explica a relutância do sobrinho do diarista para cumprir o prometido ao historiador. As notícias que chegaram ao próprio Bandecchi também corroboram essa hipótese: “Haviam me dito que o Agenor estava demorando em me entregar o Diário devido a algumas anotações cuja divulgação não seria, ainda hoje, conveniente” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* BANDECCHI, 1974, p. 8, grifos do autor).

O corte das “anotações inconvenientes” desse diário foi o que motivou essa pesquisa a adotar os escritos autobiográficos de Couto publicado por Maria Helena Machado (1998) como objeto central dessa pesquisa, já que parte significativa desse estudo constitui-se em analisar os jogos de censura que permeiam a escrita do general principalmente no que tange ao aspecto da sexualidade. Nesse sentido, procurei examinar, não só o que ele permitiu-se contar, mas especialmente o modo como ele fez isso, no intuito de visualizar a singularidade da sua narrativa que parece afrontar os valores morais de sua época.

Que o acaso nos guie

Quando realizava uma pesquisa sobre a Abolição em São Paulo, no Arquivo do Estado de São Paulo, Maria Helena Machado teve uma “descoberta fortuita” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 09), ao deparar-se com “dois cadernos, anônimos, de capa preta, cuja leitura tornou-se, desde as primeiras páginas, uma atividade completamente fascinante” (Idem, p.10) Sem identificação, o autor do diário revela-se ao “transcrever um telegrama auspicioso” (Idem, p.10) mostrando-se o receptor da correspondência. Comparando os escritos que tinha em mãos, com o fac-símile do diário publicado por Pedro Brasil Bandecchi ela não teve dúvidas, a letra, o estilo, as lembranças e outros aspectos, lhe revelaram a personagem oculta naquele manuscrito: José Vieira Couto de Magalhães.

Como Maria Helena Machado, o meu encontro com o diário foi ao acaso. Eu não tinha muito conhecimento de quem fora Couto de Magalhães, até que de uma feliz pesquisa no acervo pessoal do meu orientador, o professor doutor Robson Mendonça Pereira, ainda no período de graduação na Universidade Estadual de Goiás (UEG), deparei-me com um livrinho, que de tão pequeno, parecia insignificante. Mas, com o avanço na leitura, percebi o valor daquele diário.

Na época, eu pesquisava o diário do político republicano paulista Altino Arantes. Mas, talvez seduzida ao primeiro momento pelo feitiço das fontes autobiográficas, o registro de Couto me pareceu mais atraente. Por seu tom mais revelador em relação à narrativa do

republicano, a escrita do general pareceu-me mais sincera, e por sua vez, mais verdadeira, tornando o desnudar da sua vida um exercício sedutor.

Aquele pequeno, mas ao mesmo tempo grande diário pelo teor de suas informações, me incitou ao desejo de analisar o manuscrito original. Em julho de 2011 estive no Arquivo do Estado de São Paulo, onde Maria Helena P. T. Machado (1998) informa tê-lo encontrado. Contudo, foi frustrante receber a notícia de que eu não poderia ter acesso ao manuscrito porque esse documento não fora localizado. O mesmo problema que eu enfrentei, também é descrito por Márcio Couto Henrique (2008):

Durante o mês de abril de 2006 estive em São Paulo a fim de consultar o manuscrito original, correspondente ao diário íntimo do general Couto de Magalhães, encontrado fortuitamente pela historiadora Maria Helena P. T. Machado no acervo do Arquivo do Estado de São Paulo. Infelizmente, apesar dos contatos prévios realizados com funcionários do arquivo, que chegaram a confirmar a localização do manuscrito, o documento original não foi localizado [...]. (HENRIQUE, 2008, p. 6).

Diante desse infortúnio minha única opção foi analisar o diário de Couto de Magalhães publicado pela historiadora Maria Helena P. T. Machado (1998). Nessa caminhada também levantei uma série de bibliografias que analisavam a vida e a obra dele. Dentre essa gama de leituras, uma dissertação intitulada *Araguaia-natureza, Araguaia-projeto: paisagens socioambientais em Couto de Magalhães: século XIX* de Carcius Azevedo Santos. Este informa, que um exemplar do diário publicado por Bandecchi, encontrava-se na biblioteca da UnB. A dificuldade em comprar esse diário, levou-me a ir às prateleiras dessa instituição, para realizar a pesquisa na difícil tarefa de transcrever seu conteúdo.

O encontro com esses diários foi feliz, independente dos caminhos traçados até encontrá-los. No correr da pena, por intermédio de uma narrativa singular, os registros de Couto criam novos mundos e maneiras de compreensões de si, que tornam a tarefa de entender como ele atribuía sentido a sua vida por meio da escrita, um exercício fascinante, sem dúvida.

“MAPEANDO” O DIÁRIO

Na leitura de diários, é interessante tentar encontrar entre os diversos caminhos que a narrativa autobiográfica nos leva, atentar-se as suas peculiaridades e singularidades, visando delinear os seus códigos de escrita: a organização, a regularidade, o capricho na letra e no estilo. Contudo, talvez mais interessante seja perceber as variações de censura do autor, delineando-se o que ele permite-se dizer a mais e de que forma ele diz. Seguindo essa linha de

pensamento, procuramos nesse tópico, realizar um esquadramento do diário de Couto de Magalhães, na tentativa de compreender como essa personalidade fornece corporeidade não somente ao seu texto, por meio do uso dos seus códigos de escrita e de estruturação do diário, mas também, a sua própria vida.

A codificação, a organização, as maneiras de significar o seu texto, o enfoque concedido a cada assunto, a condução da narrativa, são vias de acesso importantes para tentar adentrar ao universo do diário íntimo de José Vieira. Contudo, o estudo empreendido aqui não terá como objetivo interpretar essa personalidade, rumo a uma busca essencialista que revelaria à verdade do autor, ou mesmo dar a “voz” a ele. O intuito primordial dessa análise consiste em tentar compreender como ele mesmo, por intermédio de seu texto autobiográfico, interpretava-se na busca de atribuir sentido a própria existência, tendo como ideia guia de estudo que essa personalidade é acima de tudo um homem de carne e osso e por isso repleto de ambiguidades e incoerências.

COUTO DE MAGALHÃES: O GENERAL DE SI

Ao cair da noite, no cenário nublado do julho londrino, Couto lança mão a sua pena para prosseguir ao seu costume de narrar-se por meio do registro autobiográfico. Na solidão de seu quarto de hotel continuava, no hábito costumeiro de traçar os contornos de sua vida por intermédio da escrita daquelas páginas em branco:

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO

31 de julho de 1880 Saturday: Fechei ontem o caderno com este ano e principio este às 9h1/4 da noite na casa nº 2 de Park Place (Regent's Park)". (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 56).

O hábito de registrar a vida no papel parecia ser um exercício constante e de longa data na vida do general, “[...] todos seus biógrafos afirmam ter sido Couto de Magalhães um escritor compulsivo de diários [...]” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 20). A sua prática regular de narra-se por meio de seu texto íntimo destoa do perfil de grande parcela dos indivíduos que começam essa atividade: por exigir certa disciplina, o prazer por escrever diários pode logo cessar, sendo o exercício da escrita interrompida ou mesmo abandonada. Dessa forma, muitas vezes, o diário é:

[...] uma atividade passageira, ou irregular. Mantemos um diário durante uma crise, uma fase da vida, uma viagem. Começamos, largamos, reencontramos o diário... São raras as pessoas que se obrigam durante um

período longo diariamente, anotando o máximo possível de coisas. A maioria dos diários seguem um tema, um episódio, um só fio de uma existência. Uma vez virada a página, esquecemo-nos dele, às vezes, o destruimos [...] (LEJEUNE, 2008, p. 257).

O diário de Couto de Magalhães em apreço foi escrito de 1880 a 1887, a maior parte dele foi redigida quando encontrava-se em Londres. O último registro que o general realizou nesse lugar é datado no ano de 1881. Após um intervalo de três anos, ele só voltou a escrever em 1884, já em São Paulo⁵. Maria Helena P. T. Machado (1998) esclarece que esse diário é constituído de dois cadernos de capa dura preta que foram publicados na forma de um único diário.

A organização do diário⁶ é realizada por Couto de Magalhães na divisão do mesmo, em Seções. Tanto o primeiro caderno como o segundo estão divididos em duas partes: Seção 1 e Seção 2⁷. No primeiro caderno escreveu principalmente sobre negócios, seus anseios, notas do cotidiano, formas de encontrar um ideal de felicidade, leituras sobre tratados medicamentosos – principalmente os que são influenciados pelas ideias dos aforismos de Hipócrates – dietas alimentares e as suas atividades corporais. No segundo caderno, o assunto inicial e principal do seu texto (por dedicar significativa atenção ao tema) consiste em relatar as suas atividades oníricas que expressam um caráter sexual muito aguçado em que mescla sonhos prazerosos tanto com homens, como com mulheres, apesar do primeiro ser preponderante. Nessa parte, o general também dedicou a sua atenção a outros pontos, nos quais destacam-se: a sua preocupação em planejar tarefas a serem realizadas, principalmente no que tange as atividades relativas a seus negócios, o relato e a análise de extratos

⁵ Maria Helena P. T. Machado não esclarece se nesse intervalo Couto parou de escrever, ou mesmo se tem algum indício que essas folhas possam ter sido arrancadas do manuscrito já que o processo de edição sofrido em diários não é algo tão incomum assim, seja ele feito pelo próprio autor, como por parentes e familiares.

⁶ Na introdução do diário, Maria Helena P. T. Machado não deixou claro, se no processo de publicação do mesmo, foi mantida a organização feita por Couto de Magalhães. Contudo, em comunicação via e-mails, ela esclareceu-me que preferiu respeitar a estruturação realizada pelo diarista.

⁷ A leitura do diário não permitiu perceber o elemento aglutinador que une os elementos narrativos a Seção 1 em sua distinção com Seção 2, tanto no primeiro como no segundo caderno. Seguindo a ideia exposta por Lejeune, o pesquisador tem que aceitar a sua incapacidade de tudo compreender e de tentar aplicar a tudo uma coerência, principalmente quando se trata de um documento tão intimista como o diário íntimo, em que os códigos de organização da escrita e o significado do texto são tão próprios do diarista que as leituras desse documento realizadas por terceiros nunca vai capturar de forma total seus códigos e os seus significados, pois “nenhum leitor externo poderá fazer a mesma leitura que o autor, embora leia justamente para conhecer sua intimidade. Vocês nunca vão saber realmente o que o texto do meu diário significa para mim. O descontínuo explícito remete a um *continuum* implícito cuja chave só eu possuo, e isso sem ter recorrido a nenhuma linguagem cifrada” (LEJEUNE, 2008, p. 299).

medicinais, a observação das suas atividades corporais, a caligrafia e modos de como encontrar a tranquilidade na vida.

O fato de Couto de Magalhães deixar os seus registros em cadernos não é de forma alguma irrelevante. Lejeune (2008) distingue dois tipos de suporte possíveis de diários: folhas soltas e caderno. A preferência por este último para Couto de Magalhães significava uma esperança de permanecer no tempo, uma forma de agir sobre o seu passado para que a força do tempo não desvanecesse as suas lembranças, principalmente no que tange as de seus “feitos gloriosos”. As folhas soltas poderiam perder-se com o decorrer dos anos, e a promessa de continuidade no tempo por meio de seus escritos seria frustrada. “Por mais irregular que seja a prática da escrita” de um caderno, “por mais incoerentes ou variáveis que sejam os temas abordados e as opções feitas, quem escolhe esse suporte parece ter adquirido uma espécie de seguro de vida: o caderno vai *cicatriz*ar, encadear e fundir tudo” (LEJEUNE, 2008, p 292).

A escolha do material dos cadernos, a capa dura, também é um ponto pertinente a salientar. Ela é mais resistente ao tempo, difícil de estragar e de deteriorar-se. Esse artefato era uma promessa de maior resistência as intempéries do que uma simples folha de papel como capa. A preferência por um material mais forte e durável reforça a hipótese de que um dos intuitos de Couto ao escrever uma narrativa sobre si era de que seus escritos íntimos ficassem para a posterioridade. O próprio ato de conservar seu diário já nos dá indício dessa vontade de Couto de permanecer no tempo por meio da sua escrita, pois “guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor usufruí-lo; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, poderia ter sido consumido, esquecido, destruído, virado lixo” (CUNHA, 2009, p. 260).

Maria Teresa Cunha (2009) assinala uma pesquisa, de Manuel Alberca, estudioso de diários, que aponta que 63% desses escritos, são “destruídos com as mãos: rasgados, arrancadas as folhas e levadas ao fogo, cortados com tesoura ou outra ferramenta” (ALBERCA *apud* CUNHA, 2009, p. 272). Sendo assim, essa autora conclui, respaldada pela sua experiência de estudo com esse tipo de registro confessional, que a “ânsia de escrever e guardar pode ser proporcional ao desejo de mostrar-se para a posterioridade, de preservar-se do esquecimento pela escrita”.

Henrique (2008) salienta, que um estudo das entrelinhas da obra *Memorial de Ayres* escrito por Machado de Assis, um perspicaz observador de sua época, também é possível

perceber, que no século XIX, havia uma prática de se destruírem diários. Ao explicar a descrição que se fazia das pessoas em seu memorial, o personagem Ayres diz: “Não sei se me explico bem, nem é preciso dizer melhor para o fogo a que lançarei um dia estas folhas de solitário” (MACHADO DE ASSIS, 2003, p.23).

Portanto, redigir o seu diário em um suporte de escrita mais resistente as intempéries da vida e guardá-lo são tentativas de fixar-se no tempo por meio do papel, sendo maneiras de resistir ao esquecimento, numa tentativa de salvar uma memória de si para a posterioridade.

A preocupação de Couto com a duração de seus escritos estava diretamente ligada com o atendimento de uma das funcionalidades de seu diário: a necessidade de autoregulação, disciplinarização ou, como coloca Foucault, “adestramento de si” (2010). Essa função tinha como objetivo alcançar um “melhoramento” futuro: o general acreditava que posteriormente poderia corrigir as mazelas (físicas ou morais) que o afligiam no presente da escrita autobiográfica. Por isso, a conservação do registro era importante, porque para ele, era a garantia de fixar por meio da escrita, o que era para ser corrigido, regulado para conseqüentemente ser melhorado. Nesse sentido, Lejeune (2008) esclarece que historicamente é possível datar dois grandes movimentos de interiorização:

O mais antigo foi o do autovigilância. Instalar um juiz no interior de cada indivíduo. Essa interiorização do olhar repressivo foi preconizada pela primeira vez no século 4 por Santo Agostinho, grande patrono do diário íntimo profilático ou preventivo [...] A outra interiorização, em voga hoje e inversa à anterior, é a do olhar amigo [...]. Não se trata mais de incorporar um confessor, mas um confidente. (LEJEUNE, 2008, p 312).

O diário de Couto atende mais ao primeiro movimento de interiorização relatado por Lejeune, o de autovigilância⁸. Contrariando assim, a prática de muitos diaristas que tratam os seus registros como um amigo, emprestando-lhes, “[...] qualidades humanas, visualizando-os como seres masculinos ou femininos”, desculpando-se quando os negligenciam, agradecendo “seu apoio e sua felicidade”, ou mesmo “quando preenchiam um volume, [...] se despediam sinceramente, antes de continuar as anotações em outro” (GAY, 1999, p. 358), ele não demonstrou nenhuma dessas formas de afeição aos seus escritos. Mesmo, escrevendo a maior parte do relato em uma espécie de exílio, em Londres, em que não há registros de algum amigo próximo ou íntimo, os seus escritos não parecem ter uma função primordial de ser um

⁸ Apesar de, Couto de Magalhães construir sua narrativa atentando-se mais para a questão da autovigilância, a necessidade de confissão também constituía-se como um fator importante que o motivava a escrita de si, principalmente no que tange ao aspecto sexual.

“companheiro” confidente. Eles eram principalmente um meio de controlar a sua vida, para isto, estabelecia metas, métodos e fórmulas, para serem mensuradas e analisadas na sua busca rumo a um objetivo primordial: a vida sã, tanto fisicamente como espiritualmente:

Londres Sunday 1st August 1880

Para procedermos com método começemos por examinar quais são os elementos, os meios que se devem possuir para ser feliz.

O único elemento sobre o qual a humanidade está de acordo, se é que mesmo nisso está de acordo, é o *mens sana in corpore sano*, de Juvenal, isto é, UM ESPÍRITO SÃO EM UM CORPO SÃO. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 62).

A sua escrita caminha na direção de um sentido primordial: a busca pelo aprimorar-se. O general já era um homem maduro quando iniciou o registro desse diário, o que influenciou diretamente na forma como ele dirigia-se ao mesmo: sem esbanjar de um recurso linguístico que aflorasse afeição para com seus cadernos, tendo a moderação como uma característica marcante do seu discurso.

Mesmo que, a maturidade tenha influenciado na maneira como José Vieira referia-se ao manuscrito, outros diaristas que possuíam praticamente a mesma idade dele na época em que redigia os seus cadernos, isto é na faixa dos 40 anos, expressam uma relação de proximidade maior para com os seus escritos, como, por exemplo, o do republicano paulista Altino Arantes⁹. O diário para Altino era um confidente que lhe reconfortava perante a dor de ter perdido a sua querida esposa, no momento em que alcançava um dos cargos mais cobiçados da época, o de presidente do Estado de São Paulo:

Mas quanto me dói que à inesquecível companheira dos melhores quinze anos da minha existência, que a minha fiel e doce Maria não esteja ao meu lado para compartilhar do meu triunfo! Ela, que só pensava e sentia através do meu sentir e do meu pensar!¹⁰.

O ímpeto de Couto de tudo tentar controlar refletiu-se na própria estética de sua escrita. Ele criou uma forma própria de organizar seu diário que destoa de outros escritos do mesmo gênero. Se a maioria dos diários íntimos obedecem à ordenação rígida cronológica do tempo por intermédio da datação, a estruturação do texto por meio de temáticas parece ser um

⁹ Altino Arantes Marques (1876-1965) era natural de Batatais, próspero município cafeeiro do nordeste paulista. Foi político e administrador público paulista cuja trajetória ascensional se deu durante a Primeira República. Altino começou a escrever seu diário em primeiro de maio de 1916, indo até 28 de abril de 1920, início e término de seu mandato como governador paulista. Nele, o autor relata cronologicamente fatos ou acontecimentos do dia-a-dia, consigna opiniões e impressões, registra confissões e/ou meditações (ARAÚJO, 2010).

¹⁰ AESP. APAA. Locus: AP91.01.001. vol.1. [1º/5/1916].

dos eixos estruturais principais de organização dos seus escritos, tornando-se se não hierarquicamente superior, pelo menos equiparado a datação.

O fator principal de reconhecimento que distingue um diário de qualquer outro tipo de escrita é a data, ou seja, o diário é “uma escrita cotidiana: uma *série de vestígios datados*”, sendo assim, “um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital” (LEJEUNE, 2008, p. 259-260). Os escritos íntimos de Couto são todos datados, porém, não de forma rígida em um contínuo permanente cronológico.

Couto de certa forma “corrompe” a forma habitual de escrever diários, quando não segue a linearidade da datação vigente. No dia 4 de agosto de 1881, por exemplo, o general registra o que parecia ser a sua última anotação do período em que encontrava-se em Londres, o próximo registro foi datado em 31 de janeiro de 1886, quando Couto já encontrava-se no Brasil, mais especificamente em São Paulo, dando a entender que houve um intervalo de quatro anos e meio desde que decidiu retomar a escrita do diário. Contudo, nas páginas seguintes, Couto parece “editar” seu diário, e reordena-o retomando alguns de seus escritos de Londres, voltando ao ano de 1881 mais especificamente no dia 13 de janeiro, passando algumas páginas, ele já dá um salto para a data de 9 de junho de 1884, período em que já estava em São Paulo. Provavelmente a parte do diário que Couto escreveu em Londres no ano de 1881 foi retirada do mesmo e reescrita quando ele já estava em São Paulo. Esse trecho trata principalmente sobre a temática intitulada “extratos de medicina” em que privilegia o estudo da teoria hipocrática, provavelmente ela foi reincorporada ao registro para tentar sanar alguma dúvida sobre o que tornou-se quase uma “obsessão” de estudo de quando o general estava em Londres, a medicina. Dessa forma, o general prefere desestruturar temporalmente a ordem cronológica do diário dando preferência a uma ordenação temática, pouco habitual entre os diaristas.

A estruturação do diário processa-se por meio de títulos e subtítulos. Os títulos estão todos escritos com letras maiúsculas e estão dispostos na seguinte ordem sequencial: a) *Continuação do diário*, aqui tratou principalmente da reflexão sobre a divisão do tempo e como ele deveria ser utilizado; b) *Causas da divergência no ideal de felicidade*, aqui estudou sobre o que constituía a felicidade, que no seu parecer, estava diretamente ligada a uma vida sã tanto fisicamente como espiritualmente; c) *Diários de sonhos*, em que descreveu e analisou a sua vida onírica; d) *Diário de pequenas coisas a fazer*, a função dessa parte destinava-se a um tipo de “guarda-memória” das tarefas a serem realizadas; e) *Extratos de medicina*, esses

fragmentos destinaram-se principalmente, a anotar leituras que realizava sobre tratamentos medicamentosos no sentido de analisar qual seria a melhor maneira de aplicar essas terapêuticas em seu próprio corpo; f) *Pontos sobre os quais estou ainda em dúvida*, nesse momento da narrativa tratou basicamente do aprimoramento de sua caligrafia; g) *Diários de coisas a fazer*, nessa parte, apesar do título sinalizar de que, ele registrava planejamentos de tarefas a serem realizadas futuramente, na verdade, ele basicamente relatou os afazeres que tinha feito no transcorrer dos dias; h) *Da tranqüilidade. Make the Best of it*¹¹, aqui realizou elucubrações a respeito da insignificância do homem perante ao tempo e a natureza. Apesar, da organização do diário ter sido realizada em grandes temas, ele também mescla no decorrer dos mesmos, relatos do seu cotidiano, anotações de impressões, angústias e medos.

A estruturação do diário em temáticas de certa forma quebra com linearidade da narrativa, pois o texto não segue um norte contínuo tradicional, ocasionando um efeito estético de fragmentação da narrativa. Sendo assim, o seu registro não foi realizado de forma totalmente livre e espontânea, José Vieira tentou escrever basicamente aquilo que inseriu-se dentro dos liames do tema escolhido, apesar de mesclar outros assuntos nas mesmas.

O ordenamento complexo da sua escrita (em temas, títulos, subtítulos) reflete a própria personalidade do autor: homem regrado e metódico que deplorava a vida desordenada:

Thursday 5th August 1880. Chegaram-me hoje de Paris diversos livros que estou devorando – *História da literatura grega*, de Bourroul, e Tardieu, *Atentados contra os costumes*; este último faz uma pintura tão viva e triste do deboche que é a meu ver uma boa cura para todos aqueles que sentirem-se tentados de seguir a vida desordenada dos devassos. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 67 e 68, *grifos do autor*).

A preferência por uma organização mais “elaborada” na escrita de seus cadernos está intrinsecamente ligada a uma de suas funcionalidades: eles eram usados também como um material de estudo. Sendo que, um dos principais objetos de sua análise era ele mesmo. Seguindo, de certa forma, um modelo de método científico, ele observava-se, analisava-se, realizava leituras que podiam contribuir na sua vida, experimentava-as, para chegar a um melhor resultado. As temáticas principais do seu diário - no sentido de que dedicou grande parte dos seus escritos a relatá-las - estão relacionadas com algum tipo de análise que ele estava empreendo, das quais destacam-se: a medicina, o corpo, a saúde, a doença, os sonhos e seus planejamentos, principalmente aos que tangem aos assuntos de negócios.

O hábito de Couto de Magalhães empreender os seus escritos íntimos como um meio de estudo também pode ser visualizado no diário publicado por Pedro Brasil Bandecchi no

¹¹ Aproveite o máximo.

ano de 1974, em que podemos vislumbrar o entusiasmo dele perante suas análises sobre a astronomia:

25 de 8th de 1887, Thursday

[...] Continuo muito e muito [...] satisfeito e alegre com os estudos da astronomia. Ainda não me chegou o equatorial que mandei vir da Inglaterra e nem o plano para o observatório, o que equivale a ter tudo parado até que cheguem. Em compensação tenho quando possível, estudado o céu e as notas que aqui ficam dão ideia do trabalho. Ando lendo as obras de Yung – *The Sun*, que é encantadora (COUTO DE MAGALHÃES, 1974).

O gosto de Couto pelo estudo da astronomia o leva a montar, em 1887, na sua casa da chácara em Ponte Grande às margens do rio Tietê um observatório astronômico. O primeiro que houve em São Paulo, posteriormente doado à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

A ordenação e o regramento características marcantes da personalidade Couto de Magalhães, também fazem-se sentir no capricho que ele tinha com a letra. Há todo um processo e um método rigoroso que seguia no ato de escrever. Ele lia manuais de caligrafia (como o *Rapid writing*¹²), dedicava horas de seu dia, avaliando, mensurando, chegando a resultados, na busca pela resposta de qual seria, a melhor maneira de executar “arte de escrever”:

Londres, 14 de fevereiro de 1881. Tenho estado estudando estes dias a arte de escrever; tenho feito até o presente pouco progresso; já fiz, porém, bastante para reconhecer o quão defeituoso era o meu anterior sistema de escrituração, e se bem que podia não possa executar uma boa escrita, contudo me parece que estou no caminho próprio para chegar a esse *desideratum*¹³. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 226).

No século XIX o cuidado com a escrita era muito comum, principalmente no que tange a escrita de outro tipo de gênero confessional, as cartas. Peter Gay (1999) destaca um fragmento de uma missiva de Marcel Proust, redigida em 1888, quando tinha dezessete anos, destinada ao amigo de escola Robert Dreyfus, em que é possível observar a preocupação com a caligrafia: “Desculpe minha letra, meu estilo, minha ortografia. Não ousou reler o que escrevi, quando escrevo às pressas! Sei perfeitamente que não se deve escrever apressadamente, mas tenho tantas coisas a dizer: elas surgem como ondas” (GAY, 1999, p. 351).

O capricho na letra era estimulado no período oitocentista pelas próprias escolas que “treinavam os alunos em caligrafia, de modo que não era raro encontrar quem escrevesse com rapidez e legivelmente” (Idem. p.351). Mesmo que, as escolas no período oitocentista,

¹² Manual de caligrafia popular da época.

¹³ “Aspiração”, em latim.

incitassem o apreço pela caligrafia, à preocupação de José Vieira com esta, chega a ser excessiva – como tudo que gerava interesse de estudo nessa personalidade – fato, que pode ser observado em diversos momentos do diário. No dia 14 de fevereiro de 1881, quando estava em Londres, parece dedicar significativa parte do dia só para encontrar a forma ideal para escrever:

PONTOS SOBRE OS QUAIS ESTOU AINDA DÚVIDA

1. Convém deitar a mão um pouco para o lado direito de modo que ela descanse nos lados esquerdos das unhas dos dedos 4 e 5 ou não?

2. (o plano da mão direita deve estar paralelo ao papel) A falange superior do dedo mínima deve estar por baixo da falange correspondente do dedo nº 4 ou paralela? Por baixo e a mão deve assentar no nome dos ditos dedos.

3. O dedo grande deve apertar a pena pousado por assim dizer por baixo dela, ou acima, calcando sobre o dedo nº. 3 e sobre o dedo nº 1.

4. Será melhor mover a mão da direita para a esquerda, conservando os dedos de movimento no mesmo lugar, ou será preferível ir movendo os ditos dedos à proporção que a palavra vai progredindo? O último.

5. Convém que os dedos números 4 e 5 estejam com as últimas falanges voltadas para a palma da mão ou convém que estejam um pouco em pé – que estejam um pouco voltadas para dentro.

6. A separação ou, digo, o vértice do ângulo formado pelos números 3 e 4 compreende somente as duas primeiras falanges do topo ou atinge médias ou mesmo além? Os três primeiros dedos são independentes.

Solução

Escreve uma linha sem tirar a...

A pena que aponte um pouco para o lado direito do ombro direito.

MÃO VOLTADA PARA A DIREITA, pena do papel tratando de fazer as letras o mais perfeitamente que pudeses, ensaiando todos os diversos sistemas, e aquele com o qual você puder executar este trabalho certamente que será o melhor, contanto que as letras sejam todas igualmente claras e bem formadas.

Não descansando nos topos 3 e 5, escreve uma linha sem tirar a pena do papel por um e outro sistema, e aquele com o qual pudeses escrever certamente que será o preferível.

Pelos desenhos *this written*.

Observação importante

A pena deve escrever à esquerda da mão do escrivão; quanto a obter com isso a necessária inclinação, é matéria que será estupidamente verificada e estudada depois.

Observação não menos importante

Volta o teu punho para a direita do teu antebraço quando for compatível com a regra de ter o topo da pena apontada para o lado direito do teu ombro direito.

Convém notar que o fato de dobrar o punho não impede que a pena aponte um pouco para o lado esquerdo da mão direita.

Nota feita à noite

A posição da mão varia segundo se está escrevendo no princípio da linha, no meio ou no fim. Isso é a coisa para ser investigada depois.

É necessário observar igualmente que quando se tem o cotovelo *out*, a posição da mão também varia, em muito, da posição da mesma quando o cotovelo está junto do corpo (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 227-230)

A análise desse relato demonstra que o processo de composição de si mesmo era realizado, meticulosamente, por José Vieira meticulosamente. A caligrafia deveria ser exemplar, por isso, ele estudou minuciosamente a “arte de escrever”: o movimento da mão, a posição da pena, como descansar o braço, análise e soluções para corrigir os defeitos da escrita, dentre outros. Além de o diário ter que perdurar ao longo tempo, ele teria que ser também esteticamente apresentável.

Outro ponto em que pode-se perceber o uso do diário como um instrumento de controle está na análise das partes em que ele dedicava-se em relatar as suas finanças. Um perspicaz homem de negócios, o general firmou o seu nome na história como um grande empreendedor, por isso era necessário ter na “ponta da pena” o balanço das suas economias:

Renda segura que tenho hoje, **12 de agosto de 1880.**

	Capital	Renda
Apólices do Brasil 6%	200:000\$	12:000\$
200 50 ações do Banco do Brasil	10:000\$	1:000\$
365 das da Companhia de São Paulo-Rio 7%	73:000\$	5:110\$
42 apólices do Pará 8%	42:000\$	3:360\$
10 <i>consols</i> ingleses L. 10 000 3%	1000:00\$	3:000\$
50 <i>bonds</i> argentinos ¹⁴ 1871 6%	50:000\$	3:000\$
	475:000\$	27:470\$
Deduzindo despesas anuais no Rio e no Pará	5:470\$	
	82\$	2:400\$
Mais a 25 de agosto 86 a 3%	557:000\$	24:400\$

Transcrito de: José Vieira Couto de Magalhães: diário íntimo

¹⁴ A autora Maria Helena P.T Machado (1998) esclarece que *bonds argentinos* “são títulos do Tesouro Nacional, e *consols*, ou *consolidated annuities* – também do inglês -, são títulos da dívida pública” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MAGALHÃES, 1998, p. 54).

Registrar as finanças em diários era uma prática comum do século XIX, conforme atesta o historiador espanhol Manuel Alberca:

[...] há um conceito econômico *burguês* que inspira a escrita de diários, segundo o qual a personalidade vai se formando como um balanço de entradas e gastos em consonância com uma de suas possíveis origens históricas: o *livro de contas* ou o *livro de família*, onde se anotavam as cifras da economia familiar; uma maneira, portanto, de registrar por escrito as “entradas” e “saídas” das “contas da vida” (ALBERCA *apud* CUNHA, 2009, p.256, *grifos do autor*).

Detentor de uma enorme fortuna, possuindo mais capital do que tempo de vida para gastá-lo, como afirma o próprio general, depois de realizar um balanço de sua fortuna, no dia 31 de julho de 1880, “[...] Passei o dia fazendo um resumo do estado atual da minha fortuna e cheguei a conclusão que possuo muito mais capital dinheiro do que capital tempo” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.56), José Vieira, ainda assim, possuía medo – infundado como ele mesmo concluiu – de perder sua riqueza:

Parece que há uma maldição na riqueza e é: quanto mais temos, tanto mais nos parece que é necessário para vivermos. Eu ouvi isso muitas vezes, e sempre que isso ouvia, me dizia a mim mesmo que eu seria uma exceção a essa regra, e não fui, mas hei de ser ainda; **por quanto o receio de ser pobre, receio infundado**, só se apodera de mim quando estou desprevenido, e é nessas ocasiões que a necessidade de adquirir novas riquezas surge de novo poço em que eu tentei sufocá-la (Idem, p. 71, **grifos meus**)

O receio de ficar pobre parece que estava ligado diretamente com outro medo, o do futuro. O verbo controlar parece perder seu poder de ação quando fala-se em termos vindouros. O que ainda estava por vir, assustava-o, por ser o desconhecido, que podia lhe trazer o que não estava planejado ou previsto, desestruturando a estabilidade do seu presente e apagando a imagem que gabava-se em manter: homem rico e de grande prestígio social.

Provavelmente o seu apreço pela organização, pelo conhecimento e controle das “técnicas de si” são provenientes ainda do seu período de escolarização em que ele deve ter aprendido uma diversidade de mecanismos de disciplinarização de si. Estudou, primeiramente, no Seminário do Caraça em Minas Gerais, instituição de ensino conhecida no período oitocentista por seu rigoroso sistema de ensino, exigia “coerência e seriedade pedagógica dos professores, séria disciplina (muitas vezes, por demais rígida), absoluta pontualidade e cadência ritualística dos dias e das atividades. [...] Indisciplina, ‘colas’, maus

hábitos escolares, brigas e preguiça não eram bem vistos pelos professores e eram inaceitáveis no esquema educacional caracense”¹⁵.

Posteriormente, Couto ingressou ainda muito jovem na carreira militar, mais especificamente na Academia Militar do Rio de Janeiro, onde foram trilhados os seus primeiros passos no militarismo. As experiências de vida aprendidas desde a infância levaram-no a adquirir hábitos e “técnicas de si” que refletia diretamente no modo como ele estruturava os seus cadernos íntimos.

A escrita do seu diário íntimo revela um conjunto de gestos ritualizados que contribuem para um engajamento de si na produção escrita da identidade: escolher o suporte mais adequado para a escrita, as peculiaridades da organização, recolher-se a um canto, concentrar-se sobre si mesmo, filtrar os acontecimentos do dia-a-dia, fixar o que se julga relevante, elaborar códigos pessoais para esconder o “indizível” e o capricho na letra. Todos esses elementos demonstram que a escrita do general implicava um certo aprendizado e labor que transbordava de mecanismos de saber e de procedimentos discursivos que o auxiliava na tarefa de composição de si por intermédio da narrativa.

Um ideal de regramento almejado por Couto reflete na estruturação e na forma como empreende a escrita, demonstrando traços de uma personalidade metódica e sistemática, em que a organização e o controle tornaram-se palavras de ordem no modo como o general procurava conduzir a sua vida e a escrita do seu diário. Era de acordo com o seu horizonte de expectativas que ele tentava moldar o seu presente, escrever “hoje” significava perpetuar no amanhã o que ele era idealizado e almejado no presente da escrita, em uma luta contra a força do tempo de apagar o que proporcionava estabilidade ao seu presente, ou seja, os traços identitários que o fazem reconhecer o mesmo no decorrer do tempo, e de que ele tanto orgulhava-se: homem de grande prestígio social, rico, forte, e o mais importante herói nacional. Escrever, portanto, para essa personalidade, era tentar por sua vida em ordem, procurando dominá-la em todas as suas facetas, agindo sobre ela, no sentido de compreender o passado para tentar controlar o futuro.

A tarefa de apresentar o gênero autobiográfico - no intuito de melhor compreender o que constitui um diário - e, por sua vez, mapear o registro íntimo de Couto, forneceu subsídios para vislumbrar as peculiaridades da sua escrita que se expressa na forma como ele buscou organizar e estruturar seu diário. Diante desse cenário insurge uma pergunta: O que é

¹⁵ Em: http://www.santuariodocaraca.com.br/peregrinacao/educacao_caracense.php. Acesso em: 2 de setembro de 2012.

um diário íntimo para Magalhães? É diante da resposta dessa questão é que se procurou dividir os capítulos da dissertação.

No primeiro capítulo, intitulado *Um herói nas malhas da sensualidade* realizou-se um “itinerário” a respeito de como Couto procurou formular uma imagem heroica para si por intermédio de uma gama de documentos que serviam como um tipo de “guarda memória” que tinha como objetivo preservar o seu nome do esquecimento. São eles: livros, relatórios, retratos e diários.

Embora o diário de Couto seja um registro cotidiano datado que relata as aflições, os anseios e os acontecimentos de um passado “recém acabado”, esse documento está repleto de anotações de um tempo distante, que remetem a época de juventude, em que desfrutava de grande prestígio social. Amargurado com a sua vida ao perceber que tudo aquilo que tinha lutado, os seus referenciais, os valores e concepções em que acreditava e defendia, estavam desmoronando com os “rumores” da instauração da República, Magalhães procurou atribuir sentido a sua existência no presente da escrita autobiográfica com outro tempo, o do passado.

Nesse capítulo é possível também vislumbrar um dos pontos mais interessantes da análise de um diário: a ambiguidade. Se em muitos momentos de sua vida pública, Couto demonstrou ser um homem sintonizado com as concepções políticas de sua época, na esfera privada parece que negou veemente os valores morais de seu tempo, apregoados pela medicina social e pela Igreja Católica, principalmente no que tange ao aspecto sexual.

A maneira como José Vieira procurou expressar a sua sexualidade no diário é um fato que chama atenção: por intermédio do relato dos seus sonhos, que mesclava desejos eróticos tanto com homens como com mulheres, apesar do primeiro ser predominante.

A complexidade em analisar esse tipo de material, o mundo onírico, me fez relutar inicialmente a adotar esse aspecto como um norte de pesquisa. Contudo, novas perspectivas analíticas se desvelaram após a leitura atenta do livro *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de José Vieira de Couto de Magalhães (1880-1887)* de autoria de Márcio Couto Henrique, que estudou os sonhos de José Vieira. O autor percebeu certa originalidade na forma como Magalhães interpretava seus sonhos, sem sentimento de culpa ou autocondenação em manifestar uma tendência homossexual, em pleno século XIX, época em que os amantes do mesmo sexo, eram vistos como loucos e perversos. A partir da análise empreendida por Henrique, senti-me mais encorajada para empreender esse estudo e também não posso mentir

que, a curiosidade em “vasculhar” a intimidade alheia, também foi um fator estimulante para me lançar nessa aventura.

Ao ler outro artigo de Henrique intitulado *A rainha e o general - uma leitura foucaultiana do diário íntimo de Couto de Magalhães* percebi que tínhamos opiniões diferentes a respeito do que poderia ter influenciado Couto a decifrar o seu universo onírico de maneira distinta aos valores de sua época. Na acepção de Henrique (2009) o ponto central para compreender esse fato encontra-se na análise foucaultina do mundo grego clássico. Contudo, o estudo dos indícios deixados por esse indivíduo em seu diário me mostrou outro caminho interpretativo. Percebi e construí um texto defendendo a hipótese de que é na cultura indígena que Magalhães tanto admirava, que encontra-se a chave de entendimento da originalidade da escrita de Couto em relação ao seu universo onírico.

Observa-se que o diário era para Magalhães um meio de autoconhecimento que proporcionava uma sensação de controle em todos os ramos de sua vida, inclusive a sexualidade. Controlar era uma palavra de ordem para ele, que prezava tanto por sua representação social hercúlea. Nesse sentido, observa-se da análise do seu diário uma preocupação excessiva de Couto com seu próprio corpo. Dessa forma, o segundo capítulo tem como objetivo demonstrar como essa personalidade procurou empreender cuidados corporais que pudessem lhe garantir a manutenção de sua aparência para que sua imagem fosse vinculada a de um homem forte, robusto e sadio. Ou seja, qualidades próprias de um herói nacional.

No terceiro capítulo intitulado *A medicina hipocrática: uma forma de controle corporal* analisa-se o diálogo que Couto estabelecia com as teorias e concepções médicas que vigoravam em sua época, a fim de encontrar um tratamento medicamentoso eficaz que pudesse afastar um dos seus maiores medos, a doença. Dessa confabulação é possível perceber, diante da variedade de leituras realizadas por ele, a predominância da medicina hipocrática. Baseado em um dos princípios fundamentais dessa teoria, a moderação, essa personalidade lutou para encontrar um ideal de equilíbrio, que lhe garantisse uma vida sã, não só fisicamente, como também espiritualmente.

CAPÍTULO I - UM HERÓI NAS MALHAS DA SENSUALIDADE

1.1. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM HEROICA PARA SI

Utilizando como base analítica as contribuições de Erving Goffman no seu livro *A representação do eu na vida cotidiana* acerca de suas discussões a respeito dos diversos papéis sociais que um indivíduo pode apresentar na sociedade, esse tópico tem o intuito de analisar como Couto procurou edificar uma memória heroica para si por intermédio de uma gama diferenciada de escritos: relatórios, obras, diários, dentre outros. Além disso, também é importante salientar os meios que possibilitaram a legitimação da imagem hercúlea que o mesmo gostava de ostentar.

No Império foi o pilar de sustentação que o possibilitou a galgar importantes vitórias em sua trajetória, e, por sua vez, a construção de uma imagem gloriosa para si. Nesse sentido, é importante também compreender o posicionamento de Magalhães diante das mudanças derivadas do advento da República, que significaram em muitos pontos, o desvanecimento de seus sonhos, projetos, e empreendimentos, mas acima de tudo, de seus préstimos de herói. Destarte, a partir de 1889, já não desfrutando da importância social de outrora, é possível observar que Couto procurou (re)formular a sua identidade na escrita de suas obras, com um outro tempo, o do passado.

1.1.1. Adentrando em cena: a sedução da “plateia”

A preocupação da elite intelectual do século XIX centrava-se em criar um sentimento de identidade nacional nos brasileiros por meio da formulação de uma história nacional fundamentada em mitos e heróis. O Brasil vivia, na primeira metade dos oitocentos, o conturbado período Regencial, cujas revoltas geravam na elite o medo da fragmentação política e territorial do país. Assim, emergiu-se desse cenário em 1838 o IHGB, que estruturou um projeto de “fabricação” de uma memória nacional que auxiliava a manutenção da ordem, mediante a preservação da integridade territorial, que seria assegurada por meio de um esforço efetivo de se “inventar” um passado comum para a nação que despontava. (CALLARI, 2001).

O IHGB tecia uma memória nacional abstraindo a composição de histórias regionais que pudessem desagregar a noção de conjunto que pretendia-se formar. A fim de, fixar uma

diretriz para a compreensão da história do Brasil, promoveu-se um concurso de monografias, do qual saiu vitorioso, em 1845, o alemão Von Martius, que em seu projeto desenvolveu a ideia de que a singularidade do Brasil estaria na interação das três raças formadoras da nacionalidade.

A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi um acontecimento crucial para solidificação do sentimento de patriotismo. As diversas regiões que durante o período regencial lutaram para tornarem-se territórios independentes uniram-se para combater um inimigo comum e externo. A partir da vitória brasileira, começaram a surgir símbolos que contribuiriam de forma decisiva para edificar o sentimento de nacionalidade, como: a bandeira e o hino nacional.

É nesse cenário, que Couto de Magalhães escreve suas obras no intuito não somente de contribuir a esse anseio da “inteligência” imperial de fabricar uma história nacional, mas também, para a edificação de uma memória heroica para si, que pudesse adentrar as páginas da História e ser por ela perpetuada.

Escritor fecundo desde os tempos de estudante da Academia de Direito, em São Paulo em 1862 Couto de Magalhães nobilitou-se, como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sendo o interlocutor do imperador ao publicar obras que informavam sobre os sertões e os indígenas brasileiros, nas quais destacam-se *Viagem ao Araguaia* de 1863 e *O Selvagem* de 1876.

Os livros de Couto de Magalhães, sintonizados com os anseios da elite de sua época, revelam o desejo de produzir uma história da nação brasileira autônoma, desvinculada das amarras de uma memória ligada à incessante lembrança de uma insignificante colônia sem sentido político, social e cultural próprio se não fosse pensada como mero território subjugado por sua metrópole (MACHADO, 2005).

O desejo de contribuir para a criação de uma história nacional foi-lhe estimulado desde a juventude, quando era um estudante na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. O sentimento de patriotismo impregnava os ares acadêmicos dessa época. Jovens narravam a Independência em tons laudatórios, descrevendo a figura de D. Pedro I como o grande símbolo libertador da nação brasileira do domínio português. Em uma carta de Couto de Magalhães ao seu amigo Homem de Melo é possível vislumbrar esse cenário no qual estavam inseridos essas personagens:

“Lembra-se ainda daquele nosso bom tempo, de saudosa memória, da rua da Forca? Formávamos um grupo engraçado e comico, sobretudo quando nos reunimos na sala de jantar. O Ferreira Dias palpitava de entusiasmo, lendo o

Lamartine; *V. estudava historia patria como um fanatico, gesticulava repetindo gestos energicos pedaços dos discursos fervorosos da época da Independencia, eu passeava de um lado para outro, com uma gravidade tudesca, estudando o alemão*” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* LEITE, 1936, p.2, *grifos meus*).

Para conseguir o êxito do empreendimento de formular para a nação brasileira uma identidade própria livre da memória do julgo português, a inteligência imperial acreditava que era necessário criar um repertório de imagens e símbolos nacionais. Desse cenário, emerge o importante papel dos construtores dos mitos da nacionalidade, denominados pela autora Maria Helena P. T. Machado (2005) de mitógrafos, a exemplo de José Vieira Couto de Magalhães.

A narrativa de Couto contava com uma engenhosa escrita comprometida na “fabricação” de mitos e heróis nacionais. Ao redigir o ensaio intitulado *Um Episódio da História Pátria* em sua juventude quando era recém-formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, ele retira das sombras do esquecimento um episódio histórico que ocorreu em 1720 em Minas Gerais, e o transforma em um verdadeiro mito, concedendo-lhe destaque para a deflagração da Conjuração Mineira. A revolta fiscal ocorrida nas Gerais, no governo do conde de Assumar, vista, inicialmente, como um insignificante fato de desobediência popular contra a cobrança da derrama pelo próprio conde, transformou-se mais tarde, como pode ser atestado no relatório do mesmo, foros de insurreição (MACHADO, 2005).

Além do mito, fazia-se necessário criar o herói. É assim que Felipe dos Santos urge em tom glorioso por meio da pena de Couto:

Dos conjurados um houve que, além de criminoso era impenitente. É Felipe dos Santos de quem atrás falamos. Filho do povo não era ele o cabeça, mas foi o braço mais enérgico dos conjurados. Era uma dessas almas excepcionais, cuja têmpera resiste aos golpes mais cruéis do destino. No dia antecedente ao que estamos, ele foi conduzido perante as justiças; os outros conjurados compraram a vida desculpando-se; Felipe dos Santos sabia que pagaria com a cabeça as palavras que ia dizer: com a consciência do homem que reconhece ter feito um voto de heroísmo, ele levantou-se sereno perante o juiz, e confessou de pleno, diz o general, todos os seus crimes (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 2005, 147).

Com uma capacidade imaginativa a florada, Felipe dos Santos ganha a característica de um grande herói, na escrita de Couto. Influenciado pela mentalidade de sua época, acreditava que era preciso “forjar” os mártires nacionais na tentativa de sobrepujar a imagem de subalternidade dos brasileiros em relação à antiga metrópole. Assim, ainda no referido ensaio, o general expressa que:

A história lutando com as sombras que condensam-se nesses três séculos, tem-lhe desfigurado a majestade, pintando o brasileiro sujeito a uma escravidão ferrenha, na qual nem ao menos ousava queixar-se. Não é assim; a escravidão foi dura, é certo, mas dura foi também a resistência: então, lutamos muito! O governo português vivia como um Hércules com a hidra de Lerna: por uma cabeça que cortava, renasciam duas, que era mister combater de novo (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 2005, p. 147).

O seu “talento” para “inventar” mitos e mártires também era usado para compor sua própria imagem. A sua ambição de colaborar para a construção de um projeto de nação por intermédio da escrita de suas obras confundia-se com outro interesse de cunho pessoal: ser reconhecido em sua época e para a posterioridade como um grande herói.

Formular a própria imagem como ícone de uma nação é para Couto de Magalhães uma forma de contribuir para a construção da identidade nacional, pois concordando com o atestar de Ricoeur (1991), a constituição da identidade do sujeito é também um momento, em narrativas, da construção da identidade de uma comunidade.

Ao redigir suas obras, Magalhães tem a preocupação em criar uma autoimagem adequada ao papel social que pretendia apresentar publicamente. No livro *Viagem ao Araguaia*, por exemplo, escrito durante a sua viagem para assumir a presidência da província de Goiás, quando tinha apenas 24 anos, período de sua vida em que tinha em seu horizonte de expectativas, um lugar temporal povoado de sonhos, Couto já demonstrava indícios de seus intentos. Ao descrever a província de Goiás em tons de atraso e decadência- aliás, como muitos dos “intelectuais” de sua época - almejava ser o “salvador” que pudesse livrá-la dos males que a impediam de obter o progresso:

O administrador deve ser para as sociedades, como o médico para o enfermo: deve estudar a enfermidade em todos os seus pontos e aplicar os remédios, segundo as regras da ciência. Nem sempre podem ser eles brandos; do medicamento, às vezes, é forçoso recorrer ao ferro, do ferro ao fogo.

De que serve iludir o enfermo com vãs esperanças de saúde, quando se enxerga a morte ganhando cada um dos órgãos onde se concentra a vida? Que se diria do médico que, para poupar alguns momentos de desgosto ao seu doente, lhe receitasse xaropes doces, quando ele necessitasse de cautérios enérgicos, ou de amputações dolorosas para salva-se? Dir-se-ia que era um homem perverso, sem consciência, nem sensibilidade.

O administrador está para a sociedade no mesmo caso.

O administrador em Goiás, mais do que em outras Províncias, tem obrigação, ou de pôr termo a esta longa inanição em que vivemos [...]

Londe¹⁶ de prosperar, a cidade de Goiás tem decaído: quem passeia por seus arrabaldes sente-se constantemente entristecido pelos aspectos das ruínas que observa. (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p. 49-50).

¹⁶ Provavelmente houve um erro de digitação nessa palavra, ao invés de “Londe”, lê-se “Longe”.

Couto refere-se a Goiás metaforicamente como um lugar enfermo para aludir ao estado falacioso em que acreditava encontrar essa região. Somente um líder forte, com “pulso firme” que não tivesse receios de tomar medidas enérgicas, como a violência, poderia retirar essa província do estado de atraso em que se encontrava. Assim, fazia-se necessário criar a imagem do governante heroico que pudesse realizar esse grande feito de administrador, no caso, ele mesmo.

Suas características notáveis já poderiam ser corroboradas, antes mesmo de assumir o governo de Goiás, mais especificamente no próprio trajeto realizado para assumir a presidência dessa província, quando adentrara ao desconhecido “mundo” das matas brasileiras que lhe geravam exacerbados temores:

Tive muitas vezes de irritar-me contra tanto medo, porque sentia que, conquanto se não devesse andar sem cuidado, contudo a maior parte dos perigos ou eram fantásticos, ou narrados com muito exagero. Se eu me metia pelos matos, eram reflexões de toda parte: - que havia índios, onças, cobras dormideiras e não sei que mais, observações que a princípio ouvia, dando-lhes o devido peso, mas que por diante me incomodavam, a ponto de responder com dureza e proibir que mas fizessem (Idem, 1974: 118).

Vencer seus medos e todo tipo de obstáculos nesse trajeto – indígenas, animais selvagens, e dentre outros – fazia-o mais apto para assumir esse cargo administrativo. Além de escrever o livro *Viagem ao Araguaia*, outro artifício usado por Couto para que os êxitos alcançados durante a viagem tornassem indelévels, foi, por exemplo, atribuir o seu próprio nome aos lugares em que passou com sua tripulação, deixando transparecer um certo narcisismo: “Por volta das 5 horas, tomamos pouso em uma barreira elevada, defronte de uma espaçosa e bela ilha, a que dei nome, batizando-a – **Ilha do dr. Couto**. (Idem, 1974: 137, **grifos do autor**).

Transcorridos os anos na presidência de Goiás, Magalhães não conseguira atingir em sua administração as metas traçadas antes de assumir governo. No seu relatório de entrega do cargo, em 1864, lamenta em não ter levado o tão almejado progresso a essa região. Contudo, em seu discurso trata logo de ausentar-se de culpa por não ter conseguido feito prosperar essa província, alegando que o pouco tempo em que passou na administração fora um dos principais motivos que comprometera o êxito de seu governo:

Se não adiantei a província, a consciencia me declara que não a fiz retrogradar em ponto algum, e que empreguei todos os meios que tive á minha disposição para fazel-a prosperar. Em minha administração procurei sobretudo dotal-a com faceis vias de communição: entendi, e essa é a verdade, que, em quanto se não resolver a questão dos transportes, não há progresso nenhum possível e que portanto as outras questões dos

administrativas devem ser propostas. Não obstante, procurei atender, fora d'este ramo, ás necessidades que me parecerão mais urgentes.

Um anno não é tempo sufficiente para que um administrador leve a cabo os melhoramentos que empheende; apenas chegar para tomar pé nas questões, e que ando as vai conhecendo, as exigencias de nossa ordem actual de politica requerem a sua transferência, e ahi fica em principio o que elle empheendeo. E' o que me acontece. Poucas cousas conclui, mas lancei boas sementes; se a administração cultural-as virão cedo os fructos, sinão morrerão abafados, e ficar-me-ha dor de haver trabalhado em pura perda. (COUTO DE MAGALHÃES, 1864, p.03).

Em 1889, quando ocupava o cargo de presidente da Província de São Paulo, foi republicada a obra *Viagem ao Araguaia*, no qual foi introduzida uma apresentação. Nela é Henrique (2008) conseguiu vislumbrar a sua sagacidade para construir uma representação exaltada de seus atributos administrativos e militares, características que, no seu parecer, foram fundamentais para derrotar as tropas inimigas na Guerra do Paraguai:

[...] demitido da presidência do Pará, vim para o Mato Grosso, em época em que a Guerra do Paraguai estava no seu período mais agudo.

A Província de Mato Grosso havia sido invadida e, desde a invasão, o baixo Paraguai estava em seu período mais agudo, o que se comunicava com a Bolívia, permanecia em poder do inimigo [...].

Nessa ocasião, o governo do Brasil estava ativando a luta por todos os meios:

[...] Para desalojar os paraguaios de Mato Grosso e corta-lhes as comunicações com a Bolívia, fui eu o escolhido, em falta de melhor, porque todos os nossos generais válidos estavam no Sul, empenhados na guerra, e cá só tínhamos velhos, de todo impróprios para fazer a viagem difficilima daqui a Cuiabá, por terra, e os quatro que me antecederam ficaram no caminho [...].

Segui para lá, alegre e contente, certo de que, se houvesse rios cheios e sem pontes, eu os passaria a nado; se os bugres me quisessem estorvar, eu os afugentaria a bala [...]. Que é que a gente não imagina na dezena dos 20 a 30 anos, quando tem boa saúde?

Efetivamente, fui mais que feliz; em pouco mais de dois meses, fiz a viagem, e em *menos de um ano tinha conseguido derrotar os paraguaios, libertar a Província e impedir os auxílios que da Bolívia pudessem ir aos paraguaios*, como consta dos relatórios dos ministros da Guerra desse tempo (MAGALHÃES, 1974, pp. 44-45, *grifos meus*).

A partir dessa passagem é possível perceber que Couto refere-se rapidamente à sua demissão do governo do Pará, fato que ele parecia querer deixar transparecer sem importância diante dos feitos que conseguira alcançar ao ser nomeado presidente de Mato Grosso, provando seus atributos não só administrativo e militar, como também físico, para suportar a árdua viagem para Cuiabá. Empreendimento este, não conseguido pelos quatro presidentes nomeados antes do mesmo, já que suas missões foram deflagradas ainda na travessia para tomar posse do cargo, sendo que o “[...] primeiro deles, o Cel. Frederico de Campos, quando se dirigia para a missão, foi preso no paquete *Marquês de Olinda*, incidente que praticamente

deu início a contenda; o Gal. Visconde de Camamu, o Cel. Drago e o Gal. Gavião morreram em caminho”. (MOREIRA, 2005, p. 181).

Durante a Guerra do Paraguai, ressalta como o seu vigor corporal fora imprescindível para suportar e transpor as intempéries do território inóspito que adentrara para combater as tropas paraguaias, no qual o maior perigo das matas não consistia no ataque de animais selvagens, e sim das temíveis muriçocas:

Durante a Guerra do Paraguai, quando eu mandei assumir a ofensiva contra os que ocupavam o baixo Paraguai, fomos forçados a viajar muitos dias por meio de pantanais, onde havia grande quantidade de onças pintadas e canguçus, cobras – como cascavéis e jararacas, jararacuçus e urutus, todos ilhados nos poucos lugares secos onde nossas forças podiam acampar. O perigo resultante desses animais ferozes era nada, comparado com o incômodo constante e pertinaz proveniente de uma espécie de muriçoca (aliás **merusoca**, que em tupi significa **mosquito chupador**), a que lá, no baixo Paraguai, denominavam mosquitos brancos. Uma onça, ou jacaré, ou sicuri, ou cobras venenosa, pouca vezes mata um homem; os mosquitos atacavam todos, aos milhares, aos milhões e, em certos dias, o incômodo era tal, que não se podia ter um momento de descanso, nem de dia, nem de noite, tornando-se impossível dormir.

Quem não fosse completamente robusto, não podia resistir à drenagem de força resultante desse incessante suplício, e a isso principalmente atribuíam os médicos a grande mortalidade dos que adoeciam (Idem, 1974:39, *grifos meus*).

Ter um corpo saudável e forte era uma qualidade apreciada demasiadamente por Couto e imprescindível para cumprir a árdua tarefa de “sobreviver” em meio aos sertões brasileiros. As viagens empreendidas ao interior do Brasil contavam com relatos dantescos, que chamavam a atenção para o seu exímio condicionamento físico e de sua tripulação: “o que caçamos e pescamos dava para sustentar 400 homens, e toda nossa comitiva não excedia de 10 pessoas” (Idem, 1974: 33). É possível perceber novamente como Couto “dá asas a sua imaginação” ao rebuscar uma narrativa com tons exagerados de seus feitos.

Couto tinha consciência de que a Guerra do Paraguai fora um acontecimento muito importante na sua vida. No dia 22 de setembro de 1866, foi nomeado presidente da presidência da Província de Mato Grosso, (MOREIRA, 2005) data que, como ele próprio acreditava, selou o seu destino como uma personagem fundamental para a história do Brasil. Guiado por um sonho Magalhães caminhou rumo ao que viria ser um dos episódios mais significativos de sua trajetória, que veio a traçar de maneira decisiva, a imagem como ele seria reconhecido por sua época e pela posterioridade:

Muitas vezes de manhã cedo estamos tristes, indispostos, alegres, desejando viajar, com projetos e idéias que de todo estavam ausentes de nossa cabeça na véspera; ignoramos como é que essas impressões se

produziram no dito cérebro; para mim elas são o mais das vezes resultados de sonhos [de] que não conservamos memória, mas cuja sensação subsiste; é assim que a primeira idéia que eu tive de ir para Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai me veio em um sonho que me figurava com o Dr. Danim, ambos a cavalo, em um campo, percorrendo a propósito das probabilidades de vitória ou derrota. Devo notar que a minha ida ao Mato Grosso determinou por assim dizer o resto da minha existência, e tudo na minha dita vida se encadeia àquilo tão profundamente que o meu destino seria totalmente outro se eu não houvesse feito a dita viagem. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 210).

Durante a sua presidência no Mato Grosso, ele conseguiu firmar-se na História como um grande herói nacional ao ser nomeado general-em-chefe e presidente da Junta Militar da Justiça. Acreditava que sua inteligência aliada com sua força física o levava a protagonizar algumas das principais lutas do Brasil naquele período: “[...] ligadas à minha vida individual, ou a acontecimentos históricos de que fui o principal autor – como sejam: a libertação da Província de Mato Grosso do jugo dos paraguaios e a fundação da navegação a vapor do Araguaia [...]” (Idem, 1974: 23).

Além de deixar registrado suas façanhas por meio da escrita de seus textos e inscrições em lápides era necessário também criar uma imagem de si que pudesse ostentar adequadamente suas glórias. Dessa forma, como muito bem observou Henrique (2008), Couto formulou uma autoimagem associada ao militarismo:

A leitura do diário íntimo de Couto de Magalhães, bem como a leitura de suas obras e de seus retratos, nos permitem concluir que a imagem de militar faz parte da identidade que o autor escolheu para si próprio, constituindo um elemento fundamental da maneira como ele gostaria de ser conhecido publicamente (HENRIQUE, 2008, p. 167).

Na biografia de Couto de Magalhães escrita pelo político oitocentista Afonso Celso de Assis Figueiredo é possível também vislumbrar o atestar de Henrique,

[...] preferia as distinções militares a quaesquer outras. Vestir o uniforme consistia o seu orgulho, o seu garbo, o seu prazer. Doutor em Direito, conselheiro de Estado, só queria que o chamassem de general, título (outrora não barateado), com que o Governo galardoara seus serviços bellicos, outorgando-lhe as honras de brigadeiro (FIGUEIREDO, 1898, p. 510).

Quando estava no comando da vitória brasileira na batalha da retomada de Corumbá, Couto recebera do governo imperial o título de Barão de Corumbá, honraria que recusou, por preferir o de General Brigadeiro (distinção atribuída raramente a civis) (LEITE, 1936). Provavelmente Magalhães não queria um título destinado a muitos indivíduos que viviam à custa do Império, que nada faziam por merecê-lo. O título de general, no entanto, significava ter uma posição de prestígio social conquistada (e não concedida) as duras penas, fruto de um esforço pessoal.

Para edificar sua imagem de militar Couto usou o retrato como um artifício a seu favor. Solicitou ao gabaritado artista Almeida Júnior para compor a representação de sua imagem em uma tela. Para não esquecer essa data tão importante, ele anotou em seu diário quando já encontrava-se São Paulo no dia 7 de janeiro de 1886: “Tirar o meu retrato a óleo pelo Almeida Jr.” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 212).

Como notara Henrique (2008) a escolha de Almeida Júnior para fazer o seu retrato não foi ao acaso. Formado pela Academia Imperial de Belas Artes, instituição responsável por contribuir significativamente para a constituição da identidade nacional brasileira ao produzir uma “arte acadêmica” voltada para a construção de uma iconografia do Império, sobretudo no período de D. Pedro II (1825-1891). Entre 1841 e 1889, esse artista já estava ambientado com a demanda solicitada por esse público, ávido por ter sua imagem sacralizada em retratos, em tons românticos de grandes ícones nacionais.

A formação e a vasta experiência em retratar quadros que valorizavam as figuras consideradas fundamentais da Guerra do Paraguai (TORAL, 2007), tornaram Almeida Júnior um pintor extremamente gabaritado para que Couto pudesse realizar o seu anseio de poder ter representado em um quadro o modo como ele gostaria de ser visto publicamente e para a posterioridade.



Figura 1: Retrato de Couto de Magalhães

Fonte: <http://bomlero.blogspot.com.br/2013/07/a-arte-pouco-conhecida-ou-divulgada-do.html>

A pintura mostra uma representação de um galardão militar do Império, com seu uniforme apetrechado de medalhas¹⁷ ostentadas junto ao peito, que serviam como uma forma de corroborar o sucesso galgado por meio da sua atuação na Guerra do Paraguai.

O uniforme e as medalhas simbolizam seu ato de coragem e heroísmo no cumprimento do dever. No parecer de Bibiani, as honrarias concedidas as personagens que lutaram na Guerra do Paraguai como,

Os escudos de armas, as condecorações e as medalhas concedidas aos militares pelo governo Imperial tinha o objetivo de demonstrar o apreço, o louvor e o reconhecimento pelos feitos realizados em defesa da preservação da soberania nacional, destacando o valor de um ato de bravura, de abnegação e heroísmo no cumprimento do dever. O reconhecimento oficial que o governo Imperial dispensou a estes militares, por meio da concessão de honrarias, contribuiu para divulgar a atuação das Forças Armadas e construir modelos de personalidades históricas idealizadas para figurar no panteão dos “heróis” (BIBIANI, 2004, p. 2).

O sonho de Couto era justamente figurar no panteão cívico e histórico dos heróis da história nacional. E as honrarias adquiridas de sua participação na Guerra do Paraguai vieram satisfazer os seus anseios: não adentraria nas páginas da história apenas como um político de renome ou como um grande empreendedor, mas acima de tudo, como uma figura que teve uma participação fundamental para assegurar a vitória brasileira na Guerra do Paraguai.

O retrato, portanto, não é uma representação “neutra” de uma imagem. É uma forma de ação derivada de uma intencionalidade. No caso de Magalhães é um meio de agir contra o esquecimento, legando à posterioridade a imagem como ele gostaria de ser lembrado: um militar repleto de glórias.

No parecer de Corbin, a formulação do retrato ao longo do século XIX é uma forma do indivíduo:

[...] adquirir e afixar sua própria imagem desarma a angústia; é demonstrar sua existência, registrar sua lembrança. Bem encenado, o retrato atesta o sucesso; manifesta a posição. Para o burguês, familiarizado com o papel de herói e pioneiro, não se trata mais, como fora outrora para o aristocrata, de inscrever-se na continuidade das gerações, mas de criar uma linhagem; ele deve portanto inaugurar seu prestígio por meio de seu êxito pessoal”. (CORBIN, 1991, p. 423).

Para que não surgissem dúvidas acerca de sua trajetória de vida notável e importante de ser rememorada principalmente no tocante a Guerra do Paraguai, no lado direito e inferior

¹⁷ Por causa ao seu comando vitorioso na Guerra do Paraguai foram concedidas as seguintes medalhas a Couto de Magalhães: *Medalha de Campanha do Paraguai*, *Medalha de Ouro*, *Comenda da Ordem de Cristo* e a de *Oficial das Ordens do Cruzeiro e da Rosa*.

da pintura, como muito bem notou Henrique (2008), é possível perceber uma lápide com os seguintes dizeres:

Guerra do Paraguay

Gl. J. V. Couto de Magalhães commandante em chefe das forças q libertaram a prov^a de Matto Grosso da invasão dos paraguayos depois de derrotal-os nos combates de Corumbá a 13 de junho, e do Alegre a 11 de julho de 1867. Ex-commandante do 1^o Regimento de voluntários, ex-deputado geral por Goyas e Matto Grosso e ex-presidente das prov.^{as} de Goyas, Minas¹⁸, Pará, Matto Grosso e S. Paulo.



Figura 2: Lápide contida no retrato de Couto de Magalhães

Fonte: Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães (1880-1887)

A maneira que Couto de Magalhães usou para edificar a imagem de si por meio do referido retrato, “manipulando” o modo que gostaria de ser visto pelos outros, por intermédio da ostentação de sua indumentária e das medalhas galgadas por causa da sua participação da Guerra do Paraguai, símbolos de suas glórias, é denominada por Goffman de “fachada social”, ou seja, “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” que utiliza (GOFFMAN, 1985, p. 29). É como se o general montasse um “cenário” propício para a manutenção da imagem que desejava sustentar socialmente embelezando e iluminando a sua

¹⁸ As informações contidas na lápide da pintura contêm um equívoco: Couto não foi presidente da província de Minas Gerais. O cargo que ocupou no governo dessa região foi o de secretário.

vida mediante ao uso de uma “fachada” (honrarias, medalhas, uniforme, dentre outros) que representam as glórias adquiridas no decorrer da sua trajetória.

Todos os esforços de Couto para criar uma representação social valorativa de si, expressa ao seu anseio deixar uma marca indelével na história, que lhe garantisse o enaltecimento do seu destino heroico individual:

Tuesday the 21 setembro 1880.

[...]

E isto é a vida! As alegrias tão poucas, tanta ansiedade, e por fim de contas morre-se e aí fica tudo. Eu tenho a ambição de fundar alguma coisa que preserve meu nome do esquecimento. Penso que esses antigos senhores feudais que fundaram famílias foram felizes. Quando, porém, se lê a história da humanidade fica-se desanimado; a mais antiga família do mundo não alcança a mil anos; à exceção das ruínas não há coisa alguma que ature há mais de mil anos; e o que são mil anos em comparação com as épocas geológicas? O que é que eu posso fazer que iguale nem de longe ao que fez Mohammed, Confúcio e qualquer dos heróis da história humana? Nada; no entanto, onde estão suas famílias? Tudo está desaparecido na voragem do tempo. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 112-113).

Lutar contra a voracidade do tempo para que seus feitos não fossem apagados e esquecidos, não era tarefa fácil. Couto ambicionava que as suas façanhas pudessem ficar para a posterioridade: “A pretendida imortalidade dos atos humanos não alcança no máximo 5.000 anos” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.237). Cinco mil anos parecia ser pouco para alguém que pretendia permanecer vivo na memória dos outros pela eternidade.

Couto de Magalhães mostrou uma astúcia impressionante para cumprir o seu intuito de formular uma auto-imagem como herói. O poder do discurso escrito fora fundamental para fixar uma representação pública de si como grande ícone nacional, tanto que no seu diário expressa a vontade de não cessar em parar de produzir “memórias” a respeito da Guerra do Paraguai, acontecimento que lhe deu as honrarias que tanto prezava: “[...] continuei a escrever alguma coisa de memória relativa à invasão de Corumbá, e depois notas a respeito da minha viagem à província de Mato Grosso marcando os pousos” (Idem, p. 129), ele também sabia o quanto o silêncio era uma arma importante para o êxito do empreendimento da construção da memória de si mesmo.

Márcio C. Henrique (2008) destaca um aspecto importante do diário quando o analisa: a contradição em relação aos fatos narrados pela “história oficial”. Magalhães ao construir a memória da Guerra do Paraguai por meio da escrita de suas obras, no qual elege-se o principal representante para a derrota das tropas inimigas, “esquece-se” de mencionar um fato no mínimo curioso que está expresso nas linhas do seu registro intimista: a expedição liderada

por Couto, responsável por realizar um feito decisivo para a vitória brasileira, a tomada de Corumbá em 1865, parece que não contou com a presença de seu comandante no flamejar do conflito: “Sinto uma estranha sensação de prazer que é semelhante àquelas que eu sentia quando terminei grandes e perigosas coisas, por exemplo, quando nos Dourados **soube da vitória da expedição de Corumbá**” (Idem, p. 150, **grifos meus**).

Esse trecho leva ao questionamento sobre a informação que Couto fornece em sua obra *Viagem Araguaia* (1974), de que praticamente sozinho teria derrotado o inimigo paraguaio, e que é reforçada por seus biógrafos, como Carlos Alberto Iannone, que retrata Magalhães como “[...] um dos que mais colaborou para a expulsão das forças paraguaias do território brasileiro. Comandou a luta contra os invasores, impedindo que por via da Bolívia viessem socorros a López e derrotou os inimigos em Corumbá e em Alegre [...]”. (COUTO DE MAGALHÃES *apud* IANNONE, 1974, p.10). Contudo, como atesta Henrique (2008),

[...] derrotar os inimigos em Corumbá é bastante diferente de saber ou ser informado sobre a vitória em Corumbá. Ser informado significa não estar presente no ato, não podendo, portanto, reivindicar para si o papel de principal sujeito da ação. É compreensível o fato de que as principais lideranças militares numa guerra, pela própria natureza da função que ocupam, não se exponham à frente dos batalhões. Mas é preciso ter em mente que ao assumir o tom em primeira pessoa para se referir ao papel determinante para a vitória na batalha ou na guerra, os candidatos a heróis passam por cima da memória de milhares de soldados que a História relega ao esquecimento (HENRIQUE, 2008, p. 161).

Outro ponto que vem a corroborar o fato de que Couto não estava presente na vitória de Corumbá, é que, apesar de, ele transparecer que tinha consciência da importância da Guerra do Paraguai para galgar o prestígio social que ostentava em sua época, ele refere-se a esse episódio rapidamente em seu diário, em uma escrita opaca de termos afetivos e descritivos, pois seria realmente muito difícil comentar de maneira clara e incisiva de um acontecimento no qual não participara.

Ao lançar-se na tarefa de formular uma identidade heroica para si, Couto lança a mão a sua pena para deixar registrado as suas melhores “atuações” em meios aos acontecimentos nos quais participara lutando em prol da nação. Se Goffman (1985) defende que o indivíduo em uma sociedade é um ator que assume uma determinada máscara, no intuito de “manipular” a forma como gostaria de ser visto pelos outros, Magalhães soube efetivar esse pensamento com uma engenhosidade que “salta aos olhos”. No palco dos “grandes” episódios que marcaram a história nacional do século XIX, elegeu-se por meio de seus escritos, não só como

protagonista, como também o único responsável pelas vitórias brasileiras, seja na Guerra do Paraguai, ou em empreendimentos que representaram o desenvolvimento do país.

Um ponto no mínimo curioso em relação às formas diferenciadas de escrita de Magalhães (diários, relatórios, livros) que comentaram sobre a Guerra do Paraguai, é que ele não mencionou a morte de seu irmão, o tenente Coronel Antonino Carlos, em pleno conflito no Mato Grosso, justamente quando José Vieira atuava como Comandante em chefe das forças brasileiras. Tal fato, também fora notado por Hélio Moreira (2005), atestando que em nenhuma oportunidade Couto faz referência escrita ao falecimento de seu ente, o que é no seu parecer “espantoso”, já que “quando crianças, foram mandados, juntos, para o famoso seminário católico “Do Caraça””. (MOREIRA, 2005, p. 29).

Não seria difícil entender a ausência de menções sobre o referido episódio, já que aludir sobre a tragédia ocorrida com seu irmão poderia ser um trabalho angustiante, pois lhe trazia as lembranças de um passado doloroso, que por sua vez, era difícil de ser rememorado. Além disso, Couto parece ter sido um homem de trato comedido, o que pode ter influenciado diretamente no modo como ele empreendeu sua escrita: censurando expressões afetivas que não seriam apropriadas a virem a público.

Contudo, seu “silêncio” pode ter também outra explicação: comentar sobre o fato em questão poderia de algum modo “manchar” a autorrepresentação social que tanto esforçou-se para construir. Retratar a morte de seu irmão, em pleno conflito, no qual era o comandante responsável, era o mesmo que atestar uma derrota. Consciente do poder da escrita, demonstrando uma engenhosidade notável na manipulação do discurso, Magalhães sabia que se mencionasse o falecimento de seu ente, esse acontecimento poderia tomar grandes proporções, o que poderia ofuscar as suas conquistas na Guerra do Paraguai, ou mesmo, ferir a imagem de herói que tanto prezava.

Outro abuso de esquecimento cometido por Couto de Magalhães pode ser vislumbrado no seu livro *O selvagem* (1975). Redigido, quando já estava em uma época madura de sua vida, contabilizando quase 40 anos, essa obra, de caráter oficial, uma vez que foi composta a pedido do próprio Imperador, demonstra um olhar valorativo em relação ao indígena e a seu papel histórico na construção da nação, propondo uma ocupação do interior do Brasil por meio da civilização pacífica.

Mesmo que, seu discurso fosse favorável ao empreendimento “civilizatório” não violento em relação aos indígenas, na prática ele não hesitou em exterminar os nativos que se

interpusessem a caminhada rumo ao progresso. Contudo, na sua escrita, omitiu o modo brutal como tratara os autóctones, tentando sempre demonstrar um olhar de respeito às suas tradições e aos seus costumes considerando-os em vários momentos, da obra em questão, superiores ao próprio branco europeu:

Os jovens talentos, em vez de haurir nas tradições indígenas exemplos tão freqüente nela de dedicação levada ao heroísmo, amor da pátria, desprezo da vida e da energia de caráter, exemplo, estes próprios para inspirar virilidade a uma nação que começa, foram buscar na literatura francesa os modelos mulherengos de seus heróis efeminados.

[...] Sombrios, bons, dedicados até o heroísmo, alguns lhe chamam traiçoeiros e falsos. É porque quase sempre eles são vítimas de traições e falsidades que praticamos, abusando de nossa posição de raça conquistadora, e por isso lhes damos razão de sobra para reagirem contra nós [...] (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 136).

O interessante a se perceber desse fragmento é o tom romântico e idealista da narrativa utilizada por Magalhães para referir-se aos indígenas, tomando uma posição discursiva para si de protetor dos mesmos. Os recursos linguísticos usados por Couto para retratar os autóctones não eram somente para formular uma imagem positiva dos mesmos para a composição da “raça” brasileira, mas, também, para a composição da sua própria autorrepresentação social, como o grande líder defensor dos nativos brasileiros, que tinha como missão informar ao mundo sobre a riqueza de suas culturas por intermédio da escrita do livro *O selvagem*. Por isso, o silêncio aqui também é importante de ser analisado: não comentar a maneira brutal como foi realizado o processo “civilizatório” dos indígenas, é de certa forma um artifício usado para não ferir sua imagem de ávido protetor do elemento nacional.

Couto de Magalhães parece que construiu sua identidade por intermédio da escrita de suas obras, entre dois mundos: o da elite urbanizada e o mundo natural dos indígenas. Participante do movimento indigenista, como muitos intelectuais de sua época, diferenciava-se dos seus pares, por parecer realmente apreciar o contato com a paisagem natural dos sertões e seus habitantes.

No livro *Viagem ao Araguaia*, por exemplo, a estima que Magalhães tinha em relação às matas brasileiras o levava a considerá-las a moradia ideal para um indivíduo encontrar a felicidade, diferentemente da cidade que por causa do barulho e da agitação, tornava-a, no seu parecer, um local desagradável para se viver: “A alma reconcentrada, eu perguntei a mim mesmo se a felicidade não devia existir ali, no meio daquelas cenas grandiosas da natureza, daquela paz imponente, tão diversa do ruído inquieto e buliçoso das grandes cidades” (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p. 84).

Influenciado por um olhar de contemplação perante a natureza brasileira, José Vieira procurou elaborar sua argumentação para justificar a importância do livro *Viagem ao Araguaia* para a população brasileira, vislumbrando a aflorar em seus leitores o mesmo sentimento afetivo que lhe povoava quando encontrava-se nos sertões: “[...] objeto de meus esforços na administração desta Província¹⁹; comunicar, por meio de minhas impressões, um pouco de amor aos brasileiros por esta natureza grandiosa e esplêndida de seus sertões”. (Idem, 1974: 71).

Contudo, ao mesmo tempo em que, demonstrava-se embebido pela apreciação desse mundo natural, que no seu parecer, era um lócus privilegiado de alegria e felicidade, Magalhães influenciado também pelos valores e concepções da elite de sua época - demonstra a ambiguidade que é umas características que qualifica o que ser humano: a contradição - qual também fazia parte, sonhava em urbanizar os sertões brasileiros para empreender o estigma civilizatório:

Quando chegará, meu Deus, disse eu a mim mesmo, quando chegará o dia em que se verão espalhar florescentes cidades nas margens destes rios! Quando é que se verá o homem arrancar da posse das feras e das tribos selvagens dos índios tanta riqueza que aí jaz sepultada! (Idem, 1974: 76).

Couto parecia trilhar a sua escrita como se estivesse em uma “corda bamba”, ora protegia os indígenas e seu mundo natural, ora defendia a destruição de ambos para implementar a civilização. O único ponto que parecia apresentar-se de forma clara e coerente, é que acreditava realmente ter nascido para cumprir um destino heroico individual.

Destarte, ponderava como todo herói que se preze, que era preciso fazer alguns sacrifícios para que nada atrapalhasse a sua trajetória ascensional, por isso fazia-se necessário eliminar todos os obstáculos que estavam no caminho do estigma civilizatório, como, os nativos e a natureza, que tanto dizia apreciar. Nesse sentido, as ações violentas deferidas contra os indígenas tornavam-se justificáveis já que eram realizadas em prol da nação, como pode ser percebido no seguinte trecho retirado do livro *O selvagem*: “Cada tribo que nós aldeamos é uma tribo que degradamos, é a que por fim destruímos, com a melhor das intenções [...]” (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p.138).

No livro *Viagem ao Araguaia*, também é possível perceber essa posição ambígua de Magalhães em relação aos nativos brasileiros:

¹⁹ A província no qual Couto de Magalhães se refere nesse trecho é a de Goiás.

Estes homens, que eram humanos, procuraram por todas as formas possíveis persuadi-los a seguirem para casa, a fim de evitar a triste necessidade em que se achavam de matá-los, ou sujeitar-se a suas assolações. Os índios resistiram a tudo; não houve meio de convencê-los. Foram mortos um por um, e ainda o último, que não podia esperar a ameaça não fosse realizada, preferiu a morte à hospitalidade que se lhe oferecia. Foram todos mortos; daí a anos, porém, o sertão do Amaro Leite, que contava com uma população de 3 mil homens, ficou inteira e absolutamente deserto. (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p. 104).

A passagem explícita de forma clara a engenhosidade que Couto tinha com a escrita. Manipulando o discurso a respeito da culpabilidade do massacre realizado contra os indígenas, ele constrói uma narrativa invertendo as posições dos “protagonistas” do conflito travado entre brancos e nativos: de vítimas os autóctones passaram a serem os grandes responsáveis pela destruição de suas etnias, já que rejeitaram a “hospitalidade” oferecida pelos brancos, que tentavam “domesticar” os sertões brasileiros e seus habitantes a fim de cumprir a nobre missão de desenvolver a nação.

Mesmo negando em muitos trechos de suas obras *Viagem ao Araguaia e O selvagem* os valores e as concepções compartilhados pela elite de sua época, tomando uma posição favorável aos costumes e tradições das culturas indígenas, Couto não hesitou em cumprir as tarefas esperadas de um verdadeiro desbravador dos sertões brasileiros. Lançou-se em sua viagem firme dos propósitos civilizatórios, no intuito não apenas de contribuir para o progresso da nação, mas, acima de tudo para atender ao seu anseio particular: provar aos seus pares que era uma personalidade primordial para o desenvolvimento do país.

1.1.2. Conquistada a “plateia”: a legitimação da imagem heroica

A imagem que Couto criou de si, não foi realizada somente para convencer a sociedade que ele era de fato, um herói nacional. Essa personalidade realmente acreditava na representação que tinha construído de si.

Ao estudar o “eu” na vida cotidiana, Goffman (1985) defende que o indivíduo é como um “ator” que representa determinados papéis no convívio social. A sua atuação pode ser classificada, em termos gerais, de duas formas: a cínica e a sincera. A primeira ocorre quando o sujeito não acredita no que está sendo apresentado, não tendo real interesse na ideia final do que os outros pensam dele. Já a segunda é quando não só a “plateia”, mas, também, o próprio ator está convencido de sua ação. É justamente essa última, que caracteriza a “atuação” que

Magalhães mantinha com sua “plateia”- ou seja, com seus pares- ele realmente acreditava no papel heroico que representava publicamente.

Na análise das obras e do diário de Magalhães é possível perceber que Magalhães acreditava realmente ter nascido para realizar uma trajetória heroica, o que significava para ele, “levar” uma vida repleta de sacrifícios (sem constituir família, com um número circunscrito de amigos, ausência de amores, destruição do “mundo natural” que estimava, dentre outros), em prol de dedicar a sua existência na luta para o desenvolvimento do país. Em seu diário, no dia 1 de agosto de 1880, por exemplo, ao refletir como o indivíduo deveria empregar o seu tempo de forma proveitosa, chama atenção para o seu exemplo, que dedicou sua vida a praticar “ações heróicas” em prol da nação (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.62).

Contudo, não bastava somente criar uma imagem idealizada si, era preciso que sua “plateia” aceitasse, e, por sua vez, legitimasse a autorrepresentação social escolhida por ele. Diversos meios de divulgação - como Revista do IHGB, jornais e livros de caráter biográfico - o auxiliaram a solidificar a sua imagem pública, na sua época e para a posterioridade.

Na sua época de juventude Couto escrevera os textos *Um episódio da história pátria (1720)* em 1862, e os *Guaianás – Conto histórico sobre a fundação de São Paulo*, em 1860, que ganharam notoriedade e o nobilitaram a entrada ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Precocemente galgara importância entre a elite imperial, o que lhe abriu portas de contatos políticos e de relações pessoais do seu interesse.

Reconhecido pelo IHGB, Couto figurava como um dos mais importantes intelectuais de sua época. Em tom laudatório Miranda Azevedo, ao redigir a necrologia do general em 1898, publicada na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro Geográfico Brasileiro de São Paulo*, destacou a feliz escolha do governo imperial, que indicou para a administração do Mato Grosso: “o dr. José Vieira Couto de Magalhães, que aceitou a patriótica missão de libertar o solo pátrio da invasão inimiga [...]”, conseguindo “[...] organizar as forças, criando o batalhão de voluntários, bater o inimigo, e dar a paz à província de Matto Grosso [...]”. (1898, p. 586).

Ao escrever seu *Ensaio de Antropologia* publicado na Revista do IHGB em 1873, cujo objetivo principal constituía-se em informar sobre os indígenas e as regiões interioranas do Brasil, Couto aproveitou a oportunidade para registrar as suas qualidades notáveis, essenciais

para enfrentar os perigos de suas viagens pelos sertões brasileiros e para conseguir a vitória brasileira na Guerra do Paraguai.

O referido texto é embebido de suas memórias, em uma escrita pincelada em tons idealizados de um mundo natural repleto de perigos, de animais ferozes e selvagens e de difícil sobrevivência para muitos indivíduos. Mas, não para ele, que fora capaz de sair ileso depois de aguentar dois anos de conflitos no Mato Grosso, lutando, “contra três inimigos que absorveriam a atenção de qualquer: os paraguaios, a peste e a fome” (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 78). Portanto, Couto usou da sua condição de sócio do IHGB para produzir sua imagem pautada na escrita de façanhas prodigiosas empreendidas em meios aos sertões brasileiros.

Contudo, suas memórias e seus feitos grandiosos não ficariam circunscritos apenas aos leitores da Revista do IHGB e/ou ao cenário nacional. *Ensaio de Antropologia* ganhou o palco internacional. A pedido do próprio imperador D. Pedro II, o referido texto, foi reconfigurado para tornar-se um livro, que foi denominado *O selvagem*, no intuito de figurar na Exposição Universal da Filadélfia, em 1876.

A sua fama foi galgada e consolidada não só apenas por causa da sua atuação na Guerra do Paraguai ou por ser um dos estudiosos mais renomados de sua época. Couto também era conhecido por sua ousadia empreendedora. Lutou de forma notável para a implementação dos transportes do Brasil, como a estrada de ferro e a navegação a vapor.

Sonhava estabelecer um exequível caminho que unisse a bacia do Prata com a do Amazonas. No Pará, por volta do ano de 1866, conseguiu verba do Governo Geral para tentar desobstruir as cachoeiras do Araguaia. Para isso, adquiriu da Inglaterra um navio específico para quebrar rochas abaixo do próprio nível da água do rio e mandou desobstruir os canais (LEITE, 1936).

Nesse ínterim Couto preparou dois vapores, Colombo e o Mineiro, para navegarem pelos rios Araguaia e Tocantins também. Participou pessoalmente do trabalho de transposição das inúmeras corredeiras. Os riscos eram enormes, com grandes possibilidades de acidentes, ou pela quebra das máquinas, ou pelo abalroamento em rochas profundas, que poderia ocasionar o naufrágio da embarcação (LEITE, 1936). Em ofício de 29 de outubro de 1866, Magalhães deixa transparecer o medo do malogro de sua empreitada, que mesmo calculada nos mínimos detalhes, ainda sim, era cerceada de perigos:

Vou tentar a passagem do vapor através das cachoeiras do Tocantins e Araguaya, se as águas agora estiverem em ponto que me pareça isto possível.

Para o êxito desta experiência, tem-se preparado largamente tudo quanto possível preparar com os meios de que se dispõe; infelizmente, porém, a providência humana não é suficiente para garantir os sucesso destas cousas, e só Deos, a quem confio, pôde fazer com que Ella seja propicia (COUTO DE MAGALHÃS *apud* MORAES, 1869, p.163-164).

Infelizmente, seus medos concretizaram-se e seu empreendimento não vingou. Mesmo assim, Magalhães não desistiu. Em 1868, quando presidia a província de Mato Grosso, Couto retomou os seus projetos de navegação para unir a foz do Amazonas à do Rio da Prata. (LEITE, 1936). Em um tom de epopéia o *Jornal do Comércio* – do qual Couto era um assíduo colaborador - em agosto de 1868 narra como se procedera um desses acontecimentos:

Basta dizer que o Brigadeiro comprou, mandou desarmar e levar por terra até o Araguaia, um vapor que se achava no rio Paraguai.

O transporte efetuou-se em 16 carros, que conduziam em caixas, além do vapor desmanchado, tornos, forjas, todo o material de uma oficina para armá-lo e fazê-lo funcionar regularmente, ferramenta adequada a repará-lo, fundir ferro e bronze das peças da machina que se deteriorassem, - objetos enviados não só de Cuiabá, como o do Pará e Goiás, de cujas administrações Couto os requisitará. Imagina-se a soma de trabalhos que isto importou!

A viagem dos carros foi de 100 léguas através bravio sertão, desprovido de tudo. Eram êles escoltados por 20 praças, com machados e enxadas, a abrirem picadas, construírem pontilhões á medida que avançavam. Varios ficaram pelo caminho prostrados de fadiga ou vítimas de sezões. Houve desinteligencia entre os chefes, malogrando-se quando a expedição. Não cessavam os jornais de vaticinar que os restos do infeliz vapor seriam afinal abandonados e se perderiam no deserto intransitável.

Couto sobrepujou todas as contrariedades com serenidade e firmeza. (JORNAL DO COMÉRCIO *apud* LEITE, 1936, p.104-106).

No seu relatório de governo de Mato Grosso, datado em 25 de março de 1868, Couto também explanou sobre o referido fato, ressaltando que, conseguiu realizar com êxito seu empreendimento que, na opinião, era o passo mais significativo para unir a bacia do Prata a do Amazonas por meio da navegação:

Tendo conseguido levar adiante esta obra depois de seis annos de trabalhos e lutas, não posso deixar de agradecer a V. Ex. e a seus illustres antecessores, a começar do Exm Sr. Bellegarde, o apoio com sempre que me sustentarão, para mim tanto mais precioso, quanto a imprensa do paiz, que devia animar sempre estas cousas, não teve para mim e meus esforços outras expressões além das de utopia e loucura. Nunca respondi a essas acusações, porque tinha esperanças de realizar o que havia emprehendido, e agora, digão o que disserem, nem **por isso deixará de ser certo que eu dei o primeiro e mais consideravel passo para se unir a foz do Amazonas á do Rio do Prata pelo nosso interior: essa gloria ninguém me pôde tirar.** (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MORAES, 1869, p. 172, **grifos meus**).

Contrariando as críticas da imprensa e de seus pares, que não acreditavam no êxito de sua iniciativa, Couto em 28 maio de 1868, inaugurou com a presença do então presidente da província de Goiás, João Bonifácio de Siqueira, a navegação do Rio Araguaia. Para que seu feito “grandioso” não fosse esquecido, Magalhães mandou gravar em um rochedo presente nas adjacências da cachoeira a seguinte inscrição redigida na língua tupi: “ *-Sob os auspícios do Sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para o Amazonas, e veio chamar á civilização e ao comercio os esplendidos sertões do Araguaia, com mais de 20 tribus selvagens, no ano de 1868*”. (LEITE, 1936, p. 107, grifos do autor).

Essa lápide almejava o prodigioso empreendimento no qual comandara, representando um passo significativo para realizar um grande sonho da elite imperial: “civilizar” os sertões brasileiros, retirando-os do temível estado de “atraso” e “isolamento” - no qual a elite acreditava que eles se encontravam - ao interligá-los por meio da navegação aos principais pólos econômico e político do país, como São Paulo e Rio de Janeiro.²⁰

Essa façanha gloriosa, contudo, não ficou restrita ao comentário de Couto. No ofício da inauguração da navegação do Araguaia, escrito por Antonio Honório Ferreira, também observa-se uma narrativa de exaltação em relação as suas qualidades e aos seus esforços. Magalhães é exaltado no referido documento, como a personificação do progresso, configurando-se na figura essencial para o desenvolvimento da nação:

Auto da inauguração da navegação a vapor no rio Araguaya

Aos 28 dias do mez de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1868, 47º da independencia e do Imperio, á margem esquerda do rio Araguaya e a 30 leguas da capital de Goyaz, reunirão-se o Exm. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, presidente que foi desta província e por ella eleito a deputado á asembléa geral legislativa, actualmente presidente da província de Mato-Grosso, e o Exm. Sr desembargador Cr. João Bonifacio Gomes de Siqueira, 1º vice-presidente da de Goyaz, em exercício, com muitos funcionarios publicos e grande numero de outros cidadãos que concorrerão para o fim de assistirem á cerimonia religiosa da benção do vapor *Araguay-nerú-assú* e a inauguração a vapor do rio Araguaya em consequencia de o haver communicado o mesmo Exm. Sr. presidente da província de Mato-Grosso ao desta província, que dirigio convites e fez publico este fato da mais subida importancia para engrandecimento e prosperidade para a província de Goyaz. [...] Logo depois

²⁰ A discussão entre a dicotomia entre litoral/interior é bastante recorrente na historiografia brasileira. Desde o século XIX, os viajantes responsáveis por criarem representações negativas a respeito dos sertões brasileiros influenciaram de forma decisiva o imaginário da elite imperial que via o interior como sinônimo de atraso. No outro pólo, o litoral não significava simplesmente a faixa de terra junto ao mar, mas principalmente o espaço da civilização. A elite oitocentista acreditava que interligar as regiões interioranas do Brasil com o litoral era uma forma eficaz de retirá-las do estado “barbárie” e atraso. Por isso, a navegação e o transporte férreo eram concebidos como vias importantes para solucionar tal problema (LIMA, 1999).

o vapor, suspendendo o ferro, largou do porto em direitura á margem opposta, atravessou o rio Araguaya, cruzou em diferentes direcções, ao som do hymno nacional, subio o rio Vermelho e voltando ao ancoradouro no mesmo porto foi solemnemente proclamado achar-se installada a navegação a vapor do rio Araguaya, acto este que foi saudado entusiasticamente por todas as pessoas que assistião de bordo e das praias. Então o Exm. Sr. Desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira levantou vivas ao Exm. Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, a que se deve a reanimação da navegação a vapor que sustentou com tanta Constancia e sacrificios, e acabava-se de ver realisada a despeito de todos os obstáculos e contrariedades a que sempre se mostrou superior; E Exm. Sr. Dr. Couto foi saudado e cumprimentado por todos por tão alto feito, recebendo as mais vivas demonstrações de gratidão e reconhecimento. (FERREIRA *apud* MORAES, 1869, p. 180-181).

A implementação da estrada de ferro, também foi outro sonho que constitui-se como uma das grandes lutas de Couto. Movido pela expectativa de ver mais uma façanha do mundo empresarial, no qual estava envolvido, ser efetivada, Couto parte para Londres, no intuito de conseguir capital inglês para subsidiar o seu empreendimento.²¹

Sua viagem a capital inglesa lhe rendeu grande satisfação. Em 1880, conseguira o capital dos bancos estrangeiros para subvencionar a *Rio and Minas Railway Company*. O seu contentamento pode ser vislumbrado, no seu diário íntimo no registro do dia 22 de outubro de 1880:

[...] como eu seria feliz se encontrasse em casa o telegrama anunciando que a Companhia estava autorizada a funcionar no Império, abri a porta, vi sobre a mesa um envelope amarelo; entrei para o escritório, abri, era o telegrama desejado, e rezava assim: “Couto de Magalhães – 202 Marylebone Road – Companhia autorizada – Rio de Janeiro 21 de outubro 1880. Celso”. Saí imediatamente para a estação telegráfica e dirigi o seguinte ao Waring: *Received from solicitor Rio – following telegram: Decree authorizing Compa. Signed yesterday evening*²². Feito isso tirei um longo fôlego do fundo do peito e disse: Ah!!! *Consumatum est so far*²³. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 154).

O alívio de Magalhães expresso nesse fragmento não era sem razão. Depois de dedicar significativa parte da sua vida, usando de todos os meios que tinha para ver o êxito da sua iniciativa, como o próprio explana “[...] de todas as coisas que fiz nenhuma exigiu tanta constância, inteligência, diplomacia, noites não dormidas, ansiedades como o Rio Verde” (Idem, 1998: 151), viu os seus esforços serem coroados com o auxílio dos subsídios do capital

²¹ É justamente nesse período, que Couto lança a mão a sua pena para escrever o diário aqui em apreço.

²² Recebi do procurador no Rio – seguinte telegrama: Decreto autorizando a Companhia assinado ontem à noite. (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 154).

²³ “ [...] está tudo acabado”, em latim, e *so far*, em inglês, “até agora”’. (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 155).

inglês. No dia 21 de abril de 1881, iniciaram-se as obras para construção da Estrada Ferro Rio Verde.

Em tom laudatório o escritor Vasco de Castro Lima (1934) no seu livro intitulado *A Estrada de Ferro Sul de Minas* narra como fora o processo de construção da Estrada de Ferro Rio Verde:

Aproximava-se 1884. As linhas, atacadas em diversos pontos, já estavam em adiantado passo. A Serra da Mantiqueira, sentinela indormida, oferecia aos construtores as mais serias dificuldades. Deter e concentrar ali todos os esforços na perfuração daquele colosso, para fazer o tunel, não seria o mais aconselhavel. E assim foi que, enquanto se procedia á perfuração de ambos os lados, fez-se, com trilhos, o chamado plano inclinado por cima da serra quasi indomavel. Pelo plano inclinado, passaram os primeiros carros e o material necessario para as obras de avançamento, além de uma, pequena locomotiva que, pela sua conformação, era denominada "Tatuzinho".

Em 5 de março de 1883, quando as linhas não estavam concluídas, foi inaugurado o Tunel Grande, com a honrosa presença de S.M. o Imperador D. Pedro II. As primeiras locomotivas que o atravessaram foram as de ns. 1 e 2 ("Joaquim Delfino" e "Tomas Coelho").

A construção da estrada terminou em 1884.

E, no dia 14 de junho desse ano depois de examinadas todas as obras pelos engenheiros Burnier e Alzin, foi ela aberta ao trafego desde Cruzeiro até Três Corações do Rio Verde, com extensão de 170 Km.

De Cruzeiro a Passa Quatro, o comboio especial foi guiado por Tomas Morton; e de Passa Quatro até Três Corações foi levado por Henrique Turnen, ambos de nacionalidade inglesa.

Atrrelada a composição, que levava a figura insinuante de D. Pedro II, a locomotiva n. 7, denominada "Couto de Magalhães" vencia aos espaços, toda ornamentada de flores, reluzente nos seus metais polidos e na faceirice de sua pintura nova.

Contam os ilustres filhos de Henrique Turner, residentes em Cruzeiro, que o trem inaugural, com sete carros lotados de passageiros, fez o percurso de Passa Quatro a Três Corações (135 Km) em duas horas e trinta e cinco minutos. Sem dúvida, foi um "Record" para aqueles tempos, pois a proeza significa uma velocidade de 52,2Km por hora.

A locomotiva "Buarque de Macedo" (n. 8), escoteira, precedendo de 10 minutos o trem inaugural, foi incumbida de patrulhar a linha, sendo conduzida pelo maquinista ingles Charles Beck.

Na sua corrida desabalada, o primeiro trem apenas parou duas vezes em todo o seu percurso de Passa Quatro a Três Corações: em Carmo, para abastecimento de água e lubrificação e renovação do fogo e ainda para receber o então Barão do Monte Verde; e em Contendas, para receber o Barão de Contendas.

O horário foi religiosamente cumprido e, ao saltar de sua locomotiva, o maquinista foi honrado com um abraço de D. Pedro II.²⁴

Observa-se dessa narrativa, novamente uma amostra da personalidade um pouco narcisa de Couto, que legou o seu próprio nome a locomotiva que fora destinada a transportar

²⁴ Em: <http://www.saolourenco-online.com.br/minasandrio.php>.

a figura política de maior destaque nacional da época, D. Pedro II. Foi justamente a proximidade com imperador que levou Magalhães a galgar importantes vitórias na sua vida: ver o seu nome figurar no panteão dos grandes intelectuais de sua época, com sua obra *O Selvagem*; o capital que subvencionava a navegação a vapor do complexo Araguaia – Tocantins – Marajó provinha do governo imperial; e este, também destinou apoio significativo - inclusive com contribuições financeiras - para tornar o sonho transporte da Estrada de Ferro *The Minas and Rio Railway* um fato.

Além fomentar os empreendimentos de Couto, D. Pedro II, ainda fazia questão de acompanhar pessoalmente os louros de alguns de seus investimentos, como, o da Estrada de Ferro. Em 25 de junho de 1882 foi contemplar a abertura do túnel da Mantiqueira, fato documentado pelo prestigiado fotógrafo Marc Ferrez²⁵:

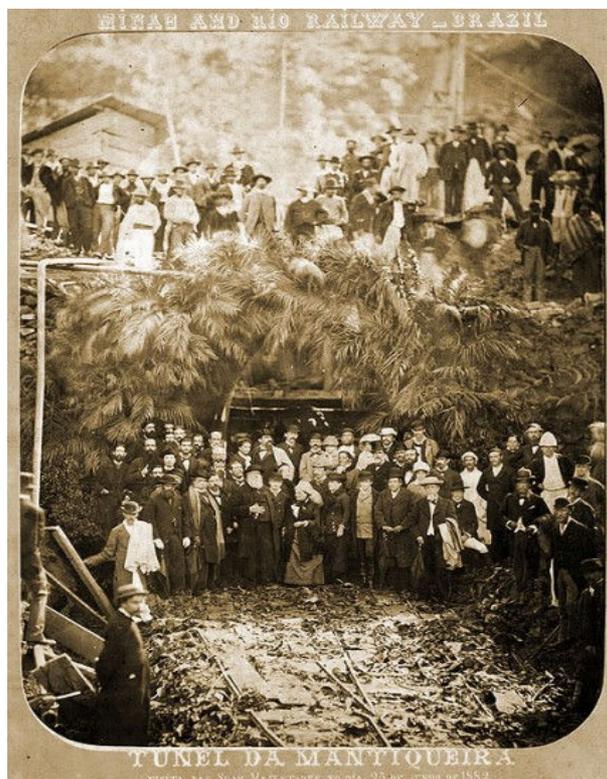


Figura 3: Imperador D. Pedro II em visita ao Túnel da Mantiqueira em 25/06/1882.

Fonte: <http://www.blogdomadeira.com.br/cultura/14-de-junho-de-2009-ha-125-anos-d-pedro-ii-inaugurava-a-ferrovia-cruzeiro-a-tres-coracoes/>

Nessa imagem, além de D. Pedro II, é possível vislumbrar a presença de personagens “ilustres” da sociedade oitocentista brasileira, como:

²⁵ Marc Ferrez (Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1843 – 12 de janeiro de 1923) foi um fotógrafo franco-brasileiro. Retratava cenas do cotidiano brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro, nos períodos do Império e início da República, entre 1865 e 1918, sendo que seu trabalho é um dos mais importantes legados visuais daquelas épocas. Disponível em: <http://ims.uol.com.br/hs/marcferrez/marcferrez.html>. Acesso em: 31 de janeiro de 2013.

Imperatriz Terêza Cristina, a Princesa Isabel, o Conde d'Eu e os Príncipes D. Pedro Augusto e D. Augusto (ambos netos do Imperador, filhos da Princesa D. Leopoldina); Conselheiro de Estado e Senador do Império, Dr. Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, Barão da Laguna (Senador do Império e Camareiro de S.M.); Visconde de Bom Retiro (Senador do Império); Conselheiro e Senador Afonso Celso (Visconde de Ouro Preto); Dr. Cristiano Benedito Otoni (Senador do Império e construtor da E. F. D. Pedro II); Baronesa de Fonseca Costa (Dama da Imperatriz); Dr. Afonso Pena (Ministro da Agricultura e Viação); Mr. Herbert Hunt (construtor da ferrovia).²⁶

Os membros da família real e os trabalhadores (na parte de cima da imagem) responsáveis por construir o túnel da Mantiqueira em São Paulo figuram no retrato de um acontecimento considerado muito importante para época. A Estrada de Ferro era um sonho concretizado que simbolizava o tão almejado progresso para a nação por constituir-se um passo significativo para viabilizar a união das regiões interioranas do Brasil aos grandes centros econômico e político do país como, São Paulo e Rio de Janeiro. A fotografia portanto, era um meio de evitar que as marcas do tempo apagassem feito tão grandioso para a história brasileira.

O Império assegurou a Magalhães os empreendimentos para desenvolver a nação, mas acima de tudo de, sobrelevar-se ao panteão cívico dos grandes heróis da história nacional. Portanto, o regime monárquico constituía-se como um dos vetores centrais responsável por legitimar o poder e o prestígio social que Magalhães conseguira galgar no cenário político e social de seu tempo.

Homem de astúcia notável para cumprir o anseio de construir uma memória heroica de si, Magalhães aproveitou-se de todas as oportunidades que lhe foram concedidas da sua posição privilegiada de renomado político e empreendedor brasileiro, para deixar vários tipos de registros históricos (livros, lápides, relatórios, retratos, dentre outros) que fizessem alusão aos seus esforços pessoais.

A “magnitude” de seus atos não esperaria a sua morte para ser reconhecida. Em vida Couto immortalizou sua vida heroica em livros. Biógrafos, a exemplo, do político Afonso Celso de Assis Figueiredo, narravam a sua existência coroando-o como um notável galardão do Império, que lutara incansavelmente para o sucesso da nação:

Quase ao mesmo tempo em que a força expedicionária no sul da província de Matto Grosso se celebrava com feitos tão heroicos, esplendidos triunfos coroavam os esforços da expedição organizada com grande dificuldade na capital da província pelo distinto presidente com o

²⁶ Em: <http://www.blogdomadeira.com.br/cultura/14-de-junho-de-2009-ha-125-anos-d-pedro-ii-inaugurava-a-ferrovia-cruzeiro-a-tres-coracoes/>. Acesso em: 28 de março de 2013.

nobre intento de fazel-a operar activamente no rio Paraguay, retomar as nossas posições occupadas pelo inimido, e salvar as famílias brazileiras que, ainda em poder do mesmo inimigo, soffriam duro captiveiro (FIGUEIREDO, 1898, p. 510).

Inspirado na literatura da Grécia Antiga, Figueiredo, retrata Couto de Magalhães semelhante a um herói grego, destacando o acontecimento da Guerra do Paraguai, no intuito de demonstrar a importância individual dessa personagem para vitória brasileira no episódio em questão: “[o]s paraguayos atacaram mais de uma vez. Couto luctou, ao mesmo tempo com a peste, a fome e a guerra, debellando-as por meio de coragem, energia e perseverança, dignas da celebração de um Xenophonte” (Idem, 1898, p. 511).

Contudo, as ambições de Couto sobrepujavam a própria morte. Pretendia criar uma memória heroica de si que perdurasse após a sua existência. Nesse sentido, alguns escritores cumpriram o seu desejo, tentando não deixar que as forças do tempo desvanecessem a imagem honrosa que ele construiu de si. Desses biógrafos, destacam-se Aureliano Leite, que em seu livro *O Brigadeiro Couto de Magalhães: sentido nacionalista de sua obra* retratou Magalhães tracejado em uma narrativa honrosa e gloriosa, de um indivíduo que dedicou a sua vida em prol do seu país, em que “todos os passos dêle na vida, [...] moveram-se no sentido do bem do Brasil,” é apresentado como um “homem de estudos, homem publico, homem de negócios, homem privado” que dedicara a sua existência a “servir a nação” (LEITE, 1936, p. 36).

No palco de alguns dos “grandes” acontecimentos históricos do Brasil do século XIX, abriram-se as cortinas para adentrar em cena José Vieira Couto de Magalhães. Detentor de uma astúcia notável para a “arte da escrita”, esse renomado político e intelectual por intermédio de narrativas hercúleas de seus atos, representou de maneira exímia o seu papel de herói nacional. Sua “atuação” fora tão convincente que não impressionara somente os homens de seu tempo, mesmo depois de sua morte conseguira conquistar uma “plateia” de admiradores.

1.1.3.Saindo de cena

Nenhum homem é rico o suficiente para comprar de volta o seu passado
Oscar Wilde

O advento da República no cenário brasileiro mudou a representação dos papéis sociais de muitos políticos e intelectuais da época. Esse foi o caso de José Vieira Couto de Magalhães, que ao defender incisamente a monarquia, é retirado do cenário dos grandes heróis brasileiros, para ter sua imagem pública reconfigurada aos postos da “vilania” nacional.

A República foi construída e fundamentada sob os pilares da teoria positivista comtiana, que a retratava simbolicamente como um avanço necessário para a evolução política nacional. Portanto, todos aqueles que mostrassem-se contrários a esse regime de governo deveriam ser alijados do poder, pois constituíam-se obstáculos para a concretização do tão almejado sonho de trazer o progresso a nação.

A construção do imaginário a respeito da República foi o palco de “batalhas simbólicas” que despontavam contra o inimigo monárquico. Nesse contexto fazia-se necessário criar novos símbolos capazes de legitimar o novo regime. Para isto, foi mobilizada uma engrenagem de signos (não só a bandeira e o nacional, como também a literatura, a música, a imprensa, etc) que reforçavam o discurso ideológico republicano. (CARVALHO, 1990).

Incapaz de adaptar-se ao novo cenário político, Magalhães assistiu de “mãos atadas” a destruição do mundo que ajudou a construir, isto é, o império, “lugar temporal” responsável por legitimar o poder e prestígio social que detinha. A República, contraditoriamente, simbolizava o desfalecimento de seus referenciais, valores e principalmente do status que tanto prezava.

Quando presidia a província de São Paulo em 1889, ainda no período imperial, Couto demonstrava ter consciência que não detinha mais o poder que um dia já possuía, o que podia ser constatado no número exíguo de políticos que ainda o apoiavam: “A minha roda é extremamente limitada; faltam-me pontos de apoio e eu não represento mais poder algum” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* BANDECCHI, 1974, s/p).

Em seu diário publicado por Pedro Brasil Bandecchi (1974) é possível perceber o esforço empreendido por Couto para que o Império continuasse vigorando como regime político do Brasil, não desanimando nem mesmo com a fragilidade da sua saúde e a tristeza que o consumia. Usando de todos os meios possíveis para manter-se no poder, ele não mediu esforços para exercer de forma eficaz a sua administração no governo de São Paulo, acreditando que “[O] melhor meio de combater a propaganda republicana” era [...] “um bom

governo na província; por isso” era “necessário” ter “inteligência, energia e boa vontade [...]” (Idem: 1974, s/p), qualidades que ele acreditava não lhe faltar.

Mesmo tendo feito de tudo para preservar o governo imperial, e, por sua vez, também conservar-se no poder, Couto viu o Brasil tornar-se República, sem nada poder fazer. No dia 15 de novembro de 1889, “viu-se coagido a ceder o lugar á junta provisória designada pela sedição triunfante” (LEITE, 1936, p. 94).

As narrativas a respeito do ato de entrega do cargo de Couto aos representantes do governo republicano foram realizadas por muitos de seus pares em tons hercúleos. O político P. Mata Machado, que assistiu a tal acontecimento, por exemplo, retratou o general como um grande líder que mesmo passando por essa situação de humilhação, ainda lutou de forma honrosa até o último momento:

[...] esperávamos notícias do Rio, que não chegavam, quando, cerca de meia noite, anunciaram em Palacio Bernadino de Campos e Julio de Mesquita; logo introduzidos, disseram ao General que estava proclamada a Republica e que eles vinham receber o Governo. Aquele replicou-lhes não ter prova alguma do facto; era o responsável pela ordem, pela vida e segurança da população de São Paulo; não lhe provavam que a Constituição houvesse desaparecido e, por isso, ele permaneceria no seu posto. Insistiram os emissarios, falando em “possivel revolta do povo, agitado nas ruas da cidade”. O General²⁷, sereno e calmo, retorquiui:

- Que pode me acontecer?... tenho vivido bastante, não me importa morrer; sem vida, os Srs. Podem levar-me por aquela porta; sem honra, não. E', sem vida podem levar-me, sem honra não. (MACHADO *apud* LEITE, 1936, p. 97, **grifos meus**).

Machado prossegue à narrativa, sem deixar de acentuar a coragem de Couto no ato da entrega do seu posto, que só foi concretizado quando o general já não tinha mais maneiras de continuar resistindo aos republicanos, pois todos tinham o abandonado, não encontrando um só companheiro que pudesse lutar ao seu lado:

O General, sempre impassível, sem denotar a menor emoção, enumerando um por um todos os elementos de força de que poderia dispor em São Paulo, inclusive o Corpo de Bombeiros, perguntou-lhes si todos haviam aderido. Com afirmativa, perguntou-lhes:

-Então, si eu quizesse resistir não teria um só elemento de força?

- Nenhum.

Estendendo os punhos, mãos fechadas, exclamou:

- Aqui estão os punhos, ponham as algemas.

Não concordavam com a deposição pela força e queriam obter a entrega do Governo pelo respeito á soberania nacional. Rangel Pestana insistia e Prudente de Moraes continuava, calado e tranqüilo.

²⁷ Observe que o político P. Mata Machado refere-se a Couto, sempre com o título como este, apreciava ser denominado, General, no intuito de reforçar a posição de importância e o prestígio de Magalhães na sociedade brasileira, avivando o tom laudatório da narrativa.

Reafirmou-lhes o Presidente que não respeitava governos de violência e que só não resistiria por terem eles garantido que não lhes restavam um só contingente de força, e, estendendo de novo as mãos fechadas, exclamou:

- Já lhes disse que aqui estão os punhos, ponham as algemas. (Idem, 1936: 98-99).

Couto deixou o gabinete sem os seus opositores precisarem usar da violência, mas certo de que o regime republicano não duraria por muito tempo: “A República está feita, mas ha de cair, como caiu na Espanha; é passado o período da experiência; ha de cair, como caiu na Espanha” (Idem, 1936: 97).

Contudo, as previsões de Couto não realizaram-se, a “República não caiu”, e com ela também lhe sobreveio o sentimento de abandono e traição de seus pares. Prudente de Moraes, que um dia bebera de seus ensinamentos sobre as filosofias de Hegel e Kant, no mosteiro de São Bento, foi o responsável não apenas por lhe deferir o “golpe de misericórdia” que o retirou em 1889 da administração de São Paulo, mas também de ficar no cargo que lhe pertencia. (LEITE, 1936). O aprendiz literalmente superou o mestre, retirando deste, o que tanto prezava: o poder.

A partir de 1889, ele vivenciou os mais amargos dias de sua vida. O advento do regime republicano representou a derrocada de muitos de seus êxitos empresariais que eram subvencionados pelo Império como, por exemplo, a navegação a vapor que tinha como objetivo unir a bacia do Prata a do Amazonas, que foi desativada posteriormente a queda da monarquia. Depois de tanto esforço empregado, os seus vapores transformaram-se em “material flutuante” que “foi posto em hasta publica, como ferro velho”. (LEITE, 1936, p. 108).

A falácia completou-se quando em 1893, quando foi preso por ter doado parte de sua fortuna para a fundação de um hospital de sangue para os revoltosos da Armada e do Rio Grande do Sul. Como estava com o estado de saúde bastante debilitado, Floriano Peixoto permitiu que Couto partisse para a Europa para tratar-se. Despatriado e reconfigurado a vilão nacional chegando ao ponto de ser aprisionado pelo regime republicano, Magalhães constatou como a passagem do tempo pode configurar-se como algo amargo e doloroso na vida de indivíduo.

Ao perceber que os seus sonhos, seus valores e referenciais e sua importância social desvanecerem-se com a República, Magalhães desabafa – como também observou Henrique (2008)- na reedição de sua obra *Viagem ao Araguaia*, em 1889, pertencer a um eixo temporal

“morto”, que “deixou de existir”, a monarquia: “[...] os costumes nacionais estão de tal sorte transformados que eu, que não me considero velho, contudo, em muita coisa, pertenço a uma sociedade que deixou de existir” (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p.44).

Couto nunca escondera o seu apreço pelo governo monárquico:

sempre fui um profundo admirador da Monarquia que o Sr. D. Pedro II fundara no Brasil e por 50 anos sustentou, fazendo deste país um Império, único no mundo, com muita grandeza moral, esperanças imensas, emolduradas por uma natureza inexcedivelmente bela. (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MOREIRA, 2005, p. 235).

A amargura o refizera considerar em retirar na reedição de *Viagem ao Araguaia* partes da obra que refletiam seu entusiasmo juvenil em relação as suas expectativas quanto ao seu futuro glorioso frente à nação e que na maturidade ao ter o seu mundo significativamente transformado, lhe traziam verdadeira aversão: “Se me metesse, porém, a emendar todo de novo, pois havia de cortar ou modificar tudo quanto fosse manifestação de entusiasmo, de que tenho hoje especial apatia [...] (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p.47).

Caminhando para o final de sua vida, José Vieira, demonstrou ser um homem angustiado com que o “destino” lhe reservara. Acreditava ter dedicado-se incondicionalmente em prol do desenvolvimento da nação, e esta lhe retribuiu com a ingratidão. Mesmo assim, diante de tantos infortúnios ele tentou “seguir em frente”, mas sempre tendo como referência o passado, “lugar temporal” que guardava os regozijos de felicidade de um tempo em que desfrutava de glórias e de grande prestígio social proporcionadas em grande parte graças ao governo imperial. Portanto, quando foi instalada a República, Magalhães foi obrigado a “sair” de cena para adentrar ao palco os novos heróis e líderes provenientes do regime republicano, tendo consciência de ter sido “do Brasil de ontem”, procurando, dessa forma, atribuir significado a sua trajetória, com os tempos de outrora.

1.2. O que é ser um herói?

A construção da imagem heroica é realizada muitas vezes por intermédio de uma “fórmula” conceitual padronizada: seres naturalmente fortes e heterossexuais. A aceitação pública de um indivíduo como herói exigirá do mesmo uma exímia interpretação de um papel social em concorde com os padrões citados. Questionar esse arquétipo pode ser visto como algo perigoso, já que muitos pesquisadores acreditavam que isso poderia macular a representação hercúlea desses indivíduos. Com Couto de Magalhães não foi diferente, seus

biógrafos o retratavam como um homem despossuído de medos, forte, desbravador, corajoso, e, acima de tudo um incontestável amante do sexo oposto.

Qualquer possibilidade de “desvio” dessa representação idealista em relação ao papel social heroico do general deveria ser eliminada. Aureliano Leite, seu biógrafo mais requisitado, aconselha que o segredo de José Vieira a respeito de sua possível homossexualidade - a florada na escrita dos seus sonhos em seu diário - não poderia jamais ser descoberto, pois, no seu parecer, constituíam-se fatos escabrosos:

Mesmo no estrangeiro, quando queria guardar só para si certos factos, por vezes **escabrosos**, o decoro levava-o a recorrer ao *nheengatú*²⁸. Por sinal que nos seus manuscritos existem paginas vasadas nesse dialecto, **as quais todavia não devem jámais ser traduzidas** (LEITE, 1936, p. 88, **grifos meus**).

Em vez de mencionar a possível homossexualidade²⁹ de Magalhães, Aureliano Leite constrói a imagem do general como um incorrigível amante do sexo oposto: “Sem ter sido um assexual, pois andou na sua vida muito rabo de saia, manteve-se solteirão, até morrer. Naquele tempo, mais do que agora, isso já constituía certa originalidade (Idem, 1936: p. 133).

Mesmo quando as passagens picantes de sua narrativa codificadas na língua tupi-nheengatu vieram ao conhecimento público com a publicação em 1998 dos seus escritos pela historiadora Maria Helena P. T. Machado, muitos preferiam ainda vê-lo como um “incorrigível amante heterossexual”. Esse foi o caso do Hélio Moreira, que produziu com base no diário uma estória romanceada a respeito do relacionamento que Magalhães manteve como uma jovem chamada de Lily Grey, em Londres:

[...] Couto sentia-se como um colegial que pegou a mão da donzela pela primeira vez; [...] Lily estava simplesmente deslumbrante! Cabelos frisados e vestido de tafetá de seda, âmbar-marron, com dois laços nos ombros.

²⁸ As partes mais picantes dos sonhos no diário de Couto de Magalhães foram codificadas na língua tupi-nheengatu.

²⁹ Em decorrência do caloroso debate que cerceia a temática da orientação sexual, faz-se necessário explicitar a explicação a respeito da escolha do uso da palavra homossexual para caracterizar a tendência sexual expressa por Couto em seu universo onírico. O primeiro ponto a destacar é que a utilização do referido termo não é anacrônica, já que foi empregado pela primeira vez, em 1869 – quando o general tinha 32 anos - pelo jornalista Karl Maria Kertbeny, para proteger os direitos dos amantes do mesmo sexo que estavam sendo condenados a prisão com base em parágrafo do Código Penal Alemão. Segundo aspecto a salientar: quando Karl empregou a palavra homossexualismo, esta não detinha a carga negativa que lhe foi atribuída posteriormente pela medicina social. O jornalista defendia que a homossexualidade era uma condição inata, não adquirida, portanto, era um absurdo criminalizá-la (HALPERIN, 2004). Sendo assim, a utilização do termo homossexual não constitui-se anacronismo, no sentido que o mesmo era contemporâneo a Magalhães e também não acarretava o sentido pejorativo de anormalidade doentia, que só foi lhe atribuído tempos mais tarde.

O sorriso tão esperado aflorou na sua bem talhada boca, discretamente adornada por um batom vermelho, seu perfume inundou o olfato de Couto [...] (MOREIRA, 200, p.158-159).

Hélio Moreira “dá as asas a sua imaginação” ao idealizar como seria fisicamente a amante de Couto:

Realmente ela era muito bonita, loira, olhos azuis, cabelos anelados, até um pouco cacheados e compridos, caindo pelos ombros; lábios grossos e sensuais e que eram discretamente tingidos por um batom vermelho escuro, seios não muito volumosos, porém fazendo saliência com gentileza e delicadeza. Ao sorrir, deixava ver lindos dentes, alvos e absolutamente bem distribuídos, seu hálito tinha aroma de maçã, exalava um perfume com fragrância suave e não agressivo, porém capaz de sensibilizar o olfato mais exigente, teria entre 18 e 20 anos de idade, segundo pode perceber (Idem, 2005: 152).

A maneira idealizada e romanesca como Hélio Moreira refere-se ao Lily é totalmente discrepante da forma como Magalhães a retratava em seu diário, sempre utilizando-se de um tom depreciativo ao reportar-se a ela: “A Lily teve a noite passada um ataque histérico mais pronunciado do que os outros e que me excitou muito a compaixão; pobres mulheres e pobre humanidade” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 115).

A presença da jovem inglesa parecia, muitas vezes, ser um verdadeiro fardo, como pode ser percebido no seu diário, no registro do dia 23 de agosto de 1880, quando Lily presta queixa de um relógio roubado para a polícia, o que deixa Magalhães muito aborrecido:

Aqui cheguei em Park Place e encontrei tudo em grande *row*³⁰, por que o relógio da Lily tinha sido roubado, e ela estava muito excitada, e com ela as duas velhas francesas, e um polícia na porta; afinal decidiu-se pelo conselho das velhas e do polícia que a Lily fosse fazer a sua deposição na polícia. E lá foram. Eu não deixo de estar incomodado, porque é em todo caso um escândalo, sobretudo, se quiserem ter a casa procurada. Não liguemos, porém, importância a isso, porque, em último análise, não vale a pena; é um negócio de cabeças ocas que dará em nada, [se] bem que não deixa de ser extremamente *annoying*³¹. (Idem, 1998: 90).

Observe a maneira pejorativa como Couto referiu-se a Lily, utilizando-se do taxativo “cabeça oca” ao reporta-se a ela, em uma atitude de total apatia a mesma. Parecia mais preocupado em “abafar” o escândalo do que ajudá-la.

Talvez em uma tentativa de preservação da imagem heroica do general com sua amante, Hélio Moreira preferiu romancear a relação do general com sua amante, ao invés de tocar em um dos assuntos mais recorrentes do diário no que tange ao aspecto da sexualidade:

³⁰ Em inglês significa: confusão.

³¹ Em inglês: aborrecido.

um desejo erótico aflorado em sonhos tanto por personagens tanto masculinos como femininos.

Se Couto de Magalhães compartilhava dos anseios políticos da elite imperial que aspirava ao desenvolvimento da nação, orientada pelo pensamento positivista de progresso e civilização, no que tange ao aspecto da sexualidade, ele renegou incisivamente os valores dos oitocentos, seja em posições tomadas em sua vida pública, mas principalmente, na escrita de seu diário íntimo. Nesse registro de caráter privado, demonstrou um olhar subjetivo original e desafiador em relação às concepções sexuais de sua época (HENRIQUE, 2008).

Portanto, a narrativa íntima de Couto vai “lançar por terra” a ideia de que heróis se fazem por fórmulas conceituais ideais. Se um herói tem a coragem como atributo, não pode-se negar essa característica em Couto ao redigir o seu diário. Irreverente, envereda-se no exercício “perigoso” do registro de seus sonhos, ousando “vasculhar” os recônditos dos seus desejos mais íntimos, mesmo que isso significasse ir contra os valores e as concepções de sua época.

1.3- Couto de Magalhães e a escrita dos sonhos: um ato (des)velar-se

[...] nunca me esquecerei de que a normalidade é uma ilusão imbecil e estéril.
Fernando Pessoa

A contradição é uma das portas principais de entrada, de acordo com Peter Gay (1999), para se adentrar no processo de entendimento que levaram os indivíduos a desnudar na modernidade a sua vida interior numa tentativa de compreensão de si e do vivido. O desejo de saber sobre si por meio de escritas tidas como privadas, como os diários íntimos, é realizado em um jogo de querer esconder-se e simultaneamente revelar-se, em um movimento contrastante que intercambia entre a discrição e a exploração corajosa (PETER GAY, 1999).

Em uma época, em que os manuais de civilidade impregnavam a sociedade, a maneira de se expressar nos diários também sofria restrições. Apesar de prezar-se pela liberdade na escrita íntima, também impunha-se a essa prática de construção de si, a necessidade de controle e disciplina. Estimulava-se que os indivíduos “fossem espontâneos e ao mesmo tempo resistissem à espontaneidade” (Idem, 1999, p. 351). Mesmo que, a escrita

autobiográfica sofresse algum tipo de contenção, ainda era nela que muitos indivíduos sentiam-se mais a vontade para confessar seus desejos eróticos:

[...] naturalmente muitos vitorianos consideravam impróprio registrar no papel seus desejos eróticos. Mas os que não pensavam assim – e estes não eram exceções tão raras e extremas – nos deixaram indicações sugestivas do papel importante desempenhado pela satisfação sexual na vida dos homens. Mesmo as cartas de amor pouco explícitas, carregadas de beijos epistolares e lembranças de amplexos deliciosos, sugerem, com suas efusões sentimentais e floreios românticos, a força do apetite sexual. (GAY, 1999, p.353).

Caminhando ao encontro da ideia exposta por Peter Gay, o diário do general expressa uma sexualidade que afluía erotismo nos sonhos, mesclando um universo onírico povoado não só por figuras femininas como também, e, principalmente masculinas. O desejo de Couto de confessar a sua sexualidade foi alimentado de certa forma por sua época. Na sua crítica a “hipótese repressiva” sobre o sexo, Foucault (1988) defende que este não teria sido enquadrado, ao longo do século XIX, num rigoroso processo de restrição e de interdição. Na verdade, estimulava-se a falar cada vez mais sobre o sexo colocando-o em discurso, recheando-se prateleiras de lojas com livros e artigos que o tinham como assunto principal. Contudo, de acordo com a teoria foucaultina, tratar sobre o sexo na sociedade ocidental, ao longo do referido século, era quase sempre em termos biologizantes, no intuito de dominar as pulsões e as atividades sexuais para classificar o que configuravam-se “práticas de normalidade”. Dessa forma, estimulado por sua época, que incitava a “falar” e a conhecer cada vez mais sobre o sexo, no intuito de melhor controlá-lo, (FOUCAULT, 1988), José Vieira respondeu a petição de saber-poder sobre seu corpo e sua sexualidade por meio da escrita do seu diário (HENRIQUE, 2008).

Ao analisar a narrativa do universo onírico de Couto de Magalhães, não se pretende de maneira alguma interpretar seus sonhos. O exame do material onírico em toda a sua complexidade não possibilita a realização dessa tarefa, porque a própria psicanálise ensina que a presença do sonhador é indispensável para elaboração das associações livres, capazes de clarificar o conteúdo das cenas oníricas, que passam, muitas vezes, pelo crivo da censura por serem frutos de desejos reprimidos. (FREUD *apud* MACHADO, 2005). Além disso, a narrativa que essa personagem faz em seu diário não possibilita ao pesquisador, ter acesso ao sonho em si, mas, a um fragmento dele, que provavelmente foi alterado pelo processo de rememoração e pela atribuição de coerência na narrativa ao mundo dos sonhos que este não contém (HENRIQUE, 2008). Dessa forma, procura-se compreender a maneira como o

próprio Couto interpretou o seu universo onírico no intuito de atribuir consistência e sentido a própria existência.

É necessário deixar claro também que não foi encontrado nenhum documento que pudesse fornecer a certeza de que Couto era de fato um homossexual, mesmo que o seu universo onírico fosse povoado de cenas “picantes” com personagens do mesmo sexo. Adentrando nessa questão Henrique (2008) ao observar de forma perspicaz o depoimento do respeitado médico oitocentista Dr. Márcio Nery - que encontra-se no livro *Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual* de Viveiros de Castro, publicado pela primeira vez em 1894 - a respeito de um exame realizado em um “cavalheiro acometido de alienação mental” que praticava “actos de pederastia activa”, conjectura a hipótese de que esse paciente porventura poderia ser José Vieira Couto de Magalhães. De acordo com o referido médico, o ilustre cavalheiro:

[e]ra um homem solteiro, de 54 annos de idade, tendo gasto o melhor de seu tempo em viagens pelo interior do nosso paiz, na política e na guerra do Paraguay, representando sempre um papel eminente. Sua grande fortuna lhe permittia uma vida cheia de commodidades; não obstante porem vivia mediocrementemente em uma chácara, acompanhado de dois criados, com os quaes praticava actos de pederastia activa. No meio de seu delírio erótico fazia poesias ternas ás moças e muitas vezes cheias de sensualidade; mas para suas relações carnaes reclamava sempre um de seus empregados, embora auzente ou acercava-se de algum menino que descuidadamente se aventurasse para os lados onde elle se encontrava. Esta perversão sexual não era recente; datava de muitos annos, mas foi sempre praticada com recato de modo que poucas pessoas a conheciam. A desordem mental modificou-se favoravelmente, mas não sei o que veio a ser da perversão sexual, pois não acompanhei mais a evolução da moléstia deste enfermo (NERY *apud* HENRIQUE, 2008, p. 261).

Além de Couto de Magalhães ter sido um “ilustre cavalheiro” de sua época que foi acometido de sífilis no final de sua vida, o que lhe gerou sérios transtornos mentais, Henrique pondera outras semelhanças entre o general e o paciente de Márcio Nery:

Tendo nascido em novembro de 1837, Couto de Magalhães estava com 53 anos em 1890, data em que o Dr. Márcio Nery examinou o cavalheiro de 54 anos, acometido de “alienação mental”. À essa época Couto de Magalhães era um “homem solteiro” e, seja na condição política de presidente das províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo, “representando sempre um papel eminente” ou na de empresário do setor de navegação, grande parte do seu tempo havia sido gasto em viagens pelo interior do Brasil, conforme pode-se constatar em suas obras *Viagem ao Araguaia e O Selvagem*. Na presidência de Mato Grosso, como sabemos, alcançou o título de herói da Guerra do Paraguai. Também sabemos que muito jovem, conseguiu acumular uma significativa fortuna, “que lhe permitia uma vida cheia de comodidades”. Em São Paulo, era conhecida a chácara [...] onde o

ex-presidente da província morava, origem remota do atual bairro do Itaim, na capital paulista. (HENRIQUE, 2008, 261).

Além das similitudes apontadas por Henrique, observa-se outra “coincidência”: o desejo sexual, do referido enfermo, por “meninos”, também está presente no universo onírico de Couto. No registro, por exemplo, do sonho do dia quatorze para quinze de fevereiro de 1881, ele revela ao anseio de envolver-se sexualmente com dois rapazes de 15 anos:

Depois um crioulo meu em companhia de um mulatinho em mangas de camisa e simplório e ambos de quinze anos de idade, em minha companhia, passamos um bar com compoteiras com açúcar, e saímos em um lago mui grande coberto de muito lodo verde, e nos banhamos os três nesse lago. *Ixe oyuputar om. Curiboca, tapayuna; anahen oiko tapayuna sak. opirari uana i pupé.* (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 199-200).

O trecho traduzido para o português significa: “Eu quero fazer sexo com um mestiço, com um preto; eu falo que o membro viril do preto foi tirado de dentro” (Idem, 1998: 200).

O desejo de Couto por pessoas mais jovens também pode ser observado em relação ao sexo oposto. No registro do dia 10 de outubro de 1880, ele revela a idade da sua amante em Londres, Lily Grey, que possuía menos de dezoito anos quando começaram a envolver-se: “*Lily Grey aged 18 two years ago*”³² (Idem, 1998: 134).

Mesmo que não se tenham provas da sua homossexualidade em sua “vida acordada”, não se pode negar a relevância da análise da escrita dos sonhos que estão embebidos de um erotismo que revelam uma personalidade em conflito com os valores e as concepções de sua época.

A construção do universo onírico de Couto valeu-se de um vocabulário próprio que mesclava passagens na língua indígena tupi-nheengatu e com a utilização de códigos pessoais. Essa codificação era utilizada essencialmente quando o general lançava-se no regozijo da narrativa erótica dos seus prazeres:

A construção da narrativa de Couto é realizada numa vontade de revelar e ao mesmo tempo de camuflar seus desejos mais secretos. Mesmo que, tenha tentado “esconder” as partes mais “picantes” do seu diário no refúgio da língua tupi-nheengatu, ele deixou caminhos para que seu segredo fosse descoberto.

No ano de 1876, ao publicar *O selvagem*, dedicou parte significativa dessa obra, a elaborar ensinamentos, pautados no método de Ollendorff³³, que pudessem facilitar o

³² Lily Grey completou dezoito anos há dois dias.

³³ O Método de Ollendorff é um modelo pedagógico de ensino das línguas estrangeiras a adultos que foi desenvolvido por Heinrich Gottfried Ollendorff (1802-1865). Este método baseia-se no princípio de que as

aprendizado do nheengatu. Contudo, ainda que, o seu segredo fosse descoberto, a forma como ele procurou registrá-lo foi engenhosa. Observe que o recorte temporal no qual essa personalidade escreve o seu diário, de 1880 a 1887, Freud ainda não tinha lançado um dos seus mais famosos e polêmicos livros, *Interpretação dos Sonhos*, que foi publicado somente em 1899, ou seja, posteriormente a escrita do diário. O mundo onírico ainda não era visto como uma representação de desejos reprimidos, e mais ainda, ele não possuía nenhum tipo de credibilidade para revelar algo sobre a “realidade”. Portanto, mesmo que, alguém conseguisse decodificar o registro dos seus anseios eróticos, o general poderia simplesmente alegar que eles não eram verdadeiros por serem frutos restritos de manifestações oníricas irrealis.

A atitude de Couto em deixar registrado no seu diário uma tendência homossexualidade por meio do relato dos sonhos exigiu coragem. Não são raros os casos de perseguição aos amantes do mesmo sexo na História, como por exemplo, o do escritor espanhol Miguel de Cervantes que foi condenado em 1569 pelo rei da Espanha, sob a acusação de “homossexualismo” a ter a sua mão direita amputada, obrigando-o a fugir da Espanha para escapar da punição, levando-o a procurar refúgio em terras italianas (ARRABAL,1999).

O dramaturgo inglês contemporâneo do general, Oscar Wilde (1854-1900), ganhou bastante polêmica na época ao ser acusado de sodomia sendo obrigado a exercer dois anos de trabalhos na prisão, onde definhou e morreu pouco tempo após deixar a cadeia. Esse último exemplo demonstra a grande intolerância em relação aos homossexuais nos oitocentos, que eram tratados como loucos, pervertidos e sentenciados muitas vezes a morte. Nesse sentido, o ato de José Vieira de confessar a sua sexualidade por meio da escrita autobiográfica era de fato um risco, que por sua vez, exigia também bastante ousadia.

Se em sua escrita do diário o general demonstrou certa irreverência, desafiando os valores e concepções de sua época, ao deixar registrada uma tendência homossexual, na sua vida pública também empreendeu atitudes que negavam até certo ponto os padrões de normalidade disseminados no século XIX. Diferentemente da ordem apregoada pela medicina social no oitocentos para o qual a normalidade expressava-se em uma família nuclear - com pai, mãe e filhos – Couto de Magalhães assume uma postura “original” ao se declarar orgulhosamente um solteirão convicto. Os homens que não se casavam e os homossexuais eram discriminados pela sociedade por comprometerem a lógica da reprodução, e, dessa

línguas estrangeiras devem ser ensinadas da mesma forma que uma criança aprende a língua materna (COUTO DE MAGALHÃES, 1975).

forma, a própria sobrevivência da espécie humana. Além disso, como destaca Mott, Couto “não quis esconder que foi pouco convencional em questões de moral sexual: solteirão convicto, reconheceu em seu testamento a paternidade de três filhos naturais” (MOTT, 2003, p.174). O pior nessa época do que negar se casar, era talvez ter filhos e não criá-los, pois, tal atitude comprometia diretamente os preceitos cristãos e da medicina social de uma família higienicamente tratada.

Couto parecia não incomodar-se em empreender atitudes públicas contrárias a doutrina cristã. Sua aversão aos cânones da Igreja Católica foi tamanha, que seu amigo, o jornalista mineiro, Horácio de Carvalho, descreveu com as seguintes palavras o posicionamento depreciativo de Magalhães em relação a essa instituição:

Dando pasto a sua paixão, para Couto os maiores males sociais vinham da gente neutra de Roma, do padre que é o símbolo da hipocrisia e do obscurantismo, da irracional instituição da roupeta. Fulminava-os sem dó, sentindo não poder eliminá-los da sociedade, extirpá-los do gênero humano, como se extirpa um cancro, brutalmente, a ferro cortante (CARVALHO *apud* LEITE, 1936, p. 138).

Contrariando os discursos, cristão e da medicina social de seu tempo, que via o sexo apenas como um ato reprodutivo, o general lança a mão a sua pena para empreender novamente outra atitude irreverente: adentra ao mundo perigoso da escrita erótica ao redigir um romance intitulado *As fantasias devassas do dr. Calmiru*.

Inspirado pelos ares ingleses, em “que o gênero da literatura pornográfica se achava em voga na época” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 116-117), Couto lança a mão a sua pena para redigir parte da sua obra erótica, como pode ser atestado no seu diário, no registro do dia 25 de setembro de 1880: “[...] escrevi um capítulo do descabelado romance *Calmiru* (Idem, 1998:116).

Logo pelo título do referido livro, observa-se uma escrita que foi realizada para abalar as estruturas morais da sociedade. A devassidão abominada pela Igreja e pelos agentes higienistas por constituir-se como uma grave perversão sexual sendo considerada um sério desvio de caráter por mostrar-se um entrave a civilização da conduta, foi justamente a expressão escolhida por Couto para figurar como “porta de entrada” para seduzir os leitores a adentrar a um “mundo narrativo” que provavelmente confrontava os padrões sexuais de normalidade de sua época.

O romance parece constituir-se como uma espécie de narrativa autobiográfica. Como informa Machado, a história retrata “ao que parece episódios reais ocorridos em suas viagens

pelo interior do Brasil [...]” (Idem, 1998: 116). “Escondendo-se” sob o nome de dr. Calmiru, Magalhães provavelmente valeu-se dessa obra para expressar as “fantasias devassas” que povoavam a sua mente juvenil quando estava em meio aos sertões brasileiros e que na maturidade expressavam-se principalmente na forma de sonhos, como pode ser observado na análise do seu diário.

É importante destacar que embora as atitudes de Couto fossem audaciosas, a quebra dos padrões vigentes exige sempre exposição, sofrimento, e muitas vezes, solidão. Em seus diários, seja o que é objeto de análise nesse estudo, seja o publicado pelo Pedro Brasil Bandecchi (1974), o general não faz referência a muitos amigos pessoais em que pudesse realmente confiar. Talvez a solidão tivesse incitado-o a prática do registro autobiográfico. Muitos diaristas, afirmam que “sentir-se só” foi o principal motivo que os levaram a “desvelar o seu coração” na escrita íntima. Por exemplo, o diário de Alice James, “a brilhante irmã inválida de William e Henry James” (JAMES *apud* GAY, 1999, p. 364), afirma, em maio de 1889, que o diário era um amparo diante da sensação de isolamento: “Penso que, se puder adquirir o hábito de escrever um pouco sobre o que acontece –, perderei um pouco este sentimento de solidão e desamparo que me acompanha” (Idem, 1999: 364).

A forma como o general procurou interpretar os seus sonhos também é um fato que chama atenção pela sua originalidade. Em uma época, em que os homossexuais eram mal vistos pela sociedade, considerados disseminadores de pecado pela Igreja e doentes do “instinto sexual” pelo discurso médico (FOUCAULT, 1988), José Vieira escreveu seus sonhos eróticos com personagens do mesmo sexo, de forma natural e espontânea, sem atribuir-se nenhum rótulo negativo. Demonstrando uma postura singular aos ditames morais dos oitocentos, ao decodificá-los como assinala Henrique (2008), sem nenhum sentimento de culpa ou autocondenação.

No sonho com um tal de Leonardo, por exemplo, datado do dia 17 para 18 de fevereiro de 1881, o sonhador expressa sensação de “grande alegria” no seu relato, por querer fazer sexo com um personagem do mesmo sexo, não emitindo qualquer tipo de sentimento de autorrepressão:

Sonho depois com o Leonardo, e era um outro lugar *Iche chaputari omahe oputari*.

Observação:

Sensação de prazer vendo o rústico castelo francês; o rio, e água. Sensação de grande alegria pelo encontro com o Leonardo. Esse já é falecido; mas no

sonho eu não tinha a consciência disso (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 202).

A passagem em nheengatu significa: “eu quero fazer sexo com ele e ele comigo” (Idem, 1998: p. 202).

Na análise do relato da sua vida “acordada” também é possível observar a vontade de Couto de confessar a sua sexualidade, mas tendo o cuidado de não explicitá-la totalmente: “... vi na ponte um jovem melancólico encostado a um poste de lampião que me despertou certas curiosidades...” (Idem, 1998: 105). O general parece que construiu sua narrativa deixando pequenas “pistas” para que um possível leitor mais atento pudesse “achar” o caminho para desvelar os seus desejos mais íntimos. Já que seu diário parece ter sido escrito para ficar para posterioridade, talvez numa tentativa de compreensão futura, em que a visão “do outro” em relação ao seu universo onírico estivesse desvencilhada da carga pejorativa que impregnava a mentalidade oitocentista em relação aos amantes do mesmo sexo.

Apesar dos seus sonhos serem em sua grande maioria com homens, ele também registrou prazeres oníricos com o sexo oposto. Na noite de 28 de fevereiro para o dia 1 março, por exemplo:

O primeiro sonho foi com uma rapariga de grande cabeleira, ama de uma mocinha de doze ou treze anos, que me deixou impressão amorosa.

[...]

Observações:

1. Na primeira parte do sonho noto que *iche cha assassau ce po cunha mieu Kb. *** sui*, cheirei e senti o cheiro de *tix.****, portanto não é exato o que alguns observadores têm dito, isto é, que não se sente cheiro em sonhos (Idem, 1998: 208).

Couto expressa na língua indígena: “passei a mão no seio da mulher [...] *tix. ***[...]*” (Idem, 1998: 208).

Ou ainda, em outro momento: **Domingo de manhã – 22 de agosto de 1881**³⁴. A noite passada ou, antes, esta madrugada, *ixa xa maité (okeri ána ramé) que ixé xá men’ oipé cunha pixuma. [...] Iche cha reko reté oyumuin cana omi ar! Se *** reté Ana. Xa caká rame sainha *** sui cetá cõo aiqueãna* (Idem, 1998: 87). Em português: “eu sonhei que estava fazendo sexo com uma mulher preta. [...] “Eu estava bem escondido fazendo sexo! [É] muito gostoso

³⁴ Couto provavelmente deve ter se equivocado no registro dessa data, em vez do ano desse registro ser de 1881, na verdade ele é de 1880. Neste ano, o general, no mês de agosto escreve religiosamente praticamente todos os dias, seguindo uma ordenação cronológica dos registros bem definida.

***. Enquanto eu tirava de seu carço [vulva] ***, ela ficava como um animal (Idem, 1998: 87-88).

Como observa Henrique (2008) na vida acordada, contudo, diferentemente do mundo dos sonhos, Couto parecia que não tinha muito prazer na companhia de uma mulher. Lily Grey, sua amante em Londres, é registrada com certa insatisfação, referia-se a ela sempre com uma opacidade de sentimento afetivo e com termos pejorativos: histérica, mau-humorada, impaciente, de má têmpera e cabeça oca. Tanto na sua relação com Lily como na recordação dos casos que teve com uma mulher no Araguaia e outra no Pará, as experiências parecem ter sido um grande fardo para o general, fazendo-o refletir se tinha mesmo alguma vantagem em ter a companhia de uma figura feminina em sua vida:

Tenho ultimamente discutido comigo mesmo se há ou não vantagem em ter a companhia de uma mulher. Há dois anos que eu conservo tal companhia e realmente não tenho juízo formado. No Araguaia eu tinha essa companhia, e uma vez só me vieram saudades disso. A que tive no Pará igualmente não deixa saudades; a que tive em Londres a mesma coisa. Para o meu gênio independente e pontual é um pesadelo, escravidão disfarçada que me tira grande parte do meu tempo e que me dá compensação pouco satisfatória (Idem, 1998: 125-126).

A característica singular do diário de Couto expressa-se na negação dos ditames do período oitocentista. No século XIX, a medicina e a justiça buscavam atribuir “o sexo verdadeiro” aos indivíduos desse período, procurando impor uma única e verdadeira identidade sexual, que se manifestaria pelo desejo ao sexo oposto, sendo que as pessoas que desvirtuassem desse comportamento eram taxadas em diversos tipos de perversões sexuais (FOUCAULT, 2006). José Vieira “corrompe” essa lógica, ao manifestar cenas eróticas tanto por personagens femininas como pelas masculinas. A questão do desejo no diário demonstra que diferentemente do que acreditava a medicina social do período em questão, que só existia uma única forma verdadeira de amar, ele mostrou variedades formas de amar e de se chegar ao prazer por intermédio do seu mundo onírico.

Acreditava-se nos oitocentos, que para a efetivação da manutenção da ordem social era preciso lançar um olhar vigilante e coercitivo sobre a conduta de homens e mulheres, para que estes, apresentassem o papel adequado que fora lhe designado desde o nascimento: feminino ou masculino. Esperava-se, portanto, que os indivíduos soubessem portar-se, vestir-se e falar, de forma adequada ao padrão comportamental construído de acordo com o seu sexo (ELIAS, 1993).

Na acepção da medicina higienista do século XIX, qualquer atitude que colocasse em risco tal lógica, deveria ser extirpada por representar um grave perigo a ordem social. Goiás não fugiu as regras desse pensamento, no relatório da Secretaria de Polícia da cidade de Goiás, redigido em 1872, é possível perceber a intolerância em relação aos atos que “corrompiam” o papel social atribuído a homens e mulheres, que eram punidos com a prisão:

Aos dezesseis do mês de fevereiro de mil oitocentos e setenta e dois, nesta Cidade de Goiás, em Secretaria de Polícia, onde se achava o Senhor Doutor Nicolau Afonso de Carvalhi, Chefe de Polícia de Província, comigo amanuense interino adiante nomeado compareceu Francisca e pelo mesmo Senhor Doutor lhe foram feitas as seguintes perguntas.

Qual seu nome, idade, estado civil, profissão e residência? Respondeu que chamar-se Maria Francisca e ignorar a idade que tem, ser solteira, morar à rua nova do Presidente desta Cidade e vive de suas costuras. Qual motivo e porque foi presa? R. Que ontem às 11 horas da noite, ela responde acla, digo, saia [sic] de casa em companhia de Sophia - Maria, a qual mora com ela respondente, quando foram presas, às porta de casa. P. **Por que tendo ela saído respondente e sua companheira saído simplesmente à passear foram presas? R. Por estar Sophia vestido de homem.** P. donde vinha ela respondente, e Sophia quando foram presas? R. Que da venda de Raimundo de tal, situado no Rotentem. [...] P. **Se Sophia tem costume de chegar vestida de homem?** R. Que não sabe porquanto mora com ela a menos de mês, e durante esse tempo somente ontem viu semelhantes trajes. P. Se foi unicamente para passear que ela saiu unicamente acompanhada dela informante saíram em uma noite chuvosa, encontrando-se muito das vezes com as patrulhas, havendo, digo, sem recear ser presas? R. Que ela saiu unicamente para acompanhar Sophia, sua companheira de casa, **e que ela respondente ignorava que fosse proibido andar uma mulher vestida de homem**, o que devi saber Sophia que é desta e não ela respondente que se acha aqui cinco meses.

Nada mais dizendo e nem lhe se perguntado mandou o Senhor Doutor Chefe de Polícia lavrar o presente termo que assina João Bonifácio Marque Fogaça – rogo da respondente por não saber ler e nem escreve. Eu Fernando Morreti Foggia – amanuense interino escrevi. (**grifos meus**, documentos avulsos: caixa 273, maço justiça).

A vestimenta é um importante meio de distinção sexual. Sophia ao usar publicamente roupas que eram características do universo masculino colocava em risco uma ordenação coletiva baseada em fronteiras rígidas construídas ao redor de um *ethos* feminino e masculino que se revela na maneira de se vestir, expressando uma moralidade que determina as regras de conduta que regulam o comportamento em função do sexo.

Um caso semelhante ao supracitado é mencionado no diário de Couto. Este relatou ter lido em um jornal londrino um episódio que comentava sobre a “prisão de 47 indivíduos que estavam em um baile de máscara em Manchester, sendo que 22 estavam vestidos de mulher e

[foram] presos porque dançavam o *cancan*”. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 118). Fato que também demonstra a intolerância em relação à construção social identitária referente a um *ethos* feminino e masculino que se revelam no corpo e no uso que se faz dele.

O desnudar da vida de Couto possibilita perceber um homem em constante conflito com os valores morais de sua época. No correr da pena criou um “mundo” por intermédio do seu diário em que a anormalidade de forma alguma caracterizava os seus desejos manifestos em seu universo onírico. Sua escrita revela, portanto, uma originalidade por ser um processo de autoconhecimento desvinculado dos padrões morais do século XIX.

1.3.1.A originalidade interpretativa de Couto de Magalhães frente ao seu universo onírico: influência das culturas indígenas?

Márcio Couto Henrique (2009) defende no artigo intitulado *A rainha e o general - uma leitura foucaultiana do diário íntimo de Couto de Magalhães* a ideia de que a originalidade interpretativa de José Vieira em relação ao seu mundo onírico pode encontrar vias compreensivas no pensamento da Grécia Antiga. Na sua opinião, a leitura de uma gama de autores da Antiguidade – como, Hipócrates, Juvenal, Galeno, Horácio, Virgílio e filósofos epicuristas - provavelmente teria influenciado o general de forma decisiva na maneira como procurou decifrar o seu universo onírico:

Pode-se pensar que essa postura diferenciada de Couto de Magalhães diante dos valores morais de sua época, presente, por exemplo, na ausência de julgamento moral na interpretação de seus próprios sonhos, tem relação com a familiaridade que ele possuía com a literatura do mundo clássico. Nesse sentido, a interpretação pessoal de seus próprios sonhos e/ou experiências com outros homens pode estar muito mais informada pela experiência da pederastia entre os gregos do que pela perspectiva médico-higiênica que circunscrevia tais práticas ao campo do “homossexualismo”, com toda a carga preconceituosa que este termo carregava em fins do século XIX. (HENRIQUE, 2009, p. 595).

Contudo, conforme Henrique vai formulando o seu argumento ao longo do texto, algumas contradições vem à tona. Primeiramente, quando Foucault analisou a questão dos sonhos na Antiguidade, estudou um escritor grego denominado de Artemidoro, sendo que este nem foi citado no diário de Couto, como reconhece Henrique. A maneira como esse autor grego sugere como o sonhador deve decodificar seu mundo onírico parece não ter relação

alguma com a forma como o general procurava decifrar os seus. Além disso, a literatura grega a respeito dos sonhos parecia não lhe despertar grande atrativo, muito pelo contrário, demonstrou certo desagrado com a obra *Tratado dos Sonhos* do grego Hipócrates, que de acordo com ele: “não [...] pareceu grande coisa” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 189).

Artemidoro formulou um verdadeiro manual da arte de sonhar em que o mundo onírico tinha relação direta com a questão social. O texto atribuído ao escritor grego afiança que os sonhos estão envoltos em codificações que processam-se em uma relação de dominação que possui toda uma “significação social”. Em um sentido prognóstico do social, a posição sexual de dominado (penetrado) no sonho era um mau presságio: “Colocar-se ‘por baixo’ do seu serviçal, inverter no sonho a hierarquia social significa mau augúrio: é o sinal de que se sofrerá, por parte desse inferior, um dano, ou desprezo” (FOUCAULT, 2006, p.177). Agora, se a posição do autor do sonho fosse de possuidor era um sinal que algo de bom poderia lhe acontecer. A posição de penetrado, só é garantia de bom presságio “[...] se ele for possuído por homens mais velhos e mais ricos do que ele”, pois a cena onírica pode ser interpretada como uma “promessa de presentes”, o sonho “é ruim, se o parceiro ativo for mais jovem e mais pobre – ou apenas mais pobre: sinal efetivamente de gastos” (Idem, 2006: 178). Portanto, “o sonho sexual pressagia o destino do sonhador na vida social: o ator que ele é na cena sexual do sonho antecipa o papel que será o seu na cena familiar, na do trabalho, dos negócios e da cidade” (Idem, 2006: 183).

Em seu universo onírico Couto praticava o ato sexual não só com pessoas mais velhas e/ou ricas – que de acordo com Artemidoro era sinal de bom presságio – sonhava também com pobres, jovens, indígenas, negros e dentre outros, sem demonstrar nenhum incômodo de ter sido penetrado por essas personagens. Além disso, a hierarquia onírica destacada por Artemidoro entre sujeito ativo e passivo nos sonhos parece não ter a menor importância para o general. O material onírico de José Vieira nos dá pistas de que para ele não fazia diferença entre ser “o penetrado” ou “o penetrador”, o que importava era a sensação de prazer.

Em alguns momentos, Couto de Magalhães aparece na condição de sujeito “ativo”, como no sonho com Timóteo de Goiás, de 18 para 19 de fevereiro de 1881: “[...] com o Timóteo a cena foi a seguinte: *iche aput. Reté amé ahe; ce rac. Sant. Ahé oputá oyum. x. p.*”(COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 203). O trecho em nheengatú significa: “eu quero muito fazer sexo com ele, meu galho preto endurecido quer estar escondido no ânus p”(Idem, 1998: 203-204). A palavra *sakanga* ou *rakanga* (registrada como *rak* ou *rac* no diário) como

esclarece a autora Maria Helena Machado (1998) significa galho em nheengatú, mas ele a utilizava no sentido metafórico de pênis.

Em outras situações Couto aparece de forma mais clara na condição de “passivo” ou “subordinado”, como pode ser percebido no registro de sonho que teve com um tal de Capitolino, também na noite 18 para 19 de fevereiro de 1881: “Capitolino: No sonho oiko *** pupé apohu saksanipuxuna sakanga pupé apohu ramé sakiche ce rori catu. Aramé iche onhahen ixupe: chaputchanndo x.pu – Ahe osuachara?: Icatú; antes, porém, vamos fumar. Procurando o fumo e o papel para os cigarros acordei” (Idem, 1998: 203-204). Trecho em nheengatú: “ele pegava *** dentro o galho preto e endurecido enquanto eu também pegava seu galho dentro e estava muito alegre. Então falei para ele: Quero que amarres minha mão–Ao que ele respondeu (?): Está bem” (Idem, 1998: 204).

Observa-se que seguindo um caminho contrário a análise empreendida por Artemidoro, nessa cena onírica em que ambos os personagens do sonho pegavam o “galho” um do outro, Couto não demonstrou nenhum tipo de sentimento ou julgamento moral de dominação e hierarquia. O sujeito sonhador-narrador queria fundamentalmente expressar a alegria dessa cena, não demonstrando nenhum incômodo em adotar uma posição de “passividade” em relação ao seu parceiro ao ter suas mãos amarradas por este.

Outro fato que nos faz supor que os valores da Antiguidade Clássica não influenciaram de forma decisiva na narrativa de Couto a respeito da sua vida onírica, é que dentre as mais diversas técnicas de chegar ao prazer, constam registros de sonhos no diário que fazem referência ao erotismo oral, prática sexual mal vista na Grécia Antiga. Em um desses sonhos, o narrador/sonhador relata no registro do dia 18 para 19 do mês de fevereiro de 1881:

Herman da Silva: Este, eu conheci em Londres. No sonho segui eu em passeio com ele. *Ariré ya oiko oipé casa pupé; iche cha ame oiko rete ahe*** ce rakoyumuquau i barriga pupé; ariré iche tirei-a para fora, e rasguei a calça de algodão americano branco amearama itimãñ pupéIche amahen oiko akanga ce rak opuxuna putera icatú, porém inti apauana* (Idem, 1998: 204).

O trecho em nheengatu significa: “Depois estávamos numa casa; dava com meu galho*** em sua barriga; depois [...] para fazer sexo em sua perna. Dei a cabeça de meu galho preto, [ele] chupa bem [...] não acabei” (Idem, 1998: 204-205).

Em outra narrativa dos sonhos em relação ao prazer oral, realizada na noite do dia 27 para 28 de fevereiro de 1881, Couto escreve que:

De ontem para hoje sonhei com o Aarão, aquele meu escravo que vendi em Cuiabá, com o Luís, e com aquele negro da Arábia que conheci em West India Road – ele estava deitado em umas lapas, com as costas viradas para fora. *Ahe oymuquau Ana oiko i***e pitera cati man cha mahen sak. Sant. Turussú opixuna* alumiano, e o rego fendido e as chapeletas proeminentes como um desenho que tenho. *Ahe oiko iche* para atrás e o que [eu] avistava era somente a cabeça negra e calva. *Ahe*** oiko* (Idem, 1998: 206).

Em português: “Ele está na água enlouquecido*** e chupa bem, vê-me dar o galho duro, grande, preto [...] Ele está comigo [...] Ele*** está” (Idem, 1998: 50). Couto de Magalhães, contrário à moral do mundo clássico – que de acordo com Paul Veyne (1987) via na felação uma conduta sexual abominada – em nenhum momento da narrativa sentiu-se envergonhado ao registrar as suas atitudes eróticas em sonhos, mesmo insurgindo em ambas às cenas oníricas na condição de quem recebe o sexo oral.

Portanto, trilhando outra via de compreensão, diferente da traçada por Henrique (2009), no intuito de tentar entender a maneira como Couto de Magalhães decodificou seus sonhos, sem julgamento moral e/ou auto-condenação, demonstrando uma originalidade em relação aos valores e concepções de sua época, alguns indícios deixados no diário nos levam a crer que essa atitude do general frente ao seu universo onírico talvez seja proveniente da influência dos valores das culturas indígenas que manteve contato quando fora presidente das Províncias de Goiás, Pará e Mato Grosso.

A leitura da obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, é de fundamental importância para lançar novas luzes interpretativas a respeito do universo onírico de Couto. Freyre, ao analisar o papel da homossexualidade na esfera social das culturas indígenas, principalmente antes da chegada dos europeus, observou que entre muitas dessas comunidades, a visão a respeito dos amantes do mesmo sexo era totalmente discrepante daquela compartilhada pelos padrões europeus do século XIX.

Na interpretação de Freyre, a homossexualidade nas culturas indígenas americanas, era respeitada e mesmo venerada, muitos homo e bissexuais em geral tinham poderes e funções de místicos, de curandeiros, pajés, conselheiros, em várias etnias americanas. Portanto, os homossexuais eram vistos como indivíduos de forte influência e sugestão mística, sendo que, as relações íntimas entre homens e mesmo entre mulheres eram encorajadas em muitas culturas indígenas (FREYRE, 1980).

Em consonância com o pensamento de Freyre, o antropólogo Alexander Goldenweise (1929), ao estudar os Iroquois da América do Norte também atesta que entre esses indígenas, os homossexuais também eram bem quistos nessa sociedade encarregando-se também de funções místicas:

Numerosos registros atestam a presença de várias tribos de homens efeminados que evitam ocupações de homens e desprezam atividades masculinas; eles vestem-se como mulheres e participam de atividades femininas. Não raramente esses homens vão se tornar os magos e profetas. (GOLDENWEISER, 1929, s/p).

A noção de pecado em relação ao sexo foi introduzida no Brasil com a chegada dos jesuítas. As relações sexuais entre os amantes do mesmo sexo, a sodomia e a poligamia não eram vistas por uma significativa parcela das etnias indígenas que habitavam o território brasileiro como práticas sexuais anormais ou de perversão. Essas ideias foram ganhando forma na sociedade brasileira principalmente nos discursos e nas ações da Igreja Católica, que por meio do Tribunal do Santo Ofício, condenou diversos indígenas que mantinham relações homossexuais por crime de sodomia (FREYRE, 1980, p. 252).

Os indícios que nos levam a acreditar que a cultura indígena pode ter interferido na maneira como Couto interpretava os seus sonhos, sobretudo na própria forma como o general empreende a codificação do seu mundo onírico, ou seja, as partes mais “picantes” do diário estão codificadas em tupi-nheengatu, uma língua indígena. Dentre os diversos idiomas dominados por Couto – como, o francês, inglês, alemão, latim, castelhano – a ação de escolher, mesmo que tenha sido de forma inconsciente, a língua indígena como um recurso linguístico para cifrar os seus anseios eróticos já demonstra uma intencionalidade.

A codificação na língua indígena é antes de tudo, uma forma de Couto de Magalhães tentar compreender a si mesmo. Ao cifrar seus sonhos em tupi-nheengatu, ele provavelmente estava tentando emergir-se em um sistema de valores e tradições, como os das sociedades autóctones, em que seus desejos eróticos não o configurariam como louco e/ou pervertido.

Tem-se consciência, obviamente, da diversidade de etnias autóctones que habitavam o território brasileiro e as discrepâncias entre as suas culturas, maiormente na pertinência desse estudo, as sexualidades. Por isso, busca-se levantar alguns estudos que analisam a prática da homossexualidade nas etnias indígenas. Baseando-se em estudos de monografias antropológicas e históricas consagradas, Mott (1994) apresenta uma lista de etnias indígenas da América Latina e Caribe, sobre as quais tem-se evidência arqueológica, histórica,

etnográfica ou linguística, comprobatória da prática da homossexualidade. No Brasil ele mapeia as seguintes etnias: “Boróro, Tupinambá, Guatos, Panaré, Wai-Wai, Xavante, Trumai, Tubira, Guaicuru, Xamico, Kainagaig, Nambiquara, Tenetehara, Yanomani, Mehinaku, Camaurá, Cubeo, Guaiaquil”³⁵. Analisando o livro *O Selvagem* (1975) observa-se que Couto de Magalhães afirmava ter tido contato com algumas comunidades presentes na lista de Mott, como os Tupinambá, os Guatos, os Guaicuru, os Xavante, e dentre outros.

O livro *Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d’um roteiro da Viagem da sua capital A’.S. Paulo* (1869) do comerciante oitocentista Joaquim Ferreira Moutinho, também nos informa a prática da homossexualidade entre os Kadiwéu, no século XIX, que de acordo com ele é uma das 7 aldeias pertencentes a “nação dos Guaycurús”: “Entre os Guaycurús é muito usual o vício da pederastia e os seus – cudinas – usam enfeitar-se muito, e tomão gestos feminis. Em outras tribus notamos a mesma abominação”(MOUTINHO, 1869, p.202).

No livro *O Selvagem* (1975), Couto afirma ter tido contato com a comunidade dos Kadiwéu na época da Guerra do Paraguai, recebendo grande auxílio do chefe dessa aldeia, o Capitão Lapagate, no combate contra os paraguaios:

Defronte de Assunção do Paraguai, o índio *Pajaguá* domina na região dos pantanais, ou Chaco, como lhes chamam os espanhóis. Acima da fronteira do Apa, para o norte, domina com diversos nomes a nação *Guaicuru*, os índios *Cavalheiros*; um dos chefes – da subdivisão conhecida pelo nome *Caldiués* - o Capitão Lapagate, foi nos sempre de não pequeno auxílio na guerra e de grande dano às guarnições da fronteira Paraguai do Apa. (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 97).

O estudo de Darcy Ribeiro, no texto, *Lições de humanismo dos índios do Brasil*, ao analisar os Kadiwéu, com os quais conviveu à época de sua participação nas expedições de Rondon Pacheco esclarece de que no século XIX tem-se,

[...] documentos [...] sobre a existência de homossexualismo entre tribos do Brasil. Inclusive entre os cadiuéu que eu estudei. Eles chamam o homossexual de kudina. O kudina é um homem mulher, ou um homem que decidiu ser mulher. Ele se veste como mulher, pinta o corpo como uma mulher [...] (s/d, p.46).

Ao interpretar essa comunidade indígena, Darcy Ribeiro informa que a visão do grupo sobre os homens que assumem o papel social de mulher na comunidade dos Kadiwéu, os *kudina*, não configura-se pejorativamente, muito pelo contrário, o *kudina*, “é uma figura

³⁵ Em: <http://www.oocities.org/br/luizmottbr/artigos06.html>. Acesso em: 2 de setembro de 2012.

absolutamente aceita, integrada no grupo”. [...] O grupo reconhece que eles em geral são grandes artistas. São tão aceitos quanto os guerreiros”. (Idem, s/d: 46). Dessa forma, as práticas homoeróticas dos *kudinas* significam apenas uma das possibilidades de condução humana que a tribo incorporou e até institucionalizou (Darcy, s/d).

No livro *O Selvagem*, Couto defende que o êxito de seu estudo a respeito das comunidades autóctones seria alcançado somente no contato direto com as mesmas, sendo necessário ir a campo para conhecer e aprender as suas línguas, suas tradições e seus modos de vida, no sentido de evitar quaisquer leituras que pudessem lhe dar “opiniões preconcebidas” a respeito dos autóctones:

Nas informações que passo a dar a este respeito, não produzo nada que tenho lido, e sim o que tenho observado; tenho mesmo evitado ler sobre o assunto, não por que desconheça o valor das opiniões de pessoas muito mais competentes do que eu, mas por que, tendo tido aberto diante de mim o grande livro da natureza, não desejei percorrer-lhes as páginas com opiniões preconcebidas e formadas em gabinete. (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 61).

A aproximação de Couto com as diversas etnias indígenas o levou a formular opiniões de certa forma originais a respeito das culturas dessas comunidades, sempre tentando valorizar a questão do respeito ao modo de vida empreendido por elas. No que tange ao aspecto da sexualidade, o posicionamento do general, a respeito da poligamia indígena - mais especificamente quando retrata no livro *O Selvagem* a comunidade dos Caiapó – chama atenção também pela postura diferenciada perante os valores morais da sociedade de sua época, ao não demonstrar nenhuma visão condenatória em relação a essa prática sexual:

Não se entenda por comunismo de mulheres alguma coisa semelhante à prostituição. [...] Este modo de entender as relações do homem com a mulher, isto é, fazê-lo exclusivamente depender da vontade dos dois, pode ter e efetivamente deve ter grandes inconvenientes. Quaisquer, porém, que eles sejam, não é prostituição; é um modo de ser da família, que eles julgaram melhor, segundo suas idéias e meios de vida. (Idem, 1998: 77).

Portanto, é perceptível na sua obra *O Selvagem*, a admiração que Couto sentia pelas várias etnias indígenas que habitavam o território brasileiro, construindo toda uma argumentação em defesa delas:

Contra o pressuposto de que os índios falam uma gíria sem leis, nem regras; de que não têm ideias morais, sentimento de religião; de que são indolentes e preguiçosos, protestam: a bela língua tupi, suas admiráveis instituições de família, suas tradições e crenças religiosas, sua extrema atividade na pesca, na caça e na guerra, únicos trabalhos cuja utilidade compreendem. [...] É

uma grande raça, repito. Temos muito a ganhar pondo-nos em contacto com ela pelo órgão indispensável do conhecimento de sua língua (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p.136).

Na obra em questão, o general traça toda uma paisagem de puro prazer ao mundo natural dos autóctones. O selvagem, o mestiço, o curiboca e o tapanhuno, são apresentados como seres sensuais, livres, auto-suficientes e repletos de coragem. Couto expressa, dessa forma, uma empatia com o modo-de-viver indígena, ao demonstrar uma visão mais otimista sobre o elemento nacional. Essa visão positiva ao mundo natural do indígena pode também ser vislumbrada no seu livro *Viagem ao Araguaia*:

Era fantástico o aspecto de nosso pouso: os fogos acesos aqui e ali desenhavam as formas gigantescas dos buritis e davam um aspecto selvagem ao vulto dos soldados que passavam por diante deles; as camas eram redes amarradas pelos galhos das árvores, e em grupos curiosos. Só eu gozava do privilégio de uma maca. Nosso teto tem sido o azul do firmamento, belo e cheio desse encanto melancólico que lhe costuma dar paz imponente, tão diversa do ruído inquieto e buliçoso das grandes cidades [...]. Lá nunca há de chegar o pé humano; mas nosso poderio manifesta-se ainda aí; apesar dessas brenhas inacessíveis, a ave pode ver de repente interrompido seu vôo pela bala certa do caçador sertanejo. (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p. 73-74).

Couto constrói o sertão como um mundo livre e sedutor, porém ameaçado pela presença do homem branco civilizador. A natureza era um universo convidativo para a realização de práticas sexuais abominadas pela moralidade burguesa que impregnava as cidades do século XIX.

Couto não era o único viajante seduzido pela sensualidade do sertão. Ao analisar a *História de uma Viagem ao Brasil*, de Jean de Léry, Michel de Certeau demonstra como a literatura de viagem edificou uma imagem do selvagem e de seu universo como o lócus do prazer. (MACHADO, 2005). O sertão portanto, era “o retorno sob a forma estética e erótica, daquilo que a economia de produção teve que recalcar para se constituir”, situando se, assim, “na junção de um interdito e de um prazer” (CERTEAU *apud* MACHADO, 2005, p. 133).

A visão do sertão como mundo situado na “junção do interdito e do prazer” também povoa a escrita do diário de Couto. Nesse documento, vislumbramos sonhos que trazem as reminiscências de suas experiências passadas, de uma época feliz, em que vivia em meio às matas brasileiras e de seus habitantes.

Observa-se nos sonhos de Couto, cenas eróticas com indígenas, tacanhos, brancos, mas, principalmente com negros. Mesmo demonstrando uma posição contrária a contribuição do negro na composição da população brasileira, concebendo-o em suas obras como *Viagem*

ao *Araguaia* (1974) e *O Selvagem* (1975), como uma raça primitiva e degradada, isso não impediu Magalhães de torná-lo o seu principal objeto de desejo erótico onírico.

O erotismo que cerceia o imaginário social brasileiro a respeito do corpo do negro, mas, especificamente, no tocante a grande espessura de seu órgão genital, também parece povoar o universo onírico de Couto. No sonho com o seu escravo Arão – já citado- é possível observar um tom de satisfação na narrativa do general ao visualizar o “galho duro, grande e preto” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 2006) de seu parceiro no qual envolvia-se sexualmente na cena onírica.

Essa hipótese pode ser reforçada na análise do seu livro *O selvagem* (1975) quando Couto salienta o tamanho avantajado do órgão sexual dos negros: “Na raça primitiva e escura há uma variedade que se distingue tanto pelo seu exagerado desenvolvimento do pênis que os mesmos selvagens a caracterizavam por esse sinal (COUTO DE MAGALHÃES, 1975, p. 62). Tal “particularidade” corpórea que Magalhães acreditava terem os negros, provavelmente o influenciou a alimentar nos sonhos um desejo sexual aguçado pelos mesmos.

A sensualidade que Couto acreditava ter o mundo natural permeia também de forma significativa à escrita de seu diário. Em concordância com a opinião de Maria Helena Machado, o substrato existencial do diário “[...] não provinha da vivência intelectual e afetiva do Brasil do Sudeste cafeeiro, que tratava de se urbanizar e europeizar, mas inspirava-se numa visão idílica e sensual da vida livre dos sertões e dos selvagens e mestiços que os povoavam.” (MAGALHÃES, 1998, p. 22).

O significado do seu universo onírico parece pautar-se nas suas experiências de vida, de um mundo já conhecido, respeitado e admirado, os sertões brasileiros³⁶, do que em supostas leituras sobre a antiguidade clássica de autores que Couto nem mencionou em seu diário.

A empatia que Couto manifestava com as lembranças desse mundo natural que povoavam a sua vida onírica também pode ser observada em um ponto em que, à primeira vista parece insignificante, a datação. Um fato peculiar a notar no diário é que a maioria das

³⁶ A maior parte das paisagens que aparecem nos sonhos do general são os dos sertões brasileiros, mas Couto também registra cenários oníricos em que encontrava-se em outros lugares como: na França (em seus castelos), em parques ingleses e dentre outros.

datas são escritas na língua inglesa³⁷. Contudo, quando José Vieira dedicou-se ao relato da sua vida onírica, na parte do diário intitulada, *Diário de Sonhos*, diferentemente do que ocorre com os registros do restante do diário, principalmente daqueles que foram feitos quando estava em Londres, a maioria das datas está escrita em português. Desse fato, pode-se levantar uma hipótese: no momento do relato dos sonhos o general já não sentia-se tão sozinho, como demonstrava ser em todo o diário, sem amigos, parentes, ou amores, pois os sonhos traziam proximidade com um universo daquilo que ele já tinha conhecido na lembrança de um passado feliz, com seus cenários naturais que lhe galgaram a fama de grande desbravador e empreendedor, e, acima de tudo herói nacional, portanto, era um mundo no qual ele identificava-se.

No diário publicado por Pedro Brasil (1974), quando o general já encontrava-se no Brasil, a datação em inglês também predomina. Contudo, mesmo estando em seu país, o estado de solidão ainda persiste. Couto acreditava que a tristeza e falta de ânimo em que se encontrava eram decorrentes de problemas que vinha tendo com o sono:

Wednesday 21 de March 1888. Há dias em que fico em uma sensibilidade mórbida, uma pessoa para a indiferença, o desânimo e a tristeza que tudo se me afigura inteiramente despido de interesse.

Hoje é um desses dias.

Na [ilegível] em que se acha o meu espírito me parece que nada há que valha o trabalho que dá.

Por longa observação tenho no entretanto notado que quase sempre esse estado moral é precedido por uma noite em que acordo depois do 1º sono, e depois não posso dormir mais. (COUTO DE MAGALHÃES, 1974).

Além dos incômodos que uma noite sem dormir podem ocasionar a um indivíduo, para Couto, não sonhar, poderia configurar-se como algo mais doloroso, pois era nesse “universo mental” que refugiava-se do estado de solidão, “(re)visitando” por meio dos sonhos os lugares que atribuíam significado a sua existência: os sertões brasileiros e as suas populações.

Portanto, a criação de novas realidades por intermédio da escrita do diário que pudessem ser um refúgio a solidão ganha possibilidade de concretude inovadora no que tange a decodificação dos sonhos em relação aos ditames morais do século XIX, graças

³⁷ Couto deve ter realizado a datação dessa forma, por que como um grande apaixonado e aficionado pelo estudo de outros idiomas, queria exercitar a sua escrita do inglês. Seu diário possui várias passagens escritas em outras línguas, além do inglês, tem-se o francês, o latim e o tupi-nheengatu.

fundamentalmente à referencialidade ao mundo natural dos indígenas que o general tanto apreciava. Provavelmente é nas tradições indígenas – que ele teve a oportunidade de observar intimamente – que se encontra a chave de entendimento da originalidade da escrita de Couto em relação ao seu universo onírico, que parece ter sido feita em forma de desafio aos valores e as concepções preconceituosas e heteroxistas da sua época.

Todavia, mais que desafiar os padrões de normalidade do século XIX, a ousadia maior da escrita intimista de Couto, se expresse em uma narrativa que se por acaso fosse descoberta pelo público, e, por sua vez, decodificada, poderia abalar de maneira significativa a imagem heroica que tanto orgulhava-se em ostentar. Sobrepujar o medo de macular o papel social hercúleo, que levava praticamente uma vida toda para construir, por intermédio do registro de seus desejos eróticos oníricos, talvez, constitui-se como um dos atos mais corajosos de uma personalidade que prezava tanto por uma autoimagem valorativa.

CAPÍTULO II - A MEDICINA HIPOCRÁTICA: UMA FORMA DE CONTROLE CORPORAL

Uma sociedade só encontra existência nos corpos pulsantes dos seres humanos que a constituem: ela é vísceras, nervos, sentidos, neurônios... A história, desta maneira, não se concretiza apenas em guerras, decretos, tratados, obras, monumentos ou entronizações: materializa-se também - e talvez até primordialmente em perfumes, sons, miragens, memórias, carícias, distâncias, evitações, esquecimentos ... Não há outra concretude social: uma sociedade estará nos corpos de seus membros ou não residirá em parte alguma.

(José Carlos Rodrigues, *O Corpo na História*)

O desnudamento das técnicas de tratamento e manutenção corporal, empregadas por indivíduos dos séculos passados, consiste em uma das vias de compreensão das formas de organização e estruturação da sociedade. O estudo do comportamento individual, de técnicas cotidianas usadas no emprego dos “cuidados de si”, realizadas na intimidade, pode revelar mais do que apenas uma prática isolada, denota códigos – maneiras de agir, de pensar e de sentir – amalgamados no interior da coletividade. Assim, a conformação ou desvio das normas coletivamente estabelecidas – sobretudo no tocante ao ponto essencial desta análise, que é a manutenção corporal – é inexoravelmente significativa, e por isto mesmo objeto legítimo de pesquisa, por expressar a natureza do sistema social.

O entrelaçamento e a combinação de uma variedade de crenças e convicções que determinavam técnicas de manutenção corporal eram comuns no século XIX. Nesse sentido, o estudo do diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães traz a lume elementos pertinentes sobre as práticas de cura vigentes na época. Magalhães era um leitor voraz de manuais de medicina. Entre tratados gregos e latinos, observa-se a predominância da medicina hipocrática. Os preceitos desta teoria não eram apreciados somente por ele, mas contemplados pela sociedade do período, preocupada com a aparência física e moral da coletividade, cuja premissa maior encontrava-se na domesticação e polidez dos hábitos realizados, em grande parte, no controle das atividades corporais.

2.1. A MEDICINA HIPOCRÁTICA

No século XIX é possível perceber a força da teoria hipocrática, que floresceu na Grécia Antiga em meados dos séculos IV e V. A medicina hipocrática tinha como figura de

referência Hipócrates (considerado pai da medicina) foi considerado o autor de um dos maiores manuais medicinais da Antiguidade, o *Corpus Hippocraticum*, que é na verdade:

Formado por tratados de autores diversos, por vezes, de épocas diferentes, a Coleção hipocrática, que representara um desafio como manual de medicina, tornou-se mais recentemente, a partir do cientificismo do século XIX, um complexo conjunto de documentos de história da ciência. As opiniões e os pontos de vista dos seus textos podem ser, além de divergentes, contrários. Unem-nos, não obstante, alguns aspectos de seus conteúdos, dos quais os que mais parecem haver sido inovadores e profícuos são, primeiramente, o da crença de que o homem pode interferir em sua própria natureza; ou, em última instância, o da convicção de que a cultura podia orientar a natureza. (CAIRUS, 1999, p. 14).

O princípio fundamental da medicina hipocrática era a crença no poder curativo da *physis*. Ao referenciar Bornheim, Czesrenia esclarece que:

A palavra *physis* significa produzir, crescer, desenvolver-se. [...] O conceito de *physis* compreendia a totalidade de tudo aquilo que é. Dela provinha tudo “o que era é e o que será” – Sol, Terra, astros, árvores, homens animais e os próprios deuses. O acontecer humano também fazia parte da *physis*. (BORNHEIM *apud* CZESRENIA, 2001, p.344).

A função do médico não se restringia somente ao corpo doente, era requisitado para estar vigilante aos sinais transmitidos pela natureza, no seu todo (CAIRUS; JÚNIOR, 2005). Assim, a medicina hipocrática:

[...] preocupava-se mais com o prognóstico e tratamento que com eventuais diagnósticos, mais com a prática que com a teoria. Estava voltada para o reconhecimento de sintomas e não propriamente de enfermidades, dentro da perspectiva mais ampla de que qualquer perturbação no estado de saúde era decorrente de um desequilíbrio no corpo, visto sempre como uma totalidade. Para ela não havia doenças, mas sim doentes (LIMA, 1993, p.47).

Os fundamentos hipocráticos promoveram uma nova atitude face à doença, tentando desvencilhar o pensamento mágico da medicina como fator explicativo para a compreensão dos sintomas de uma enfermidade, fato que pode ser evidenciado, sobretudo no tratado *Da doença sagrada*:

Eis aqui o que há acerca da doença sagrada: não me parece ter de forma alguma mais divina nem mais sagrada do que as outras, mas tem a mesma natureza que as outras enfermidades e a mesma origem. Os homens por causa da inexperiência e da admiração, acreditaram que sua natureza e sua motivação fossem algo divino, porque ela em nada se parece com as outras doenças (Tratado hipocrático *Da doença sagrada apud* CAIRUS; JÚNIOR, 2005, p. 61 e 62).

Um dos pontos essenciais na escola hipocrática era a idéia de *moderação*, que representava a harmonia e o equilíbrio de todos os elementos que compõem o organismo em um estado de “bem-estar”. O corpo na teoria hipocrática assemelha-se a natureza, é como se

ele fosse um microcosmo no seio do macrocosmo do mundo natural. E como este, o corpo estaria em estado de equilíbrio, mas caso fosse desestabilizado, conseqüentemente seria um alvo propício para a instalação de enfermidades.

Ao referir-se a ideia de moderação como modo de vida para a garantia de um corpo saudável, a teoria hipocrática estava aludindo à questão do equilíbrio dos “humores básicos”: sangue, pituíta (ou fleuma ou catarro), bile amarela e bile negra (ou atrabile, ou melancolia). De acordo com Lima (1996), a esses elementos relatados por Empédocles, Aristóteles associou quatro atribuições: quente, frio, úmido e seco, que em sua multiplicidade de combinações constituíam tudo o que é visível no cosmos. “O ar era quente e úmido; a água fria e úmida; a terra, fria e seca; o fogo, quente e seco, todos relacionando-se, por sua vez, às quatro estações” (LIMA, 1996, p. 47). Assim, dessa doutrina da composição elementar dos corpos naturais ligados à natureza, sua composição e variedade climática, surgiu a teoria humoral.

Cada um dos humores básicos (sangue, pituíta, bile amarela e bile negra) possuíam “um centro regulador da sua dinâmica e para ele era atraído: o sangue, para o coração, a pituíta, para a cabeça; a bile, para o fígado; e a atrabile, para o baço” (LIMA, 1996, p. 47). Enquanto os humores estivessem equilibrados, os males doentios estariam afastados do corpo do indivíduo. O desequilíbrio do microcosmo por causa da falta ou o excesso dos humores levaria o organismo a ativar um mecanismo de proteção por uma faculdade expulsora, que certificava a eliminação do humor excedente. Assim, diante da falta de balanceamento entre os humores a doença era instalada no organismo da seguinte forma:

[...] começo, evolução, clímax, resolução, cocção e crise, cumprindo basicamente três estágios:

1. mudança na proporção dos humores, causada por fatores externos e internos, gerando o estado de desequilíbrio;
2. reação do corpo a esse desproporção, através da febre (ou fervura, cozimento, cocção), para tentar restabelecer o equilíbrio original. O cozimento modifica os humores, que ficavam, dessa forma, em condição de ser expelidos;
3. crise resultante do desequilíbrio, com descarga da matéria doente, vale dizer, do excesso de humor, ou então a morte (Idem, 1996, p. 48).

A ação de quatro forças naturais condicionaria os humores, são elas: atrativa, retentiva, alterativa e expulsiva, concentrando nesta última o poder de cura da *physis*. Caso o organismo não realizasse a descarga dos excessos dos humores que estariam causando a doença, por meio de diarreias, vômitos, sudoreses, hemorragias e outros, então era necessário, provocar a descarga desses humores por meio do uso de alguns recursos como: purgantes,

sangrias, eméticos, evacuanes (para a bile amarela e negra). A descargas dos humores eram realizadas por meio de diversos orifícios do corpo, não restringindo-se somente a cavidade anal, incluía também as cavidades bucal, nasal, vaginal, além de orifícios de tamanhos menores, como a uretra e os poros. (CAIRUS, 2005).

Embora, seja perceptível vislumbrar diversos princípios da teoria hipocrática na escrita do diário de Couto, é mais especificamente o esclarecimento sobre o termo dieta no *Corpus Hippocraticum* realizado por Alsina e Cairus (2007), que constitui-se o eixo norteador elucidativo para a compreensão de como funcionava os mecanismos e as práticas de manutenção corporal realizadas por Couto, sob influência medicina hipocrática. Para os referidos pesquisadores, a dieta, era entendida pelos gregos antigos, como um modo de vida que devia ser deliberadamente seguido, sendo que,

O sentido da palavra *δίαιτα* no *Corpus hippocraticum*, apesar de traduzida pela tradição por ‘dieta’ ou por ‘regime’, compreende não só a alimentação, mas também as atividades físicas, os horários e os costumes específicos que impliquem em determinado fim, que, no campo da medicina, podem contemplar a manutenção ou a recuperação da saúde (ALSINA; CAIRUS, p. 212-213).

É de acordo com esse sentido semântico da palavra dieta que Couto de Magalhães parece orientar-se nos seus cuidados corporais, sendo explícito em seus escritos íntimos a procura de um modo de vida que lhe garantisse uma existência saudável orientada principalmente por questões como: alimentação, a prática de exercícios físicos, preocupação com as partes baixas e o clima.

2.2. COUTO DE MAGALHÃES E A TEORIA HIPOCRÁTICA

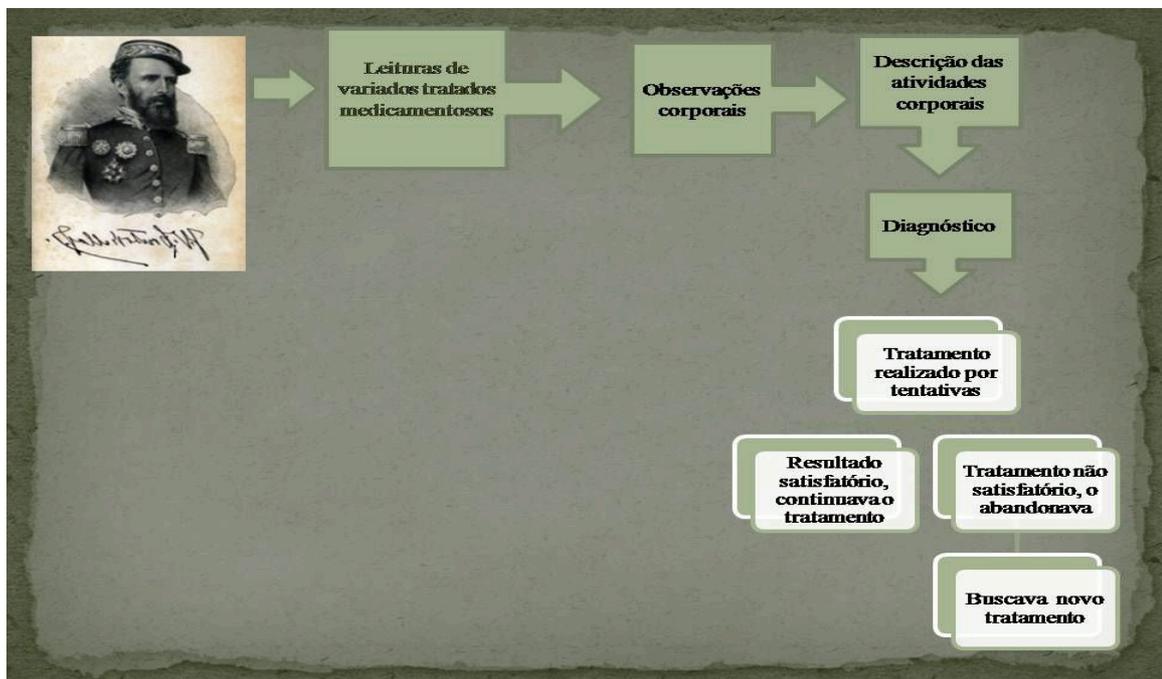
No intuito de melhor compreender como funcionavam os mecanismos e as práticas de manutenção corporal realizadas por Couto, sob influência principalmente da teoria hipocrática, a organização da apresentação textual deste tópico foi realizada privilegiando os seguintes temas: a) *Prevenção e Terapêutica* – estuda de forma interligada um conjunto de fatores (a alimentação, os sonhos, a preocupação com órgãos sexuais e com a eliminação das fezes) considerados fundamentais por ele, não só para o tratamento ou cura de uma enfermidade, mas acima de tudo, para preveni-la; b) *Hábitos saudáveis* – avaliam não só a questão do corpo, mas também elementos exógenos a ele, como o clima e o espaço físico,

que o influenciavam diretamente na concepção sobre o ideal de uma vida saudável: morar no campo em um clima agradável para a prática de exercícios físicos³⁸.

2.2.1. Prevenção e terapêutica

A tarefa de examinar-se por meio da escrita autobiográfica exigia horas diárias do tempo de Couto, tanto para o estudo de variados tratados medicamentosos, como para a observação e registro das atividades corporais. O “cuidado de si”, descrito por ele em seu diário, fundamentava-se basicamente no seguinte: 1. leitura de diversos tratados medicamentosos; 2. observações do seu corpo a fim de identificar algum mal corporal; 3. descrição minuciosa das atividades corporais; 4. diagnóstico; 5. tratamento realizado por tentativas. Desta última fase derivavam outras duas: se a aplicação da teoria medicamentosa demonstrasse resultado satisfatório, Couto continuava com o tratamento. Porém, se a terapêutica se demonstrasse ineficaz, abandonava-a, partia para outro tipo de cuidado medicamentoso³⁹.

Quadro 1. Quadro explicativo da metodologia empregada por Couto de Magalhães para a realização do seu cuidado corporal



Fonte: José Vieira Couto de Magalhães: diário íntimo (1998).

³⁸ A importância em ressaltar como foi realizada a ordenação textual desse tópico está em esclarecer que esses temas não foram desenvolvidos de maneira totalmente autônoma entre si, eles estão intrinsecamente interligados, de tal forma que foi essencial a repetição de alguns assuntos – como, por exemplo, alimentação – em mais de uma temática.

³⁹ Esses cuidados não eram realizados por Couto de Magalhães de forma ordenada e sucessiva. A observação do corpo era realizada muitas vezes simultaneamente com a leitura de tratados medicamentosos, sendo assim, essas fases misturavam-se. A forma explicativa exposta no texto e no quadro abaixo é somente uma tentativa didática de facilitar a visualização de como Couto realizava seu cuidado corporal.

A observação dos regimes alimentares adotados por Couto de Magalhães é um fator importante para a identificação da influência da teoria humoral na manutenção corporal que empreendia. Para saber a melhor dieta alimentar que deveria ser empregada, ele usava uma série de mecanismos como, por exemplo, a análise do seu universo onírico, que servia de “quadro interpretativo” em relação ao funcionamento das atividades corporais, seja no intuito de perceber um desequilíbrio no corpo, seja mesmo para antecipar alguma mazela.

A importância dos sonhos na medicina hipocrática é perceptível na análise de Cairus e Alsina (2007) sobre o estudo do tratado *Da Dieta* realizado por Jacques Jouanna, em que este:

[...] distingue duas categorias de sonhos: os divinos, que anunciam fortuna ou infortúnio e sejam úteis aos intérpretes de sonhos; os sonhos em que a alma informa sobre o estado do corpo e que são competência dos médicos. A respeito da segunda categoria, o autor estabelece um prognóstico e um diagnóstico sobre a saúde e a doença em função das diferentes visões (ALSINA E CAIRUS, 2007, p. 215).

É de acordo com a segunda categoria ressaltada por Joaunna, mais especificamente na questão do prognóstico, que se enquadrava as avaliações de Couto na relação de seu mundo onírico com as suas atividades corporais. Para o diarista, sonhos ruins poderiam ser indícios de “mau modo do estômago” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.57), assim, tornava-se necessário realizar modificações na dieta. No quarto livro do tratado *Do regime*, Hipócrates afirma que “os sinais que aparecem durante o sono serão de grande valia para aquele que souber julgá-los corretamente” (2002, p. 103). Para Couto, por exemplo, sonhos ruins poderiam ser indícios de “mau modo do estômago” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.57), e assim, tornava-se necessário realizar modificações na dieta.

Na aceção de Couto, a alimentação era orientada para atingir um objetivo principal: a eliminação dos maus humores que provocavam o desequilíbrio do funcionamento corporal, no sentido de alcançar o tão sonhado ideal de moderação e equilíbrio, não só do corpo, mas também do espírito. A expulsão dos humores que estavam afetando o equilíbrio corporal era feita por ele especialmente por meio de vomitórios e purgativos⁴⁰. Acreditava que o uso desses recursos, em vez de abatê-lo, restabelecia-lhe a força e o ânimo, por causa da eliminação dos excessos de humores que estavam provocando a desarmonia corporal: “Não me parece que purgante e vomitório me tenham abatido, pois sinto-me forte às vinte para a uma” (idem, 1998, pp. 80-81).

⁴⁰Os produtos considerados e/ou usados comumente por Couto de Magalhães como purgativos são: sulfato de magnésio, calomelano, *Hydragyrum cum Creta* e *Blue pill*.

Na lição de Hipócrates, esses recursos tinham por função estimular a força vital. A teoria humoral é uma terapêutica focada na dor; o uso de purgativos, vomitórios e outros são empregados por provocar artificialmente uma dor maior que a sofrida pelo doente, no intuito de obscurecê-la, forçando assim o organismo a restabelecer a ordem perdida, e desta forma, excitando as funções vitais. (LIMA, 1993).

A questão do equilíbrio dos humores é tratado com um dos princípios fundamentais para o (re)estabelecimento da saúde no tratado *Da natureza do homem*:

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra; esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. (Tratado *Da natureza do homem apud* CAIRUS; JÚNIOR, 2005, p 43).

A erva poaia (também chamada de poalha, ipeca, ipecacuanha, ou *Cephaelis Ipecacuanha*), que possui propriedades fitoterápicas e foi amplamente usada no Brasil e na Europa, surge amiúde nos registros de Magalhães. Seu uso era recomendado em casos de diarreias, bem como para induzir ao vômito e à defecação, como pode ser observado na definição do *Vocabulario Portuguez & Latino*:

IPECACUANHA. Celebre planta da America, & hoje muy conhecida na Europa, pella sua notável efficacia contra as dysenterias & affectos do citomago. [...] Ainda que a Ipecacuanha seja hum dos mais soberanos remédios para camaras de sangue [evacuação intestinal com sangue], não he certo; quando despois de o ter tomado em pó três vezes, o doente não se acha aliviado, he necessário deixá-lo e apelar para outro. Sinal, de que há de obrar [defecar] bem, he o vomito; em alguns doentes, ainda que não vomitem, produz o seu effeito, purgando-os primeiro por baixo. A Ipecacuanha he purgativa & astringente, Purgativa, pella sua parte mais issolúvel; & assi purga com vômitos, & camaras; astringente, pella sua parte terrestre; & assi aperta, & fortalece todas as fibras das entranhas⁴¹.

Em consonância com o dicionário de Bluteau – datado da primeira metade do século XVIII até o final do século XIX – Couto fazia uso da poaia provavelmente como vomitório na tentativa de expelir gases, que ele acreditava serem provenientes do estômago, como pôde ser evidenciado nos dias 15 de agosto de 1880 e 14 de agosto de 1880⁴², respectivamente: “Às

⁴¹ BLUTEAU, Raphael. Ipecacuanha. In: *Vocabulario Portuguez & Latino*. Coimbra: 1712 – 1728. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Acesso em 19/2/2012.

⁴² É interessante chamar a atenção para um fato curioso na datação desses registros. Na página 77 do diário íntimo, Couto realiza o registro: “Domingo, 15 de agosto”; nas páginas subsequentes, a próxima data será: “Friday 13th August 1880”, e na página 81 há dois registros: o de “Saturday 14 de agosto de 1880” e, por incrível que pareça, novamente ele anota a data do “Domingo 15 de agosto”. O general parece não somente escrever o

8h03 da manhã tomei quatro grãos de poaia por estar com a língua amarela e por ter estado ontem com o estômago mui cheio de gases, e ameaçado de cólica” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 77) e: “Depois do jantar senti ameaças de cólicas; às oito e meia tomei um grão de poaia, que me fez expelir gases; dormi e sonhei sonhos indiferentes (idem, p. 80).

As propriedades da erva medicinal podem ser evidenciadas também, no *Dicionário de Medicina Popular*, do médico polonês Chernoviz, como:

IPECACUANHA ou Poaya: [...] A raiz de poaya administra-se principalmente em pó, para provocar os vômitos, na dose diária de 75 a 150 centigrammas para os adultos, de 30 a 50 centigrammas para as crianças, em uma pouca d’água morna. Dá-se também em infusão, que se prepara com 8 grammas de poaya e um copo d’água quente. Esta raiz entra em muitas preparações; as principais são: o xarope de ipecacuanha, que se administra principalmente nas bronchites das crianças, na dose de uma a duas colheres *de sopa*, e as pastilhas, de que se tomam duas a quatro por dia como expectorantes⁴³.

Como pode ser observado no dicionário de Chernoviz, a poaia, utilizada como medicamento, era apreciada por suas propriedades terapêuticas que proporcionavam alívio a diversos males que atacavam os pulmões (por causa do efeito expectorante da infusão de suas raízes). José Vieira possivelmente fazia uso dessa erva para prevenir-se das moléstias respiratórias que, de acordo com a teoria humoral, fomentavam a debilidade do funcionamento das atividades corporais, por isto ele acreditava ser necessário “[...] precaver-se contra as bronquites, que, sendo um elemento de fraqueza, além do desconforto que traz, produz necessariamente a prostração” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 96).

O general provavelmente também fazia uso da ipecacuanha branca (*Solea Campestris*), em forma de cremes, para combater as doenças de pele, por causa do seu poder depurativo (HENRIQUE, 2008). No registro do dia 31 de julho de 1880, por exemplo, fez uso da poaia para tratar coceiras: “A noite passada, coceiras pelo corpo – sonhos; mau estômago.

seu diário, mas também relê-lo e reescrevê-lo, e esse fato reforça a hipótese apresentada na Introdução, de que Couto editava o seu diário no intuito de voltar a alguma temática que ainda lhe gerava interesse. Nesse caso, ele parece querer completar na página 80, informações que ficaram faltando na página 77, que consistia na avaliação do efeito provocado pela poaia no seu organismo, que usada juntamente com sulfato de magnésio, concluiu satisfatório: “Domingo 15 de agosto: Oito e meia da manhã, estou sofrendo de gases no estômago e a dor é exatamente no orifício pilórico, igual à que sentia quando estudante em São Paulo. Tomei um pouco de poaia, que me fez lançar, e depois meio purgante de sulfato de magnésio; almocei bem; **a dor passou inteiramente**”. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.80, grifos meus).

⁴³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ, 1890. Disponível em: http://143.107.31.231/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=90832&Setor_Codigo=11. Acesso em 8 de outubro de 2012.

Apliquei poaia e dieta; melhorei” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p.57). Ao longo do seu diário, ele fez referências ao uso da poaia diante dos seguintes sintomas: língua amarela, ameaça de cólica, ataque de gases e dores no estômago.

Outra erva medicamentosa usada por Couto de Magalhães era a *nux vomica* (*Strychnos nux vomica*). Chernoviz indica que um dos efeitos da *nux vomica* é provocar a “ereção do membro viril”⁴⁴. Desta forma, o uso por Couto de Magalhães desse produto decorria provavelmente de sua preocupação com os órgãos sexuais, pois “ao longo do diário se mostra atento ao registro de suas ereções ou ausência delas” (HERINRIQUE, 2008, p. 110). Além da *nux vomica* usada por Couto, Mary Del Priore (2011) destaca outros “remédios” utilizados no século XIX, para afastar o tão temido “mal da pica mole”⁴⁵, tais como o açafraão, o cardamomo, a pimenta negra, o gengibre, o gergelim, o pistache, a noz-moscada, o âmbar e o almíscar.

Mary Del Priore (2011) esclarece que a impotência sexual era considerada verdadeira maldição. O medo de Couto de Magalhães perante a impotência era alimentado por uma sociedade que exigia – e ainda exige – do homem, uma obrigação de virilidade, que caso não cumprida, era capaz de provocar nele profundo sofrimento. O poema de Bernardo Guimarães, *Elixir do Pajé*, publicado clandestinamente em 1875, demonstra bem esse fato:

*Que tens, caralho, que pesar te oprime que
assim te vejo murcho e cabisbaixo sumido entre essa
basta pentelheira, mole, caindo pela perna abaixo?*

*Nessa postura merencória e triste para trás
tanto vergas o focinho, que eu cuida vais beijar, lá
no traseiro, teu sórdido vizinho!*

*Que é feito desses tempos glorioso sem que erguias
as guelras inflamadas, na barriga me dando de
contínuo tremendas cabeçadas?*

⁴⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ, 1890. Disponível em: <http://143.107.31.231/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=91408&Setor_Codigo=11>. Acesso em 4 de outubro de 2012.

⁴⁵ Termo usado no século XIX para referir-se à impotência sexual masculina.

*Qual hidra furiosa, o colo alçando, co'a sanguinosa
 crista açoita os mares, e sustos derramando por
 terras e por mares, aqui e além atira mortais
 botes, dando co'a cauda horríveis
 piparotes, assim tu, ó caralho, erguendo o teu
 vermelho cabeçalho, faminto e arquejante, dando em
 vão rabanadas pelo espaço, pedias um cabaço!*

*Um cabaço! Que era este o único esforço, única
 empresa digna de teus brios; porque surradas
 conas e punhetas são ilusões, são petas, só dignas de
 caralhos doentios. Quem extinguiu-te assim o
 entusiasmo? Quem sepultou-te nesse vil
 marasmo? Acaso pra teu tormento, indeflexou-
 te algum esquentamento? Ou em pívias estéreis te
 cansaste, ficando reduzido a inútil
 traste? Porventura do tempo a dextra irada
 quebrou-te as forças, envergou-te o colo, e
 assim deixou-te pálido e pendente, olhando para o
 solo, bem como inútil lâmpada apagada entre duas
 colunas pendurada? [...]⁴⁶.*

Assim como interpreta Henrique (2008), embora Couto de Magalhães prezasse a virilidade, influenciado pela teoria dos humores, acreditava que as atividades sexuais deveriam ser praticadas com moderação: “Não se deve fugir e nem praticar demasiadamente a fornicção. Pois anima quando rara, e abate quando frequentemente. Deve considerar-se não

⁴⁶BERNADO, Guimarães. *O elixir do pajé*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16583. Acesso em: 7 de maio de 2012.

tanto a repetição dos atos, como o temperamento, idade e forças do indivíduo.” (MAGALHÃES, 1998, p. 220).

Esse ideal de moderação quanto ao aspecto das relações sexuais não era cultivado somente por Couto. De acordo com Alain Corbin (2008), no século XIX acreditava-se que o abuso de excitação podia degenerar o indivíduo:

[...] as bochechas abatidas ou fundas, o olho dilatado ou avermelhado, os lábios moles ou torcidos, achata o nariz ou o inflama [...], depois o corpo inteiro cai de cansaço ou então treme e se agita, com febre e exasperação, o cérebro dança dentro e o sangue congela nas veias! Não existe bicho mais degradado e mais odioso que um indivíduo abandonado à luxúria. Foi o excesso que fez afundar na lama o Império Romano e que “degenera” as raças efeminadas do Oriente. (CABANIS, *apud* CORBIN, 2008, p.195).

A moderação nas relações sexuais provinha de um preceito da medicina hipocrática que apregoava uma “economia espermática”. A medicina humoral afirmava que havia uma sutil troca no âmbito dos testículos, que põe em ação os “vasos absorventes”. Estes últimos fariam refluir para o sangue uma porção do esperma, dessa maneira, beneficiado e elaborado. O esperma teria a função, portanto, de irrigar as inúmeras partes do corpo e estimular o conjunto das funções fisiológicas. O desperdício exacerbante de esperma debilitaria o organismo, o que provocaria sérias “crises nervosas”, podendo levar um indivíduo à loucura (CORBIN, 2008). A virilidade, para Pierre Larousse, escritor do *Grand dictionnaire universel du XIX siècle*, dependia:

(...) da secreção do esperma; quanto mais esse é desperdiçado com abundância, mais as faculdades viris se enfraquecem [...]; ninguém ignora o abatimento que sobrevém após a copulação. Além do mais, “cada novo prazer” – desta vez tanto para o homem quanto para a mulher – “é uma nova sangria do sistema nervoso, e a extenuação não é menor do que a que decorre de uma forte hemorragia”. Para o homem, tanto por seus sintomas quanto por seus efeitos, a ejaculação é comparável à convulsão, ou mesmo a uma crise de epilepsia. (LAROUSSE, *apud* CORBIN, 2008, p. 196).

Na atividade onanista, a perda da ejaculação era considerada injustificável, por não ser realizada para fins de reprodução. Deste modo a masturbação, na lógica da economia espermática, figurava como mais ameaçadora que o coito, ainda que ambos os modos de ejaculação sejam fisiologicamente equivalentes. (CORBIN, 2008).

Estudos médico-legais disseminados na Europa alegavam que as crianças poderiam transformar-se em verdadeiros cadáveres ambulantes por causa da incessante prática onanista.

Considerava-se, assim, que a masturbação poderia ser a responsável pela destruição de “lares, casamentos e famílias. Ela não só fazia mal à saúde, como esgotava as forças, prejudicando o trabalho” (PRIORE, 2011, p. 98). Dessa forma, a masturbação era considerada um vício que não provocava somente um dano físico, mas também e principalmente, era vista nos oitocentos como uma grande desestabilizadora da ordem social.

O bom funcionamento das “partes baixas” era uma preocupação constante para Couto, por isso, além de centrar uma atenção especial em relação ao seu pênis e às atividades referentes a ele, também mostrava-se vigilante sobre a eliminação das fezes. Observava diariamente o seu material fecal, pois acreditava que, de acordo com a coloração, poderia precaver-se de um ataque nervoso: “Notei hoje que havia hemorroidas e que as evacuações alvinas eram avermelhadas; observarei de agora em diante se a excitação nervosa é sempre precedida desse fenômeno” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 93). Caso verificasse que “as evacuações alvinas avermelhadas” pudessem de alguma forma ocasionar a “excitação nervosa”, ele poderia alterar a dieta alimentar para evitar a sua ocorrência, já que no texto *Sobre a Natureza do Homem* e em outros que constituem o *Corpus Hippocraticum*, a saúde e a doença estariam relacionadas à alimentação, que contribuiria para a composição dos humores. Assim, como esclarece Lima (1996), de acordo com Galeno, as crises nervosas em um indivíduo eram provocadas por um temperamento quente e, portanto, era necessário alterar o regime alimentar, adotando alimentos “frios” – teoria da cura pelos contrários – a fim de restabelecer o equilíbrio do corpo.

Para o general não bastava expulsar o que estava lhe causando o mal, era preciso registrar a cor, o aspecto, a densidade e a quantidade do eliminado (fezes, urina, catarro, etc.), para daí tirar conclusões do que ocasionou a moléstia. Dependendo, por exemplo, da quantidade, da consistência e cor das fezes, acreditava que poderia identificar algum mal: **“Domingo de manhã – 22 de agosto de 1881. [...] As fezes de hoje foram escassas, mais duras e mescladas de grumos amarelo-escuros com massa mais branquicenta; Hipócrates as descreve como más”** (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO 1998, p. 87, **grifos do autor**).

A identificação dos males tornava-se uma questão importante para Couto de Magalhães, pois o ajudaria a precaver-se contra uma doença futura. Além da observação e descrição dos humores eliminados, ele considerava necessário analisar a sensação corporal resultante do tratamento empreendido, a fim de encontrar uma dieta que pudesse lhe garantir o perfeito funcionamento das atividades corporais:

Dois fenômenos são dignos de nota: a variação da densidade da urina, cuja densidade variou na razão descendente de 16 para 0 (vide diário clínico), e o desaparecimento da sensação do braço [...] um outro fenômeno muito curioso, o ataque nervoso foi precedido imediatamente de curiosas alterações nas evacuações alvinas: 1ª cor avermelhada, 2ª evacuações não flutuantes e mais brancas do que o ordinário; saúde – evacuações flutuantes e mais escuras. Há entre os fenômenos alguma relação de causa e efeito. Parece que sim. (Idem, p. 97-98).

Caso o tratamento corporal não surtisse o efeito esperado, era preciso então corrigi-lo, ou mesmo mudá-lo, visando não só a curar a doença, mas também a preveni-la:

Particularizando os pontos de saúde que eu desejo corrigir, são 1º a digestão: presume-se que um sangue forte e bem elaborado traz como consequência a robustez do sistema nervoso, e portanto a solidez da inteligência, que é de todas as coisas principal. (Idem, 1998, p. 96).

Além de implementar uma dieta cujo objetivo era o da correção terapêutica, é possível perceber nesse fragmento a preocupação que José Vieira tinha com o sistema nervoso. Seu bom funcionamento significava precaver-se dos temíveis “ataques de nervos” e também das constantes insônias, dos terrores vagos e ansiedades, que o afligiam constantemente.

Por certo, no caminho em direção à civilização da conduta, tentando desvencilhar o comportamento dos seres humanos das atitudes que lembrassem os instintos dos animais, o século XIX assistiu, conforme Priore (2011), o exacerbar de uma “cultura da aparência”. O processo de conhecer e controlar as atividades corporais, para o general era uma forma de manutenção da aparência, em que a palavra de ordem era “precaver-se”, no sentido de evitar que a doença – o seu maior fantasma mental – se tornasse uma dura realidade.

2.2.2. Hábitos saudáveis

No século XIX, as atividades físicas, em consonância com a teoria humoral, eram consideradas verdadeiros “calmantes” para as paixões da carne e até da alma. Auxiliavam o organismo a descarregar energia excessiva, assegurando a saúde do indivíduo (LIMA, 1996).

Os exercícios físicos são considerados importantes no tratado hipocrático *Da natureza do homem* em uma relação íntima com a alimentação, em que o equilíbrio que seria conquistado por meio do “binômio formado por vacuidade e repleção” (ALSINA; CAIRUS, 2007, p. 224):

Pois os exercícios físicos e as comidas apresentam propriedades opostas entre si, mas se complementam com vistas à saúde. Porque os exercícios

físicos produzem por natureza um gasto do acumulado, enquanto os alimentos e bebidas restauram o vazio (Corpus hippocraticum *apud* ALSINA; CAIRUS, 2007, p. 224).

Couto demonstrou tentar orientar-se em consonância com esse preceito hipocrático quando escreve:

[...] arte de curar pelos contrários, a arte de curar pelo mesmo método por que espontaneamente cura a natureza.

REGRA GERAL: As moléstias provenientes de repleção curam-se por evacuações curam-se por evacuações, as de evacuação por repleção. Outras se curam igualmente por seu contrário (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 215).

Apesar disso, ele parece que estava mais interessado em praticar em si, o fenômeno da vacuidade, do que o da repleção seja por meio dos exercícios físicos, mas, sobretudo por meio da alimentação:

EVACUAÇÕES: É útil expelir do corpo por purgativo os humores tais como saíram por si mesmo. Convém, porém, coibir toda e qualquer evacuação que não seja dessa espécie, 3º.

Os humores devem ser artificialmente expelidos por aquela mesma saída pela qual a natureza naturalmente expele (Idem, p. 215; 216).

No tratado *Da natureza do homem* a recomendação de exercícios é realizada também na lógica da vacuidade e repleção orientada para uma prática moderada: “as doenças [...] que são oriundas do exercício, a pausa cura; e as que são geradas pela inércia, cura os exercícios” (Tratado *Da natureza do homem apud* CAIRUS; JÚNIOR, 2005, p. 46).

No registro intimista de Couto, é possível constatar a importância que o general atribuía às atividades físicas para a formação de bons hábitos, essenciais na conservação da saúde do corpo: “O robusto e de boa saúde não se deve sujeitar a nenhum regime. Faça exercício em terra e no mar, habite preferencialmente o campo; a ociosidade debilita o corpo e o trabalho o fortifica. Aquela faz envelhecer mais depressa; este prolonga a juventude” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 219). No seu parecer, saber administrar proficuamente o tempo era essencial para evitar seu desperdício em ociosidade ou em ações que não tivessem como objetivo principal o cultivo de bons hábitos, como pode ser percebido no apontamento do dia 31 de julho de 1880:

É muito conveniente entrar num exame detalhado das coisas que nos obrigam a aplicar o tempo independente de nossas vontades e olhar-se a questão pelo lado prático, isto é, por aquilo que acontece na vida veremos que a maior parte do tempo que de fato perdemos sob essa denominação resulta da falta de energia da nossa parte, de maus hábitos, de concurso de

circunstâncias, enfim, que as mais das vezes dependem da nossa vontade. (Idem, 1998, p. 59).

Sua preocupação em cultivar bons hábitos provinha de uma educação rígida, recebida ainda em sua infância no Seminário do Caraça (MG) – colégio conhecido no período oitocentista por seu rigoroso sistema de ensino – e mais tarde, pelo seu ingresso na carreira militar, o que lhe conferiu um apreço maior pela prática dos exercícios físicos.

Ao analisar a situação da educação em Goiás, em seu relatório escrito em 1863, quando era presidente da província dessa região, ele relata a importância da instalação de um seminário que fosse responsável pela instrução secundária em Goiás, que deveria seguir os moldes de educação oferecida pelo Seminário Caraça, que no seu parecer, era o responsável, pela formação dos grandes “homens de política”:

A isto acresce, que o Seminário tem um intervalo, e que nesse poderão ser educados os moços de fora da Capital, e as vantagens da instrução estender-se-hão a toda província. E’ assim que na de Minas seus mais [...] netos, filhos, que hoje, e ha muito, vantajosamente na scena política não tiveram outros princípios além dos bebidos no Caraça, em Congonhas de Campo e em Mariana. Oxalá que eu possa efficazmente concorrer para que o Diocesano nos dote com um estabelecimento d’essa ordem. O que posso assegurar é que para conseguir isso, não pouparei esforços, e nem recuarei diante de trabalhos. (COUTO DE MAGALHAES, 1863, p. 223).

A importância da educação para Couto não se restringia somente a uma visão simplista de ensino. As “casas de educação” eram valorizadas, pois acreditava que elas seriam os pilares iniciais para que o indivíduo adquirisse bons hábitos e uma vida mais regrada, bases essas consideradas por ele essenciais para a vida futura:

Em uma casa de educação d’essa ordem o moço não vai unicamente alargar o domínio de seus conhecimentos, vae tambem acostumar-se a uma vida mais severa, contrahir habitos, que depois facilitão tudo, e os bons e os mãos habitos, como vós sabeis, são facilimos n’essa quadra de vida. Isto é para mim de muito peso. (Idem, p. 222).

O campo, na expressão de Couto, apresentava-se como o melhor local para cultivar bons hábitos e atividade física, repercutindo em maiores benefícios à saúde. A cidade acabou tornando-se sinônimo de sedentarismo e ociosidade, características depreciadas por Couto. A procura de um ideal de felicidade que pudesse ser aplicado em sua vida levou-o a ler diversos autores, e dessas leituras a alegria parece sempre centrada em mundo idílico natural, que seria fonte inesgotável de saúde. Conforme constata também Henrique (2008) inspirado em

Marcial⁴⁷ ele pondera, em Londres, no dia 1 de agosto de 1880, que a felicidade era “ter uma pequena casa de campo que lhe desse o parco necessário, uma vida sem processo, boa saúde, noites com sono” (COUTO DE MAGALHÃES, apud, MACHADO, 1998, p. 65).

O “cuidar de si” em consonância com a natureza torna-se a questão primordial na medicina dos humores, pois reflete o sentido da totalidade tão valorizado pela medicina. O general demonstra, no final de seu diário, profunda admiração pelo mundo natural. Reflete sobre a insignificância do homem perante a natureza, e por isto seria necessário tentar compreendê-la, pois acreditava que era nela que se encontrava a verdadeira sabedoria, pois tinha o esplendor do durável e do eterno, e era o modelo legítimo de compreensão do mundo:

Se uma coisa grande o homem pode fazer neste mundo é desenvolver seu entendimento de modo a, compreendendo a marcha da natureza, entrar mais depressa no papel final que lhe está reservado por ela; fora disso o que ele faz ou o que faz pela humanidade, tudo insignificante pequeno, nulo, transitório, e como dizia Salomão – é pura e simplesmente vaidade. (Idem, 1998, p. 242).

A natureza era vista como a mestra da vida, a única detentora dos meios capazes de assegurar a cura das doenças, como afirma o texto de Hipócrates, que consta no livro sexto do tratado *Epidemias*: “[a] natureza é o médico das doenças. Ela própria encontra as vias e os meios, não por meio da inteligência, como os sinais, as palavras e outras ações desse gênero; a natureza, sem instrução e sem saber, faz o que convém”. (HIPÓCRATES, 2002, p.72).

O clima, intrinsecamente relacionado ao seu ideal de vida saudável, é amplamente tratado no escrito autobiográfico de Couto de Magalhães, que acreditava na influência dele sobre o seu temperamento e seus humores. Registrava diariamente a temperatura do dia, o clima e a sensação climática, como pode ser visualizado nas anotações dos dias 2, 25 e 18 de setembro do ano de 1880: “A temperatura hoje esteve elevada a 78 graus [°F], o que é calor em Londres” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 100); “Passei hoje um dia mui agradável – o sol estava brilhante, a temperatura quente, o João apareceu às dez e meia e às onze seguimos para o Jardim Zoológico” (Idem, p. 115); e “Há alguns dias que tem estado constante, digo, mui comumente, chovendo. A temperatura baixou alguns graus” (idem, 1998, p. 108). Estes são alguns fragmentos dos inúmeros registros que ele fazia cotidianamente do clima em seu diário.

⁴⁷ Marcial (c. 40 – c. 104), poeta latino.

Além disso, Couto mostra-se atento as variações climáticas em sua estadia em Londres, anotando-as regularmente para não perder de vista qualquer interferência destas, no funcionamento do seu corpo, sobretudo por estar em uma cidade que não conhecia tão bem quanto os sertões brasileiros, em que vivera durante um longo período de sua vida. Dessa forma, observa-se a consonância dos escritos de Couto com tratado hipocrático *Ares, águas e lugares* que recomenda o estudo das estações do ano e as mudanças climáticas de um lugar, sobretudo ao indivíduo que:

[...] ao chegar a qual for inexperiente, nem as enfermidades locais, nem qual seja a natureza das cavidades, de sorte a não ficar sem saber como agir no tratamento das doenças, e sem obter bom êxito; o que ocorre normalmente, se alguém, sabendo de antemão tudo isso, não se preocupar previamente com cada caso. 2. Com o avanço do tempo e do ano, poder-se-ia dizer quais as enfermidades dentre as que são comuns a todos apoderar-se-ão da cidade ou no verão ou no inverno, e quais serão as enfermidades particulares perigosas para cada um a partir de uma mudança de dieta. Tendo tomado conhecimento e acasos dos astros, de como cada um deles ocorre, será o ano. Alguém que se propuser a perquirir dessa maneira e for conhecedor prévio das ocasiões oportunas poderá saber sobre cada caso e obter freqüentemente a saúde, e não menos raramente agir com correção em sua arte. (Tratado hipocrático *Ares, águas e lugares apud* CAIRUS; JÚNIOR, 2005, p. 95).

Dessa recomendação, os “acasos dos astros” é um ponto curioso de ser analisado já que também está presente na escrita de Couto, só que em outro diário, que foi publicado por Pedro Bandecchi em 1974. A medicina hipocrática pode ter influenciado Couto de tal forma, que o levou não só a dedicar-se apaixonadamente ao estudo da astronomia: “Continuo [...] muito [ilegível] satisfeito e alegre com o estudo da astronomia” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* BANDECCHI, 1974, p. 43), como também o levou a construir em 1997, um observatório astronômico, em sua casa, na Ponte Grande, no rio Tiête, que mais tarde foi doado à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p.47).

O seu estudo da astronomia, em alguns momentos, do diário referido acima, é realizado por meio de associações com as condições climáticas. Ao analisar as nuvens no mapa celeste, Couto pondera: “Parece que quando há chuva a diferença entre as nuvens mestras é muito maior do que nos outros dias notados, diferenciavam de 5 a 6 graus” (COUTO DE MAGALHÃES, 1974, p.45).

A possibilidade de até antecipar as condições climáticas dos dias correntes por meio do estudo da astronomia, representava um grande ganho para uma pessoa que considerava a prevenção a palavra de ordem para orientar a sua vida em busca da saúde. A capacidade de

previsão do clima poderia, por exemplo, ajudá-lo melhor e de maneira mais minuciosa a compor sua dieta alimentar de acordo com os preceitos hipocráticos.

O conhecimento do clima e das estações do ano era fundamental na medicina hipocrática para prevenir alguma enfermidade – maiormente no tocante a alteração na dieta alimentar e sua relação com a vacuidade - fato que não passou despercebido por Couto no registro de seu diário:

A propósito de eméticos e purgativos. Hipócrates conclui alguns aforismo mui pertinentes, 373, p. 164; NO VERÃO É PREFERÍVEL O VOMITÓRIO; NO INVERNO O PURGANTE. Antes e durante os calores grandes (canúcula) as evacuações são penosas (374). As pessoas delicadas que vomitam com facilidade devem preferir o vomitório ao purgante, tomando muita cautela no inverno (378), os de constituição mediana devem purgar tomando cautela. (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO 1998, p. 178).

O tratado hipocrático *Ares, águas e lugares* chama a atenção para que não se ignore a relevância das contribuições da astronomia para o estudo médico: “[...] a astronomia tem lugar na medicina, e não um lugar pequeno, mas realmente grande; pois as cavidades mudam nos homens de acordo com as estações do ano” (*apud* CAIRUS; JÚNIOR, 2005, p. 95).

Embora estivesse com 43 anos de idade quando escreveu esse diário, já cogitava sobre o lugar ideal para envelhecer. A escolha dependeria do clima que, de acordo com ele, definiria a salubridade do lugar. Assim, pensar onde passaria os últimos dias de sua vida era refletir em qual seria o local com menor propensão de contrair algum tipo de enfermidade, numa tentativa não só de garantir um corpo mais saudável, mas também, de achar uma forma de tentar encontrar o equilíbrio na sua vida pessoal que lhe propiciasse paz de espírito numa etapa crítica da vida, a velhice.

Ainda em Londres, quando imaginava o lugar onde poderia futuramente “razoavelmente viver?” (*idem*, p.127), descartava veementemente a cidade do Rio de Janeiro: “O calor e a porcaria do Rio de Janeiro são realmente desanimadores. Viver no Rio quer dizer: ter a vida mais curta e muito mais cheia de moléstias do que em lugar mais salubre” (*Idem*, p.126). Ironicamente, o lugar que Couto considerava “desanimador” para passar os últimos momentos de uma vida – o Rio de Janeiro – foi o lugar em que veio a falecer.

A paixão pelas paisagens naturais das regiões Centro-Norte brasileiras fazia com que Couto sonhasse em viver no Pará: “Já tive a ideia de morar no Pará!!! Aquela mesma paixão que tornou possível a minha morada nos sertões do Araguaia por quatro anos, e por muito

mais se não fosse o padre Siqueira Mendes, era o que me inspirava o desejo de viver no Pará!” (Idem, p. 127).

O temor à cidade que Couto nutria era próprio da mentalidade da época. A disseminação da teoria miasmática⁴⁸ acarretou um pavor coletivo diante das doenças adquiridas pelo ar, que se propagavam de forma mais enérgica nas áreas urbanas. Era esse “medo urbano”, como assevera Foucault (1982), que reforçava a sua escolha e o que lhe fez temer o calor, as moléstias e a “porcaria” que impregnavam a cidade do Rio de Janeiro.

Todavia, o fator principal da preferência pela vida rural parece encontrar explicação nas suas reminiscências. Apreciava a vida no campo porque estava associada à sua época de glória, quando se gabava de manter nos tempos áureos da juventude uma saúde perfeita, adquirida – como relata em várias passagens do livro *O Selvagem* – por meio da prática constante de exercícios físicos ao ar livre. Desta forma, a apreciação pela vida no campo não era somente porque Couto acreditava que esse lugar fosse mais salubre que as cidades, ou porque fosse melhor para a prática de atividades físicas. Esse ambiente adquiria uma representação simbólica especial para o general, pois o sertão guardava em si a lembrança de um passado feliz. As paisagens naturais recordadas – emblemas de uma época áurea, saudável, vigorosa e feliz – contrastavam com o seu presente angustiante. Assim, as suas reminiscências, de alguma forma, lhe proporcionavam conforto e alegria. E o ato de rememoração constituía-se como um verdadeiro processo de cura para suas tormentas mentais.

2.3. O SÉCULO XIX: UMA ÉPOCA HIPOCONDRÍACA

O termo hipocondria deriva da palavra hypochondria, presente na literatura médica antiga. O primeiro a defini-la foi Galeno, no século II, associando-a a uma desordem corporal resultante do excesso da “bile negra” no organismo. Acreditava que tal mal era proveniente de um distúrbio alojado no hipocôndrio, parte superior e lateral do abdome, onde se encontram o

⁴⁸ A teoria miasmática foi formulada por Thomas Sydeham e Giovanni Maria Lancisi durante o século XVII. Até o final dos oitocentos, ela ainda imperava no campo da medicina. Acreditava-se serem os miasmas emanações nocivas invisíveis que corrompiam o ar e atacavam o corpo humano, causando as doenças. Os miasmas seriam gerados pela sujeira encontrada nas cidades insalubres, e também por gases formados pela putrefação de cadáveres humanos e de animais (Mastromauro, 2011).

fígado e o baço. Este pensamento permaneceu por toda a Idade Média e até a Idade Moderna (WITTER, 2010).

Contudo, somente no século XVIII é que a hipocondria passou a ser percebida como um fenômeno social, adquirindo um significado real com o “nascimento da clínica”:

[...] a hipocondria só tem real sentido quando dentro de um quadro de avanço do saber médico e até da medicina, mas, no caso do século XVIII, não da categoria médica. Neste período, os médicos ainda não eram os únicos possuidores de seu saber específico, o qual não era tão amplo, nem tão sacramentado e tampouco de acesso muito difícil. Mesmo que a categoria dos que ingressavam no mundo das letras fosse pequena, também o era o número de livros com os quais o saber médico podia contar. O impulso para “cientificar” o cotidiano, para a compreensão dos sofrimentos do corpo e o tempo livre para preocupar-se consigo, faziam o resto. (WITTER, 2010, s/p.)

A hipocondria não é um fenômeno restrito ao século XVIII, e percebem-se seus desdobramentos até aos dias atuais. Nos anos oitocentos a saúde ocupava um espaço bastante relevante no rol das preocupações cotidianas. Porter (2004) aponta, inclusive, certa mágica em torno da descrição das mazelas, longamente repetidas e analisadas na difícil busca das palavras ideais para descrever o sofrimento. Esse parece ser o caso de José Vieira Couto de Magalhães. Influenciado por uma época, que prezava o olhar mais atento dos indivíduos em relação ao funcionamento do próprio corpo, Couto lançou à mão sua pena para registrar e refletir de forma incisiva e minuciosa as suas atividades corporais por intermédio da escrita do seu diário.

Na realidade, a prática do “exame de si” da escrita pessoal já era realizada na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do império (FOUCAULT, 2010). Nas missivas desse período constava que:

As notícias sobre a saúde tradicionalmente fazem parte da correspondência. Mas elas assumem pouco a pouco a amplitude de uma descrição detalhada das sensações corporais, das impressões de mal-estar, das diversas perturbações que pudessem a vir atrapalhar o equilíbrio dos humores corporais ser sentidas. Às vezes, procura-se unicamente introduzir conselhos de dieta considerados úteis para o seu correspondente. (FOUCAULT, 2010, pp. 157-158).

Na análise da correspondência de Sêneca, Foucault (2010) observa como esse tipo de escrita auxiliava o exame do próprio corpo. Sêneca possuía um conjunto de anotações sobre o seu corpo (saúde, sensações físicas, dietas), demonstrando uma extrema vigilância consigo: “Para mim era indispensável agitar o organismo, caso a bÍlis se alojasse em minha garganta, para fazê-la descer, caso, por qualquer motivo, o ar estivesse muito denso [em meus

pulmões], para que ele fosse rarefeito por um sacolejo com o qual eu me sentisse melhor” (SÊNECA, *apud* FOUCAULT, 2010, p. 158).

Philippe Artières (1998) afirma que o ato de se examinar por meio de registros confessionais, numa tentativa de correção da conduta e do comportamento, é algo bastante comum para os que possuem o hábito de escrever diários.

No século XIX, observa-se um estímulo social à prática do “exame de si” por meio da escrita pessoal, fomentado, em grande parte, pelos médicos. Estes solicitavam aos enfermos que fizessem registros cotidianos de seus males, com o objetivo de se obter uma espécie de diário clínico dos doentes, acreditando assim que poderiam ter informações mais detalhadas sobre a enfermidade que os acometiam:

Enfim, é preciso também sublinhar que a partir do fim do século passado⁴⁹ assistimos a uma valorização dos escritos pessoais pela medicina. Os médicos se põem a colecionar os escritos de seus doentes, publicam certos manuscritos (fragmentos, cartas, poemas, etc.) e desenvolvem em torno dessas coleções uma verdadeira ciência da escrita ordinária. (ARTIÈRES, 1998, p. 12).

Vigarello (2000) destaca que muitos indivíduos redigiam as cartas para os médicos, percebendo-os como consultores, isto é, como alguém com quem se discutia a moléstia e que dava conselhos, e não prescrições. Destarte, a saúde ganhava cada vez mais espaço nas narrativas, tornando-se temática comum e recorrente nas correspondências desse período:

[...] o tema predominante na correspondência pessoal, no século XIX, foi a saúde – especialmente a saúde de quem escrevia, raramente perfeita e habitualmente comprometida por males que eram descritos com detalhes clínicos, em um tom realista que sugere resignação. Afinal, naquela época as doenças eram comuns, e os médicos, pouco eficientes. (GAY, 1999, p. 354).

Os estudos de Roy Porter (2004) auxiliam a corroborar o pensamento supracitado, salientando que a atividade de registrar cotidianamente informações sobre as questões de saúde, por intermédio da escrita de cartas e diários, era bastante recorrente entre os indivíduos “comuns” da Inglaterra setecentista e oitocentista. Porter informa que eram contínuas as referências de “pessoas obcecadas” em descrever seu próprio sofrimento.

Olivier Faure (2001), ao analisar as correspondências e registros íntimos dos séculos XVIII e XIX na Europa, salienta que se a saúde era um dos principais temas do gênero confessional dessas centúrias – era na medicina hipocrática que as pessoas se espelhavam para cuidar de si, seja para prevenir e/ou curar uma enfermidade.

⁴⁹ Aqui o autor está se referindo ao século XIX.

Em consonância com as preocupações de sua época, concernentes ao aspecto da saúde, é possível vislumbrar, na escrita de Couto, um homem apreensivo em demasia com a perspectiva de adoecer. A leitura do diário íntimo de Couto de Magalhães, principalmente nas páginas iniciais e com menor frequência nas páginas subsequentes, remete à busca de um ideal de felicidade por parte do escritor, intrinsecamente relacionado à questão do bom funcionamento do seu corpo. Nessa procura quimérica, o general lia diversos autores (latinos, franceses e gregos), estudava os princípios religiosos e culturais de sociedades antigas, como a indiana, tentando visualizar como tais preceitos poderiam contribuir para formular uma filosofia de vida que lhe garantisse a felicidade.

O corpo, para Magalhães, suplantava seu aspecto meramente físico. Seu adequado funcionamento significava um meio essencial para alcançar a prosperidade, assegurada por um estilo de vida baseado no ideal de moderação. Para isto, ele realizava registros diários referentes à saúde e aos cuidados médicos capazes de garantir um bom funcionamento de seus órgãos vitais. A busca por esse ideal de felicidade, que se traduzia na perfeita harmonia e equilíbrio das atividades corporais, era conduzida e inspirada sobretudo nos axiomas hipocráticos.

Esse cuidado exacerbado com o corpo expandiu seus horizontes literários para além dos estudos de Hipócrates. Claude Bernard (1837- 1878), Armand Trousseau (1801-1867), Maximilien Paul Émile Littré também se tornaram os autores de seus “livros de cabeceira”. A partir da leitura de textos clássicos gregos e latinos, elaborou combinações e receitas inusitadas de “extratos medicamentosos” retirados destes, com produtos provenientes das matas brasileiras, como a poaia⁵⁰. Havia assim uma mescla de teorias e tratamentos medicamentosos com que ele mantinha seu corpo. Sua “vontade de saber” cada vez mais sobre questões relacionadas à saúde era incitada por uma época em que vivia:

[...] uma espécie de deslumbramento pelo novo, pelo moderno, pelas descobertas e, claro, pela própria medicina e suas capacidades (neste período, mais projetadas do que reais). Assim, homens (e mulheres) [...] eram, antes de tudo consumidores do que havia de mais “novo” em termos de terapias, tratamentos, medicamentos. (WITTER, 2010, s/p).

Sua busca por um arsenal amplo de conhecimentos relativos à saúde e o medo de adoecer levavam-no a dedicar significativa atenção à descrição minuciosa e detalhada de suas atividades corporais:

⁵⁰ A poaia, cujo nome científico é *Cephaelis Ipecacuanha*, era uma planta muito utilizada no Brasil do século XIX devido às suas propriedades medicinais.

Notei de manhã as fezes, além de serem mais abundantes, nadavam melhor; urinas perfeitamente transparentes; língua má antes do jantar, o fastio; contudo, jantei sofrível, e não senti peso no estômago depois do jantar [...]. Continua ainda um pouco de diferença entre o lado direito e esquerdo, sendo o esquerdo o pior; resumo dos sinais para julgá-lo pior: sensibilidade mórbida da orelha; ponto preto no olho; supurenta pequena na gengiva; dor às vezes debaixo da espádua esquerda; atrofia leve ou comparativa do músculo da mama; nevralgias do lado da cabeça; parece que menor força no braço; diferença de secreção sudorífica desse, lado, especialmente debaixo do braço; inflamação do prepúcio desse lado; disposição para inflamação dos gânglios inguinais; atrofia do lobo da coroa do pênis (quase insensível); sensação de frio no grande músculo que cobre a bacia, a phissa yliaca esquerda; varicocele dos canais deferentes no escroto desse lado; temperatura diversa dessa perna; hemorroidas e pequenas varizes do ânus desse lado; predisposição para furúnculos e tumores também desse lado. Pelo lado, porém, dos intestinos e vísceras o pior lado é o direito, as cólicas que tenho tido são todas do lado do hipocôndrio direito, assim como é desse lado que sinto os borborigmos e desordens quando têm lugar, as quais parece que têm sua sede no duodeno e no cólon ascendente. Nos sistemas do lado esquerdo cumpre mencionar igualmente as hemorragias da gengiva, que são sempre desse lado (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p.85; 86).

Essa preocupação excessiva de Couto com a saúde (que se faz sentida na descrição minuciosa das atividades corporais) pode ser também evidenciada nos registros de caráter “confessional” de outros indivíduos da sociedade brasileira do século XIX. Em sua pesquisa sobre a hipocondria no sul do País, Nikelen Acosta Witter (2010) demonstra, por intermédio da análise de cartas deixadas pelos habitantes da região, uma intensa produção de registros confessionais nos oitocentos, que descreviam minuciosamente as dores e “achaques” não só pessoais, mas também das famílias e dos escravos.

Um exemplo documental significativo apresentado por Witter (2010), em que é possível vislumbrar como a doença era percebida nos oitocentos, refere-se à correspondência trocadas no século XIX pelos irmãos Antônio e José de Bittencourt Cidade. “Os dois eram homens ricos e importantes e, pelo que se pode depreender dos textos, ambos percebiam as moléstias como uma preocupação diária. Antônio era charqueador e comerciante em Porto Alegre e José possuía uma estância no município de Alegrete⁵¹” (WITTER, 2010, s/p). Mesmo vivendo afastados por uma considerável distância, os irmãos mantinham uma correspondência frequente. Além dos assuntos sobre negócios, a saúde consistia em outro

⁵¹ Alegrete era e é um município do extremo oeste do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com a Argentina.

tema bastante abordado por ambos. Em princípios de 1859, em duas dessas cartas, informa Antônio:

1ª Carta– (...) Guardei-me para lhe escrever no último dia da estada do primo Maneco, e estou hoje tão incomodado que nada mais posso dizer. Passei a noite quase sem dormir; estou com um hospital em casa. Já não falarei nas moléstias de meus 2 escravos, **mas na da nossa sobrinha Malvina, filha de Rita, que vindo a quase dois meses da roça, um pouco doente, está agora coberta de cáusticos por causa de uma pneumonia aguada, que a tem posto em grande perigo de vida, é da opinião geral, e dos Médicos, é que não se livra de uma tísica para penar mais.** Veja como terei passado (...). 26.1.1859.

2ª Carta– (...) agora o faço acusando a recepção da (carta) de 9 de Fevereiro passado, a qual com mágoa li por você dizer-me que sua saúde não era boa, e por conhecer eu que seu espírito, sempre forte, se achava então abatido julgando difícil que eu aí vá durante a sua vida como se ela fosse muito curta. Felizmente nosso responsável amigo Feliciano Fortes, portador desta, e com quem tive o gosto de conversar a seu respeito, me disse que sua saúde já era melhor, posto que não de todo boa. Muito estimorei que você no receber desta já esteja restabelecido que só se lembre de viver, e que nutra como eu a esperança de ainda passarmos juntos alguns meses, pois deve ter calculado que a minha estada no Banco não pode ir além de 2 meses.

Cumpre-me o triste dever de lhe comunicar que nossa sobrinha Malvina, cujo estado já era desesperador quando lhe escrevi pelo primo Maneco, faleceu no dia 9 do corrente dessa tísica que na carta chamei-o de – galope – **! Com efeito, era a mais robusta e sadia das irmãs, em 5 ou 6 meses sucumbiu à terrível enfermidade. Sem que lhe valesse a homeopatia que lhe foi afeita, por mais de 3 meses, nem a alopatia por 2 meses, e que só serviu para martirizá-la.** Dorme, pois, o sono da eternidade, e descansa não dos trabalhos da vida, que ainda não tinha começado, mas dos penosíssimos padecimentos dessa cruel enfermidade.

Sei que sua Ritoca vai indo menos mal; entretanto não posso dizer o mesmo de nossa prima Rita Rangel; **que depois de ter usado e sem proveito de alguns remédios do Dr. Abreu** que chegou do RJ, achou melhor ir para Santo Amaro e por lá anda pelas estâncias dos parentes e dizem que com algumas melhoras, vai indo devagar, boa não pode ficar (BITTENCOURT, *apud* WITTER, 1990, s/p, grifos meus).

Para Witter, os aspectos importantes a salientar do conteúdo expresso nas cartas consistem, primeiramente, em perceber “o papel do pai-senhor diante das enfermidades daqueles sob sua responsabilidade: parentes, escravos” (idem, 2010, s/p). O segundo ponto destacado pela autora é que o sofrimento não residia apenas em quem adoecia, ele era vivido de forma conjunta por todos os que estavam ligados por algum tipo de laço àquela família. Dos mais aos menos incomodados, todos eram sofredores.

Outro ponto interessante a ser mencionado, pela análise das missivas, é a ineficácia dos tratamentos medicamentosos na cura das doenças, o que levava, por sua vez, à descrença na atividade profissional dos médicos. Fato que também pode ser observado no diário de Helena Morley:

Seu Laje tinha o pescoço quebrado e só olhava para o chão. Meu pai conta que ele pegou em todas as suas economias e pagou um médico estrangeiro que passou pela Diamantina e afiançou que o curava. O tal médico suspendeu-lhe o pescoço com uma talas e Seu Laje ficou um mês de cabeça em pé. No dia em que o doutor teve de ir embora, disse-lhe que ficasse com aquilo no pescoço mais uma semana, que ficava são. Passada uma semana, ele tirou as talas do pescoço, a cabeça tornou a cair, e Seu Laje ficou mais pobre e olhando para baixo da mesma maneira. (MORLEY, 2000, pp. 52-53).

Os malogros terapêuticos médicos faziam com que algumas pessoas buscassem o melhor tratamento em seus próprios lares, sem a interferência de um saber médico especializado:

Entrei na sala já sentindo tudo revirando cá por dentro e a barriga começando a doer. Fui me deitar com o travesseiro apertando a barriga pensando que passasse; mas nada. Quando dei fé, estava rolando na cama, gritando e estrebuchando de dor. Cheguei até a suar. Vovó veio logo com o purgante de óleo: “Tome, minha filha. Isto é do leite com jabuticaba. Tome.” Eu cheirava o óleo e entregava a tigela: “Não posso, vovó. Eu lanço.” E rolava na cama.

[...] “Então mande também buscar um purgante mais fácil de tomar.” Vovó concordou: “Boa ideia! Sal catártico aí tem. Vá depressa, Chiquinha; misture com água e traga.” Dindinha trouxe o sal catártico [...] eu peguei na tigela e virei de uma vezada. (MORLEY, 2000, p. 88).

Nota-se que a medicação empregada – o purgativo – foi ministrada pautada nos aforismos hipocráticos, que apregoavam a eliminação dos maus humores pela evacuação a fim de restabelecer o equilíbrio corporal, e, por sua vez, a saúde.

A descrença em parte da população para com os médicos e a ação destruidora das epidemias contribuíram de forma significativa para alimentar um medo coletivo perante as enfermidades. O temor social ante as doenças não passou despercebido pelo crivo crítico de Gilberto Freyre, que descreve em *Ordem e Progresso* (1974) o ambiente desolador da cidade do Rio de Janeiro, ocasionado principalmente pela febre amarela e varíola:

[...] **o pavor das epidemias era constante.** [...] Era uma felicidade, salvar-se alguém da varíola com poucas marcas no rosto. Muitos brasileiros da época, desde moços tinham as faces, o nariz, a testa picados de sinais de bexiga. Iaiás que haviam sido lindas meninas tornavam-se môças feias: da “cara bexigosa”. Outras, com febres, perdiam o cabelo: insígnia tão preciosa (FREYRE, 1974, p. 618, **grifos meus**).

Diante desse cenário desolador, os médicos quase nada podiam fazer para curar as doenças, ainda mais aquelas com que eles não estavam familiarizados. Freyre comenta, por exemplo, como os “clínicos urbanos” não conseguiam tratar as pessoas atingidas pelas mazelas provenientes das regiões rurais:

A importância das casas comissárias de café, [...] correspondia no Sul, às das casas dos comissários e armazenários de açúcar, no Norte, em cujas residências [...] que se hospedavam seus comitentes ou pessoas das famílias dos comitentes quando vinham do interior às cidades. **Traziam então, quando doentes – eles ou as mucamas ou os pajens que os acompanhavam – problemas, para os clínicos urbanos, que nem sempre podiam ser resolvidos dentro da patologia urbana**, sua conhecida, certo como era as fazendas e os engenhos constituíam sistemas patológicos diversos do urbano ou do metropolitano. (Idem, 1974, p. 619, grifos meus).

Com o organismo já povoado por enfermidades típicas do campo e as péssimas condições higiênicas dos lugares onde os doentes instalavam-se quando iam “visitar” as cidades, os tornavam “alvos fáceis” para que outras mazelas pudessem se alojar em seus corpos:

Êsses inconvenientes alçavam em cheio algumas das casas de comissários de café em que se hospedavam pessoas rurais em suas visitas às vezes demoradas à Côte; e daí ficavam expostas a tifo, à difteria, à tuberculose. Ainda piores eram as condições de vida urbana na maioria dos hotéis e hospedarias, [...]. Nêles a sífilis, o álcool, o jôgo, abatiam o moral e o físico daquele vindos do interior e que, não tendo família nem casa de comissário nas cidades, eram obrigados a se hospedar nos mesmos hotéis. (Idem, 1974, p. 620).

Seja em meio aos campos brasileiros, ou nas cidades, as pessoas mesmo quando podiam “contar” com o atendimento médico, não raras as vezes, preferiam recorrer às práticas populares de cura, que eram realizadas por curandeiros, boticários, cirurgiões-barbeiros, dentre outros.

O século XIX era o tempo das maravilhas curativas, do purgante de Leroy aplicado contra pneumonia, desintéria, hidropisia e envenenamento. Também “era a época do *purgare et sangrare*, das mezinhas, do chá de melissa, ou erva-cidreira, de losna, da flor de laranjeira ou de sabugueiro, da folha de goiaba ou de quebra-pedra” (COSTA, 1967, p.146).

Outra opção aos indivíduos do século XIX era os manuais e guias de medicina popular fundamentados nas recomendações de Hipócrates e Galeno, que “descreviam as doenças mais comuns, sua etiologia, sintomatologia e terapêutica, indicavam dietas adequadas, prescreviam cuidados higiênicos, penetrando em todos os lares, difundindo os princípios da doutrina e perpetuando suas práticas” (LIMA, 1996, p. 51). Os manuais de medicina de Chernoviz e Langgaard, por exemplo, tiveram vida longa no Brasil.

A persistência do humorismo e seu uso frequente nas práticas de manutenção corporal do século XIX justificam-se, em parte, na pouca credibilidade que parte da população mantinha para com os profissionais médicos. Como também observou Henrique (2008) o

próprio general Magalhães não faz menção em nenhum momento de seu diário íntimo a qualquer tipo de consulta com um clínico, mesmo na temporada em que passou em Londres, local em que a medicina era considerada mais “avançada”. As críticas à medicina de sua época são visíveis em seu diário, como, por exemplo, no dia 21 de agosto de 1881: “[...] a medicina está atrasada, e o melhor recurso que eu tenho é a minha própria observação e o proceder por tentativa” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p.86). Sua argumentação fundamentava-se nas regras da medicina hipocrática, que orientava os indivíduos a empregarem técnicas de manutenção corporal baseadas em observações e experimentações realizadas pelo próprio sujeito, sem intervenção médica.

Foucault esclarece que a medicina hipocrática era uma “prática refletida de si e do seu corpo” (1984, p.134), em que cabia o próprio doente “receitar-se” o melhor tratamento para a cura da doença. A anotação de Couto, datada de 8 de agosto de 1880 reflete essa tendência: “O melhor REGIME de dieta é aquele que o doente por própria experiência julga tal” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 177).

As descobertas da medicina de sua época, de acordo com Magalhães, não representaram melhoria significativa na vida dos indivíduos. Na sua percepção, os “avanços” médicos eram inúteis, servindo apenas para prolongar a vida: “os recursos da medicina, inúteis, outrora, e ainda hoje inúteis a muitas nações, são apenas suficientes para levar alguns de nós às portas da velhice (Idem, 1998, p. 223).

Nos escritos íntimos da pequena Helena Morley também é possível evidenciar essa rejeição ao atendimento médico: “**Na nossa casa não entra médico** nem remédio de botica. Quando a gente tem uma dor de barriga, se não tem chá de artemija em casa, um gole de água com um pedaço de pão bento cura”. (MORLEY, 2000, p. 242, **grifos meus**). Observa-se assim, no relato da pequena “uma resistência do doente, na quebra de braço que se torna a disputa por seu próprio corpo com o saber médico. Um doente que ainda pretende decidir que remédios tomar, quando tomar e em qual médico vai acreditar” (WITTER, 2010, s/p).

Regina Xavier ao analisar as práticas médicas na região de Campinas, em São Paulo, no século XIX, afirma que: “[e]m 1875, por exemplo, o lazareto da Câmara Municipal era conhecido como ‘matadouro’” (XAVIER, 2003, p. 240). O hospital não era visto como local de cura e sim, o lugar aonde se ia para morrer.

O temor do nosocômio por parte da população foi ressaltado em inúmeros estudos que analisaram as organizações assistenciais no Brasil. A circunscrição da medicina e suas

péssimas condições de funcionamento fortaleceram essa má impressão. Geralmente, os languentos procuravam amparo hospitalar apenas em último caso, na falta de alguém que os tratasse em casa. Além disso, a perspectiva do internamento e o longo tempo da terapêutica representavam o isolamento do enfermo de sua família, o que acabava incitando a fuga de muitos doentes (MAGALHÃES, 2004).

O atendimento fornecido pela Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no século XIX, levou muitos indivíduos a óbito, com os seus tratamentos realizados sob os auspícios da teoria humoral, com sangrias e purgativos. Os médicos prescreviam:

[...] em um dia, sangria e fórmula I para os pacientes da ala esquerda, purga e fórmula II para os pacientes da ala direita, invertendo-se o procedimento no dia seguinte para “sangria e fórmula I para a ala direita e purga e fórmula 2 para a ala esquerda. Matando mais que curando, as sangrias eram feitas não apenas para fins curativos, mas também preventivo [...] (LIMA, 1996, p. 51).

O exercício de “examinar a si” – principalmente no que tange ao aspecto da saúde – por meio de escritas pessoais, no século XIX, não configurava-se como uma prática isolada realizada somente por Couto no seio de sua intimidade. Na verdade, tratava-se de algo bastante comum para o período, pois o ceticismo de parte das pessoas em relação à medicina oficial e o pavor coletivo ocasionado pelas epidemias incitaram muitas pessoas a procurarem tratamento com uma infinidade de indivíduos que diziam-se habilitados nas artes de cura, outros, por sua vez, buscavam tratamento por conta própria. Ambas as atitudes, demonstram a resistência das pessoas a interferência de um saber médico especializado em suas vidas. Reivindicando para si o domínio dos próprios corpos, os indivíduos, almejavam uma maior autonomia para decidir, a melhor terapêutica a empregar, quais remédios ingerir, e, acima de tudo, qual saber acreditar.

2.4. O HIPOCONDRIACO E SEU SOFRIMENTO

As mudanças de humor, ocasionadas pelo temor de ficar doente, são constantes no registro íntimo de Couto de Magalhães. Este ia do céu ao inferno em poucos segundos, ora estava vislumbrando um dia esplêndido; minutos depois já estava queixando-se de ataques hipocondríacos: “**Friday 10th setembro 1880**. Dia esplêndido, temperatura 70° [°F]. Fiz um pequeno passeio de manhã a Portland Place [...]. Excitado provavelmente pelo cansaço, tive um leve ataque de hipocondria” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998 *apud*, MACHADO p.104, **grifos do autor**). Ou ainda como pode ser visto em outro momento do diário: “**Friday**

27th August 1880. Amanheci alegre e de boa saúde, digeri bem, ***, pupé, mas tarde, depois do jantar, estava cismático, naquele estado de excitação particular a que se chama nervos (Idem, p. 93, **grifos do autor**).

Ele reconhecia que muitas moléstias que acreditava lhe afligir eram ilusórias, provenientes de sua imaginação, como constata no dia 4 de setembro de 1880: “Passei um dia cheio de cismas lendo medicina, e uma noite cheia de ansiedades, atribuo isso a excessivo calor; entre os sintomas imaginários um havia real, e era o desejo e a necessidade de repuxar o braço esquerdo; afora isso, tudo o mais era imaginação (Idem, p. 100;101). Portanto, como observa também Henrique (2008) admitia que muitos dos sintomas que o atormentava eram resultantes de sua hipocondria como evidencia o registro do dia 22 de agosto de 1881: “[a] minha cachexia é, pois, uma hipocondria - mas como a última é apenas o ementário onde se joga tudo quanto é ignorância, o dizer que ela existe nada adianta” (Idem, p. 89). A expressão *cachexia* usada por Couto de Magalhães é definida por Chernoviz no *Dicionário de Medicina Popular* como um:

estado morbido que se observa nos indivíduos exaustos, sobretudo depois de longas moléstias e quase sempre é o presagio de morte. É caracterizada pela pallidez amarellada da pelle, languidez de todas as fucções que faz sobresahir as saliências das eminencias ósseas; edema dos membros inferiores; perda do appetite acompanhada de vomitos e diarrheia; suores frios ou, o contrario, secura da pelle; diminuição das secções nasaes, salivares e urinarias; emfim, no ultimo periodo, pertubações intellectuaes que precedem a agonia ⁵².

A cachexia caracterizava-se como um estado físico deprimente que poderia acarretar perturbações mentais. Mesmo reconhecendo que essa moléstia era uma hipocondria e que, dessa forma, não tinha nenhum achaque físico propriamente dito, ele apresentava-se em seu relato autobiográfico como um homem permeado pelo medo de adoecer o que lhe ocasionava constantes perturbações mentais. Admitir a sua hipocondria era uma tentativa de acalmar o seu espírito, no intuito de auto convencer-se de que os males que o afligiam eram oriundos de sua mente, e que eles não constituíam uma doença real. Mas, se o reconhecimento da hipocondria poderia lhe trazer uma sensação de conforto momentâneo, isso não abolia o temor de encontrar-se no estado de “ser doente”, pois seus “ataques hipocondríacos” são frequentes no seu diário íntimo.

⁵² CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ Editora, 1890. Disponível em: <http://143.107.31.231/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=90732&Setor_Codigo=11>. Acesso: 04 de outubro de 2012.

José Vieira, como notou Henrique (2008), era capaz de ler um tratado de epilepsia – do médico francês Armand Trousseau – e logo começava a manifestar indícios de um ataque epilético: “**Monday 30 de August** [...] Passei ontem uma péssima noite; excessivamente nervoso, a qualquer toque, ou antes, um toque fez-me sofrer um grande choque. Estava cheio de terrores vagos, e entre outros” e temia “ser acometido de epilepsia e cometer algum crime” (COUTO DE MAGALHÃES *apud*, 1998, p.97, **grifos do autor**). No dia seguinte, após o autoexame cotidiano, o general decidiu realizar um estudo minucioso da epilepsia concluindo que não a tinha nem era provável tê-la. Depois disso, diz ele, “tudo desapareceu como por encanto” (Idem, p.98).

O medo do general de ser acometido pela epilepsia não era infundado. Conforme esclarece Maria Helena Machado (1998), essa doença era associada em fins do século XIX, à histeria e a loucura. Considerada a uma doença física e moral, ela ganhava contornos “científicos” de loucura de acordo com os discursos médicos em voga. Dessa forma, influenciado por essas concepções Couto acreditava:

apresentar muitos dos sintomas de histeria e do nervosismo, tais como contraturas musculares, [...] perda de sensibilidade da metade do corpo, confusão mental e moral, sugestibilidade, convulsões e perda de consciência, todos igualmente próximos às crises de epilepsia. (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p.185).

Na tentativa de amenizar os sintomas derivados de ataques histéricos, Couto de Magalhães usava provavelmente banhos – principalmente os frios – para acalmar seus ânimos. Assim, registrava detalhadamente os banhos que tomava no decorrer do dia, como pode ser visualizado respectivamente nas anotações dos dias 5 e 14 de agosto de 1880 e no dia 19 de outubro do mesmo ano: “Às dozes veio o João – às duas fui ao banho [...]” (Idem, p. 68); “Fui ao banho de fricção” (Idem, p. 80); “De manhã andei a verificar preço do açúcar; até a uma hora estive a fazer a conta de casa; às duas fui ao banho [...]” (Idem, p. 148); dentre outros. Depois de escrever em 20 de agosto de 1880 que estava tendo dias cansativos, Couto de Magalhães decide tomar banhos frios: “Ontem à noite tomei um banho frio e fiz a mesma coisa esta manhã” (Idem, 83). Chernoviz apreende o banho frio como grande “remédio” para aliviar os sintomas de diversas doenças, entre elas, o histerismo, a epilepsia, e outras moléstias derivadas de afecções nervosas:

O banho frio fortifica a constituição, consolidando os músculos, aumentando a energia dos órgãos e a actividade do systema digestivo, e conseguinte facilitando os meios de reparação. E aconselhado em muitas

molestias, nas escrophulas, hysterismo, epilepsia, e em muitas outras affecções nervosas”⁵³.

Ao tomar o banho frio para aliviar o cansaço, Couto provavelmente estava tentando prevenir algum mal doentio derivado de ataques histéricos, tão temidos por ele, como a epilepsia, crises nervosas (ou do sistema nervoso) e a loucura.

Chernoviz esclarece no seu *Dicionário de Medicina Popular* (1878), como observou Henrique (2008), que a dor que abatia os hipocondríacos era realmente intensa, essa doença não era um mero quadro imaginário com efeitos inofensivos, os seus sintomas eram capazes de ocasionar dores fortes por todo o corpo de uma pessoa levando-a a um intenso estado de sofrimento. Assim, o termo hypochondria, é definido por Chernoviz, como:

[...] moléstia specialmente caracterizada por uma preocupação constante, inquieta, sem motivo, ou exagerada, às vezes delirante, sobre a própria saúde. Os symptomas da hypochondria são extremamente variados; não ha quasi parte alguma do corpo que não seja a sede de um soffrimento: a cabeça, o peito, o ventre, são alternativas ou simultaneamente accusados pelo doente de occultarem differentes causas de desordens, de dores e afecções diversas. Estes doentes, que o vulgo chama scismaticos, tem geralmente o humor mui variável; ... O estado de sua saúde, sobretudo, os inquieta muito: á menor dor, ao mais fraco accidente, julgão-se no maior perigo. Queixão-se de cahir em estado de fraqueza extrema; empregam as mais exageradas expressões para descreverem os seus soffrimentos... Os hypocondriacos fallão freqüentemente do aborrecimento que tem da vida, e todavia buscão com ardor os conselhos da medicina; ouvem e consultão os curandeiros, recorrem a todas as receitas que lhes são gabadas, dirigem-se successivamente a novos medicos, ouvem os seus conselhos, mas aborrecem os remedios logo que usão d’elles. O que mais amofina estes infelizes é serem avaliados doentes imaginários... Os hypochondriacos soffrem realmente bastante... A hypochondria é uma moléstia de natureza nervosa; por isso alguns medicos, e até o vulgo, lhe chamão espasmos, moléstias de nervos ou flatos⁵⁴.

No decorrer da escrita do diário, Couto parece identificar a bÍlis negra (ou melancólica) como humor predominante de seu temperamento. Conforme esclarece Jaime Ginzburg (2001) para Hipócrates a melancolia era como um estado de tristeza e medo de longa duração. Na acepção de Teixeira (2007) ela é o termo mais antigo para a patologia dos humores tristes, que tem como características, a infelicidade, medos, ansiedade e excitações nervosas, todas elas, presentes na escrita autobiográfica de José Vieira. Embora declarasse

⁵³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ Editora, 1890. Disponível em: <http://143.107.31.231/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=88743&Setor_Codigo=11>. Acesso: 04 de outubro de 2012.

⁵⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ Editora, 1890. Disponível em: <http://143.107.31.231/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=90732&Setor_Codigo=11>. Acesso: 04 de outubro de 2012.

que muitos dos sintomas que sentia eram derivados de sua imaginação, sua opinião oscilava após a leitura de algum manual médico. Ao ler um texto do neurologista inglês John Russel Reynolds (1828-1926) que estudava doenças nervosas como a epilepsia, Couto conclui que o medo que atinge os melancólicos - grupo no qual se inclui no decorrer do relato – não eram simplesmente fantasia:

Thursday 22 de setembro de 1880 – Nove e meia da manhã – fiz um leitura do artigo “Insânia” do Reynolds e cheguei à seguinte conclusão: o melancólico pode ser consolado assim: supõe que **todos nossos** terrores são reais, o máximo que pode vir de tudo é a morte, e a morte é uma coisa inevitável; portanto o aumento do mal é apenas em abreviar o tempo que naturalmente tinha de trazer essa transformação ou essa destruição. (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 113 e 114, **grifos meus**).

Mary Del Priore (2011) esclarece que acreditava-se principalmente no século XVII que o desequilíbrio intenso na secreção da bile negra (melancolia) poderia levar a um mal altamente temível nesse período: a desatinada erotização, pois:

[...] provinham os piores crimes e os mais violentos casos amorosos. Apesar do medo de castigos divinos, a razão não conseguia, muitas vezes, controlar o calor vindo do coração. Mas sem o controle de suas paixões físicas, homens e mulheres se perdiam. Pois foi o sentimento fora de controle, dando em erotismo desenfreado, que consolidou a ideia do desejo sexual como enfermidade (PRIORE, 2011, p. 30-31).

Houve desde o século XVII, um investimento maciço em tratados médicos que tinham como o objetivo estudar o amor, a fim de estabelecer diagnósticos e tratamentos para a sua cura. Assim, “o amor erótico, *amor-hercos* ou melancolia erótica, eram resultados dos humores queimados pela paixão. E mais: que todos os sintomas observados poderiam ser explicados em termos de patologia. De doença” (Idem, 2011, p. 31, *grifos do autor*). Para resolver esse problema da “doença do amor” usavam-se os preceitos da teoria hipocrática principalmente no que tange ao aspecto da questão da dieta alimentar que tornava-se um fator primordial para alcançar a cura, assim, ingeriam-se caldos de alface, sopas, etc. Além da alimentação, também receitava-se sangrias nas veias de braços e pernas (PRIORE, 2011).

A dor física e moral causada pela possibilidade de encontrar-se no “estado de ser doente” era a tormenta mental de Couto. É na doença que o indivíduo percebe o quanto pode ficar frágil diante dos percalços da vida. O medo de ficar doente para ele é a mola propulsora para alimentar o seu desejo incessante do “controle de si” como se este fosse lhe trazer a tão sonhada felicidade, mas, que, na verdade lhe trazia a dura realidade da impotência do homem diante dos infortúnios da vida de exercer o domínio máximo sobre algo, mesmo que esse “algo” fosse o próprio corpo. Na análise do diário íntimo de Couto de Magalhães, é possível

vislumbrar que a vontade dessa personalidade de tudo controlar em si e saber tudo a respeito do seu próprio corpo foi o que na verdade o dominou, produzindo dessa forma, uma falsa sensação de autocontrole.

2.5. COUTO DE MAGALHÃES E OS FATORES QUE O IMPULSIONARAM NA PRÁTICA DO “CUIDADO DE SI”

O temor excessivo que Couto sentia só de cogitar a possibilidade de ficar doente, é um fato, no mínimo curioso, no seu diário. Dessa forma, nesse tópico, procura-se traçar alguns fatores que podem ter ocasionado e alimentado a sua hipocondria, dentre eles destacam-se: a vida monótona, o medo frente aos efeitos desastrosos ocasionados pelas epidemias, e por último a sífilis.

A busca pelo conhecimento medicinal e a prática do exame de si talvez fossem um refúgio para uma vida monótona, que já não lhe oferecia os prazeres da sua época de juventude, em que tinha o seu tempo ocupado por diversos afazeres, fato que lhe incomodava: **Thursday 16 de setembro de 1880** [...] e vou sentindo que a falta de que fazer é não pequeno inconveniente (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 108, **grifos do autor**).

A análise da trajetória de vida de Couto pode ser também uma via elucidativa para entender o medo que ele possuía só de conjecturar a possibilidade de ficar doente. O general observou de perto o quanto epidemias podem ser desastrosas. Quando foi presidente da província de Mato Grosso, por exemplo, em plena Guerra do Paraguai presenciou o surto pavoroso da varíola, como atesta Aureliano Leite (1936) essa doença não poupou nem os vacinados. Mesmo tomando uma série de medidas para tentar controlar a epidemia, “isolando os não vacinados, estabelecendo cordões sanitários, propagando em larga escala a vacina” (LEITE, 1936, p. 122), a varíola fez inúmeras vítimas. Diante de críticas severas a sua capacidade de administração para a contenção do surto epidêmico, José Vieira, solicitou a sua demissão do governo de Mato Grosso, o que de acordo com Leite, sensatamente não foi concedida pelo Imperador.

O pedido de demissão é um fato importante a ser destacado, no sentido em que foi no governo de Mato Grosso ajudando a derrotar as tropas paraguaias que ocuparam essa região, que Couto de Magalhães recebeu o título de Brigadeiro Honorário do Exército e que tinha muito status social na época. Mesmo assim, esse fato não o impediu de desistir do cargo que o ajudou a galgar grande importância social não só como político, mas também, e,

principalmente como militar. Dessa forma, o medo causado pela impotência de controlar os efeitos catastróficos da epidemia, justamente num período de ascensão de carreira, o levou a querer abrir mão do cargo que representava um dos momentos mais significativos da sua vida, arriscando a macular a sua imagem e o prestígio social ele que tanto prezava em manter.

A angústia perante a epidemia tornou-se um medo para Couto de Magalhães maior do que lutar no campo de batalha das guerras. Nas guerras parece ser a habilidade e o domínio que o homem exerce sobre seu corpo que o ajuda a determinar a continuação da sua existência ou a sua morte. Em época de enfermidades, contraditoriamente, tem-se a sensação de que nada pode se controlar, ainda mais nos casos de epidemias, que em curto espaço de tempo, de acordo com Couto, são capazes de destruir e tirar vidas mais do que uma guerra:

O pequeno ser que produz o cólera asiático, o bacilar, o bacilar vírgula, ou como melhor nome tenha, é de dimensões tão pequenas que no espaço ocupado por grão de mostarda ou pela cabeça de um alfinete podem conter-se milhares. Cada uma das imigrações desse infinitamente pequeno que parte do Ganges com os peregrinos mulçumanos que vão a Meca e que dali espalha pelo mundo é mais poderosa (para produzir a morte) do que os exércitos de Gêngis Khan, os todos os modernos somados, porque uma só dessas imigrações do bacilo criando epidemias coléricas na Ásia, Europa e América matou quase 2 milhões de criaturas humanas, ao passo que as mais mortíferas guerras nunca produziram coisa igual. A mais mortífera (mortalidade pela) guerra dentre [sic] um ano e de que temos notícias que merecem fé é a produzida pela libertação dos escravos nos Estados Unidos de 1863 a 1864; pois bem: esse cataclismo de ferro, sangue, fogo e pó apenas arrebatou a vida de 950 mil homens, o que é menos do que a metade do que fez o pequeno micróbio em uma só das epidemias que gerou ou da guerra que não declarou. A Guerra do Paraguai custou, durante os quatro anos de duração, a vida de 100 mil homens, o que é apenas a vigésima parte das vidas arrebatadas pelo bacilo microscópico na epidemia a que aludimos (COUTO DE MAGALHÃES apud MACHADO, 1998, p. 241).

A construção mental a respeito da doença e tudo que ela representava era de um monstro que deveria ser evitado a qualquer custo. As leituras dos diários publicados por Maria Helena P. T. Machado (1998) que foi escrito no período entre 1880 a 1887 e Pedro Brasil Bandecchi (1974) que compreende aos anos de 1887 a 1889 nos fornecem indícios de que a sífilis pode ter também impulsionado o general ao cuidado minucioso com o próprio corpo.

Henrique (2009) e Maria Helena P. T. Machado (1998) salientam que, ao escrever o diário íntimo no período de 1880 a 1887, Couto, parecia não sofrer de uma doença física propriamente dita, já que ele não registrou nenhum sintoma significativo ou marca corporal que pudesse levar a suposição de que ele sofria de alguma enfermidade. Dessa forma, esses pesquisadores, negligenciaram a sífilis como hipótese para compreender o que teria incentivado esse diarista a dedicar significativa parte do seu tempo ao cuidado de si.

Ambos talvez tenham pecado no sentido de não atentarem-se ao alerta realizado por Contardo Calligaris (1998), de que na escrita do diário íntimo, o autor não está contando necessariamente a verdade dos fatos nos seus escritos, a preocupação com a qualidade de “estar sendo sincero” torna-se nesse gênero autobiográfico um valor superior do qualquer verdade. Esta pode não apresentar-se de maneira clara nem para o diarista. Devido à auto-repressão, o mesmo não é capaz de admitir para si ou deixar escrito, a “verdade dos fatos” no seu diário. Couto, provavelmente, podia saber que algo poderia está lhe afligindo, todavia, admitir para si e/ou para o seu diário, ser um sífilítico, em uma época em que a sífilis, tinha toda uma carga pejorativa moral e social, deveria ser muito doloroso para um homem que prezava tanto pela sua aparência e prestígio social.

O fato de José Vieira não deixar registrado no diário íntimo nenhuma marca corporal explícita que pudesse lembrar a enfermidade da sífilis é perfeitamente compreensível. O portador dessa doença pode permanecer por anos assintomático, manifestando em curtos intervalos de tempo cancrós que logo regridem espontaneamente em período que varia de 4 a 5 semanas sem deixar cicatriz. (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006).

Os biógrafos do general, como Aureliano Leite (1936) e Miguel Jorge (1970) relatam que ele teria sido acometido pela sífilis por volta do ano de 1890, o que lhe teria provocado sério desequilíbrio mental, sendo internado primeiramente no Sanatório dos Ingleses, no bairro da Consolação em São Paulo e depois o transferiram para Barbacena, em Minas Gerais, onde ficou sob o tratamento dos médicos, Moura Brasil⁵⁵, Pedro Afonso⁵⁶, Teixeira Brandão⁵⁷ e Alfredo Goulart que aconselharam a família a buscar tratamento na Europa, o que foi feito no ano de 1891 quando sob o auxílio do seu amigo Visconde de Ouro Preto parte para a França em busca de tratamento. Ao voltar ao Brasil, quando parecia encontrar-se em um estado clínico estável, sofre outro acesso mental e em 1898, em decorrência do agravamento no seu quadro clínico, morre quando ia completar 61 anos de idade (LEITE, 1936).

⁵⁵ José Cardoso de Moura Brasil (1846-1928), oftalmologista formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, e um dos fundadores, em 1881, da revista científica União Médica, criada fundamentalmente com o objetivo de alertar as autoridades para o perigo da sífilis, (Carrara, 1996, p. 82).

⁵⁶ Barão de Pedro Afonso de Carvalho Franco (1845-1920), médico formado na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, responsável pela produção da vacina antivaríola durante o período de 1887 e 1919 e fundador o Instituto Vacínico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/barao.htm>. Acesso: 24 de setembro de 2012.

⁵⁷ João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921), foi um dos fundadores da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, fundada em 1881, e fez parte do primeiro corpo clínico desta instituição, como médico do serviço de moléstias do sistema nervoso. Seu prestígio pode ser avaliado, entre outras coisas, pelo título de primeiro psiquiatra brasileiro”. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/verbetes/branjteix.htm>. Acesso: 25 de setembro de 2012.

Uma análise mais atenta do diário íntimo, publicado por Pedro Brasil Bandecchi (1974), permitiu perceber indicações de que Couto já poderia ser sífilítico há um período bem anterior a escrita desse diário. No registro do dia 16 de maio de 1889, ele cogitava já com “ares de certeza” pela primeira vez ter sido acometido por essa enfermidade:

Sífilis. Um destes dias senti na canela esquerda uma pequena dor e examinado o assunto vi que tinha um tumor duro como osso, do tamanho de amêndoa e que o Dr. Carvalhal, e um médico alemão que aqui veio classificaram de sífilis. Tinha anteriormente aparecido na testa, cujos últimos votos ainda resistiu, mas que já está quase absorvido.

Há 6 dias estou fazendo uso de iodeto de potássio, com grande vantagem das digestões intestinais (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1974, s/p, grifos do autor).

Sabe-se, atualmente, que a sífilis é causada por uma bactéria chamada *Treponema pallidum* e pode desenvolver-se em três etapas. A primeira fase é denominada de estágio primário, em que o indivíduo apresenta uma ferida altamente infecciosa e indolor, que se assemelha a uma pequena ulceração que é denominada de cancro. (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006). Couto afirma nesse relato, que o tumor em sua canela era dolorido, o que nos leva a crer que no momento desse registro, ele já estava no segundo estágio da doença, pois é próprio dessa etapa da doença, manifestações de erupções sobre a pele que causam dor. Além disso, na primeira fase da sífilis o cancro além de ser indolor é bem pequeno podendo passar despercebido, manifestando-se em regiões específicas, como órgãos genitais, boca ou ânus. (AVELLEIRA; BOTTINO, 2006).

No registro do dia 21 agosto de 1880, no diário publicado por Maria Helena Machado (1998), Couto escreve um incômodo na região da boca que lembra a um dos sintomas da sífilis, ao queixar-se de uma “supurenta pequena na gengiva” (COUTO DE MAGALHÃES, 1998, p. 85). A sífilis, em seu estágio primário, pode acometer o doente com pequenas ulcerações na gengiva, dessa forma, essa observação do general provavelmente pode ter sido uma das primeiras manifestações dos sintomas da doença. Ainda nesse diário, é interessante notar que, a descrição de alguns males que o general diz lhe afligir ou que ele demonstrava ter algum medo de vir futuramente a assolar-lhe são os mesmos que povoavam o imaginário dos médicos do século XIX a respeito dessa enfermidade: a histeria, a epilepsia, as excitações nervosas, as perturbações das funções nervosas da sensibilidade, insônia, convulsões, dentre outros. Sintomas estes, todos associados também à loucura (CARRARA, 1996). Diante desses fatos, parece que um dos medos maiores de Couto fosse o de ficar louco, algo que atemorizaria qualquer indivíduo, ainda mais essa personalidade, que prezava tanta pela aparência social.

O último estágio da sífilis é o terciário. Esse período da doença é o mais difícil e doloroso para o enfermo. Essa fase pode manifestar-se até 30 anos depois do surgimento da doença, e os sintomas podem exprimir-se em sérias complicações psiquiátricas. Provavelmente no final de sua vida, Couto tenha chegado a esse estágio da doença. Seus biógrafos afirmam que ele teve vários acessos de “crises nervosas” e devaneios mentais. Aureliano Leite (1936) afirma que os amigos do general,

começaram angustiosamente a notar nele fugas desacostumadas, tristezas momentâneas e profundas, pensamentos exquisitos, incompletos, vindos de sopetão, sem relatividade com idéias anteriores; as vezes certas excitação, que lhe não era natural, traduzida em pequenos monólogos declamados. (LEITE, 1936, p. 145).

Aureliano Leite relata episódios constrangedores, que atestam o comprometimento da sanidade mental de Couto:

Daí a dias, foi visitá-lo o Dr. João Flery, casado com uma sua sobrinha. Encontro-o fardado, a farda pelo avêso, espada em punho, descalço, de polainas, satisfeito, á espera do Imperador, *que aí vinha* (Idem, p. 145, *grifos autor*).

Couto também demonstrou no relato do dia 16 de maio de 1889 - quando elucubrou a possibilidade de encontrar-se sífilítico - já possuir certo conhecimento a respeito da sintomatologia e a terapêutica da sífilis, sendo capaz não só de autodiagnosticar-se como portador da mesma, mas também de receitar-se o iodeto de potássio, remédio que, de acordo com, Carrara (1996) era um dos mais utilizados no tratamento de pacientes sífilíticos do século XIX. O medo da sífilis, e pior ainda em consequência desta, ficar louco, provavelmente já o acompanhava há algum tempo, o que deve ter motivado-o a buscar informações a respeito dessa doença.

O mercúrio era outro medicamento empregado pelo general, usado comumente nos oitocentos como recurso no combate à sífilis. Acreditava-se que ele induzia “o organismo a evacuar o *veneno* através da intensa diarreia, salivação e sudorese” (CARRARA, 1996, p. 33). No diário publicado por Machado (1998), o general faz referência à utilização das seguintes “preparações mercurias” purgativas, o calomelano, hydragyrum cum Creta e a blue pill, que acreditava serem favoráveis “as flegmasias gástricas” (COUTO DE MAGALHÃES *apud* MACHADO, 1998, p. 177), que auxiliavam na eliminação dos humores melancólicos que estavam causando desequilíbrio em seu organismo.

A ideia de que Couto já possuía o temor de ser acometido pela loucura no período em que escreve o diário publicado por Machado (1998) pode ser corroborada, quando se analisa o

registro do dia 8 de agosto de 1880, em que ele mostrou-se atento a uma terapêutica do médico romano Celso (século I da era cristã) que garantia a cura dessa enfermidade: “As varizes, um fluxo de sangue pelas vias hemorróidas, curam a loucura (Celso, 122, p. 350)”. (COUTO DE MAGALHÃES apud MACHADO, 1998, p.179). Registrar no seu diário uma terapia eficaz para combater a loucura, já demonstrava uma intencionalidade: de ter sempre em mãos uma promessa que não era apenas de tratamento na luta contra a doença, mas atente-se de **cura**. O general já estava assim, munido de estudos medicamentosos que lhe asseguravam – pelo menos teoricamente - a solução definitiva para esse mal tão temido por ele, caso futuramente a insanidade viesse lhe atormentar.

O receio de Couto diante da possibilidade de ficar doente, ainda mais com uma doença como a sífilis, que levava a loucura, não era sem sentido. Carrara (1996) esclarece que, no período oitocentista, sobretudo, entre os médicos, disseminavam-se ideias preconceituosas sobre a sífilis, que estavam diretamente ligadas a questão da degeneração, não só física, mas também moral. Apoiados em doutrinas cristãs, o imaginário em torno da sífilis ganhava contornos simbólicos na ideia de castigo divino ao pecado da carne. Além do aspecto da moralidade, o relato do escritor brasileiro Cláudio de Souza apresenta outras representações acerca da sífilis no século XIX, demonstrando o seu caráter monstruoso: “os descendentes que sobrevivem à horrível hecatombe são raquíticos, deformados, incapazes para a luta, de aspecto deplorável; a sua evolução mental é lenta e incompleta, sendo enorme os casos de idiotismo e imbecilidade”. (SOUZA *apud* CARRARA, 1996, p. 65).

Conforme Carrara (1996) os militares era um dos grupos sociais no Brasil oitocentista mais afetado pela sífilis. A Guerra do Paraguai - que contou com a participação do então nomeado brigadeiro Couto de Magalhães – foi o período do século XIX em que mais se tem notícias da disseminação da sífilis. O médico militar José de Oliveira, em 1883, em uma memória apresentada à Academia Imperial de Medicina, chama a atenção para o número assustador de soldados assolados por essa doença:

Se a tuberculose representa no Exército brasileiro a maior cifra mortuária, se os embaraços gástricos não lhe cedem o passo na questão numérica, as moléstias venéreas e sífilíticas avantejam-se às duas. Pode-se, sem medo de errar, asseverar que não há um só soldado nosso que não tenha uma ou mais entradas nos hospitais por acidente venéreo.” (OLIVEIRA *apud* CARRARA, 1996, p. 78).

A sífilis era considerada uma doença extremamente perigosa. Como esclarece Carrara (1996), por ser um “inimigo silencioso”, ou seja, pelo fato do doente permanecer por anos

assintomático ou por passar, muitas vezes, períodos longos de latência, ela pode ser transmitida sem ao menos a pessoa saber que a possui.

Portanto, supor a possibilidade de ter uma doença que lembrasse a loucura (como a epilepsia, histeria e a sífilis) numa época em que a medicina não apresentava nenhuma medida eficaz de cura dessa enfermidade⁵⁸, nem de qualquer outra, causava-lhe um enorme sofrimento, o que provavelmente o levou a isolar-se e a buscar por conta própria tratamentos que pudessem evitar esse destino. Portanto, a possibilidade de ser sífilítico gerava-lhe uma angústia maior do que o diagnóstico preciso de uma enfermidade. Dessa forma, talvez sua doença maior consistia em conceber a si como portador da dor de saber que tudo conquistara em sua trajetória considerada heroica poderia ceder lugar aos contornos simbólicos e sociais pejorativos - como a loucura- que cerceava a mentalidade dos oitocentos acerca dos indivíduos acometidos uma doença tão difícil como sífilis.

2.6. COUTO DE MAGALHÃES UM HOMEM DOS OITOCENTOS: EM PROL DE UMA CULTURA DA APARÊNCIA

O século XIX foi o palco do encantamento progressivo por uma supervalorização da aparência. Era preciso saber “portar-se” e “ter modos” nas ações realizadas em público: modos ao falar, andar, comer, etc. A teoria hipocrática legitimava, de certa forma, essa cultura da aparência. Por meio de seus preceitos, eram impostas as condutas higiênicas adequadas a serem seguidas, determinando, dessa forma, práticas “normatizantes” ao corpo social.

As práticas da medicina hipocrática continuavam bastante vivas e pulsantes no século XIX, tanto no seio da população mais pobre como na medicina oficial. Como acentua Foucault, o que houve, nessa época, foi mais uma mudança no discurso em prol de uma linguagem científica que inaugurou “o nascimento da clínica”, do que o rompimento total do uso de teorias medicamentosas usadas nos séculos passados: “foi esta reorganização *formal e em profundidade*, mais do que o abandono das teorias e dos velhos sistemas, que criou a possibilidade de uma *experiência clínica* [...]; poder-se-á, finalmente, pronunciar sobre o indivíduo um discurso de estrutura científica” (FOUCAULT, 1980, p. XIII, *grifos do autor*). Dessa forma, não só a sobrevivência de uma “velha” teoria, como a medicina hipocrática, mas também a sua ampla aceitação no período oitocentista, principalmente no Brasil, leva a ganhar

⁵⁸ Somente com a descoberta da penicilina em 1941 pelo bacteriologista escocês Alexander Fleming é que se inicia um tratamento eficaz no combate à sífilis (Carrara, 1996).

contornos simbólicos que auxiliam na manutenção da ordem social, fixando crenças e práticas higiênicas.

Tania Andrade Lima (1996) constata que, no século XIX, a preocupação excessiva com a aparência, levou a corte imperial no Brasil a realizar um investimento maciço em aparatos que pudessem senão disfarçar, pelo menos minimizar o odor mal cheiroso expelido da pele – como óleo de rícino, por exemplo - e/ou dissimular os sons, o cheiro, ou barulho das atividades de excreção referentes às partes baixas do organismo, como, retretes, urinóis e outros. Estes objetos, muitas vezes, tinham um aspecto estético bem trabalhado, configurando verdadeiros artigos de luxo para uma casa.

No diário de Helena Morley podemos vislumbrar um caso de como esses artigos de tão bonitos e luxuosos poderiam ser usados equivocadamente para outra função para os quais não tinham sido criados:

Dona Elvira parecia ser uma mulher tão asseadíssima. Ela fala muito errado porque morou toda a sua vida na roça, mas a casa dela é bem arranjada. Os bancos e mesas são limpos como novos. O assoalho dói nos olhos, de claro. Ela estava em casa com um vestido mui limpo e os meninos, prontos para irem para a escola, só se vendo como estavam asseadinhos. Como se compreende que esse asseio todo ela é tão sem nojo?

Quando chegamos ela foi nos recebendo com muita alegria, mandou entrar para a sala de jantar e nos foi mostrando a horta, os canteiros de flores e tudo. Na cozinha, que estava um brinco de asseio, ela nos mostrou um caldeirão que fervia um caldeirão que fervia no fogão e disse: ‘Parece que eu adivinhava a visita das senhoras. Foi Deus que me deu a idéia de pôr no fogo este caldeirão de canjica com amendoim para obsequiar as senhoras’.

Quando ouvi essas palavras, não pensei mais senão na canjica. Chega a hora, ela abre o armário e tira uma terrinha funda, de uma asa só, que achei esquisita. Mas como passou depressa ninguém reparou direito. Quando ela trouxe a canjica da cozinha e pôs na mesa, nós olhamos uma para a outra sem compreender. Eu nunca tinha visto na minha vida uma vasilha daquelas na sala. Todos comeram a canjica menos eu. Quando saímos dei a desculpa que não gostava. Quando saímos, Naninha me disse: ‘Boba, você perdeu. Você não ouviu que ela pensava que aquilo é vasilha de comida? Se ela pensasse que é para outra coisa que não punha a mesa. Ela é muito asseada (MORLEY, 1998, p. 211; 212).

Provavelmente a confusão realizada no relato de Helena Morley por Dona Elvira - uma senhora super “asseadíssima” como enfatiza Helena - tem sua causa explicativa no contexto social em que se passa o episódio, uma região interiorana como era Diamantina, que não compartilhava muito das informações que possuíam os indivíduos da capital imperial, por isso era desconhecida a serventia do objeto tão belo, que provavelmente tinha sido criado para atividades de defecação.

Mesmo ressaltando que Dona Elvira demonstrava ser uma senhora de uma higiene impecável, Helena não conseguiu comer a canjica, por saber para que realmente destinava-se o objeto. Nesse episódio sobressai-se a questão do nojo, a sensação de asco que impregnou Helena foi maior que qualquer asseio que pudesse ter a senhora da narrativa. Parodiando, assim, Rodrigues (2006), o homem aprende a ter nojo e a detestar em si mesmo, metaforicamente, o que a sociedade necessita odiar.

A análise da cultura material do Brasil oitocentista realizada sob os pilares de compreensão proporcionada pela teoria hipocrática, seja no estudo do investimento maciço na fabricação desses objetos destinados às atividades de excreção e/ou na publicação e distribuição de manuais de tratados medicamentosos, revelam o século XIX como um lugar temporal que cultivava uma cultura da aparência regrada na polidez dos atos que seria garantida graças ao controle de si.

Ainda no diário de Helena Morley observa-se o quanto a falta do autocontrole das atividades corporais, poderiam ser constrangedoras:

[...] um dia desses estávamos na mesa eu e o seu Zeca virou para a mamãe: ‘A senhora dá licença, dona Carolina? ‘Pois não, seu Zeca, disse mamãe. Ele saiu para o corredor e começamos a ouvir umas coisas que eu não posso escrever. Eu e Luisinha apertamos a boca para não rir, mas foi impossível; destampamos no riso. Mamãe ficou furiosa, nos ralhando, e seu Zeca disse: ‘Eu sou um homem doente, meninas; se eu não me livrar os gases, eles sobem pra o peito e me afrontam’. Mamãe nos proibiu de almoçar na mesa e estamos comendo na cozinha. Mesmo assim, só de espiar seu Zeca pela frincha da porta, não paramos de rir. Hoje ele trouxe a mulher, siá Margarida, para conversar com a mamãe. Como é quinta-feira e passamos o dia em casa, escutamos a conversa dela e vínhamos para o meu quarto rir. Ela veio dar explicações dos gases do seu Zeca. Disse a mamãe que ele está incomodadíssimo com o castigo que tomamos por causa dele. ‘Ele não pode comer fora de casa, dona Carolina. Cebola, repolho, batata-doce, comida temperada, tudo isso vira gases na barriga dele. Se ele curte durante o dia, como tem feito aqui, é um sofrimento para nós dois. Ele chega em casa afrontado, com a barriga parecendo um zabumba. Eu lhe faço um chá de erva-doce bem forte e só assim os gases saem e ele fica aliviado.’” (MORLEY, 1998, p. 15; 158).

O fato de não ter o controle sobre o seu corpo, ou sobre suas flatulências como foi o caso do seu Zeca, ocasiona situações embaraçosas. O ato de liberar gases torna-se algo execrável e coibida pelas regras de etiqueta. Goffman (1985) relata que tal prática fazia parte daquilo que ele denominou como “condutas de bastidores”, e foram reprimidas e confinadas aos espaços privados.

Norbert Elias destaca que os manuais de condutas aconselhavam que se não fosse possível dominar o flato, era preciso fazer um esforço significativo para que o seu som depreciativo não fosse percebido: “O som do peido, especialmente das pessoas que se encontram em lugar elevado, é horrível. Sacrifícios devem ser feitos, com as nádegas fortemente comprimidas [...] Substitua os peidos por acessos de tosse”. (ELIAS, 1994, p.136).

Comprimir as nádegas e provocar a tosse no ato da flatulência são formas de pôr o corpo à disposição de atitudes de conveniência coletiva. Observa-se que corpo deveria estar em “sacrifício” em nome dos bons hábitos civilizados, que se fazia presente na manutenção das funções biológicas em prol de um comportamento social adequado.

A medicina hipocrática reforçava dessa forma, o preceito máximo do “controle de si” tão estimado pelas sociedades que caminhavam sob estigma civilizatório. Se a palavra de ordem da teoria hipocrática era desobstruir (seja pelos orifícios inferiores, superiores, ou por meio de sangrias), era preciso também sabê-lo fazer, com polidez e bons modos. Observa-se que influenciado de certa forma pelos preceitos da medicina hipocrática, o “seu Zeca” tem a preocupação em “se livrar dos gases” a fim de prevenir que eles subissem até o peito e o acometessem de alguma enfermidade. Mas também, demonstra o cuidado em se isolar-se para eliminar suas flatulências, tentando assim, seguir os bons hábitos.

As atividades consideradas execráveis por aquilo que se denominou de “maus modos”, ligadas principalmente com a exposição das “partes baixas” foram consideradas as mais abomináveis. Mary Del Priore (2011) ressalta um comentário do viajante Jonh Barrow, feito em seu relato intitulado de *A Voyage to Conchinchina in the Years of 1792 and 1793*, em que “registrou o hábito das mulheres de urinar “descaradamente” nas ruas do Rio”, atitude esta, vista como repugnante. “O certo era fazê-lo contra um muro, cobrindo o sexo, na tentativa de proteger-se dos olhares alheios” (PRIORE, 2011, p. 25).

Norbert Elias (1994) analisa como os códigos de condutas aplicados na Europa pós-medieval - ou seja, como uma força imposta externamente - conseguiu alterar o comportamento dos indivíduos nos ambientes tidos como públicos. Mas, se essa mudança comportamental em prol de uma valorização do autocontrole foi imposta inicialmente por uma força externa, Freud (1997) analisa como essa mudança social a favor de uma economia das pulsões, foi assimilada e reproduzida pelos indivíduos numa autopercepção psicológica, sem a necessidade de uma coerção externa. Esse autocontrole dos indivíduos em relação as suas pulsões foi denominado por Freud de *superego*. Este é definido como um agente

regulador próprio da consciência de cada indivíduo para suprimir os desejos e os instintos do ego, um mecanismo de auto-repressão, a fim de estabelecer e manter uma conduta aceitável socialmente.

O “domínio de si” era palavra de ordem, no século XIX, e tornou-se um aspecto essencial para esse período que foi palco do resplandecer pela valorização crescente ao culto da aparência. Influenciado por seu tempo, José Vieira realizava o “controle de si”, - principalmente no que tange às atividades corporais – por meio da prática da escrita íntima no intuito da manutenção da imagem que ele gabava-se de ostentar, um homem forte, procurando dissociá-la de qualquer representação que lembrasse a fraqueza, como, por exemplo, a doença. Esta não era somente uma mazela física para o general, ganhando contornos simbólicos de desprestígio social. Era necessário afastá-la a qualquer custo. Nada podia ferir a sua imagem como ícone nacional.

Se Couto demonstrava características nas esferas “pública” e “privada” que parecem à primeira vista serem apenas destoantes, enquanto um homem público forte e destemido e no seu relato intimista demonstrava ser um homem emocionalmente fragilizado com a possibilidade de adoecer, essas características são, acima de tudo necessárias e complementares para entender a personalidade desse indivíduo. O general para manter as aparências de um homem vigoroso e desbravador precisava manter um cuidado rigoroso com o seu corpo, a fim de senão, acabar, pelo menos, mascarar uma possível mazela física que poderia afligir seu corpo e que de alguma forma pudesse macular sua imagem de homem público, que tanto esforçou-se em construir. Assim, permanecer-se saudável significava também uma garantia de manter seu prestígio enquanto homem público.

Estimulado por sua época, Couto levou esse “culto a aparência” as últimas consequências, para uma melhor manutenção da sua imagem e todo prestígio que ela representava socialmente, ele buscou de forma excessiva manter seu corpo sempre saudável e forte, influenciado principalmente pelo preceito de moderação proveniente da teoria hipocrática. Além disso, o receio da doença acionava o seu desejo incessante do “controle de si” como se este domínio pudesse lhe proporcionar a tão sonhada felicidade. Contraditoriamente, tal exercício mostrou-lhe sua impotência diante dos infortúnios da vida, a falta de controle sobre o próprio corpo. Na análise do diário íntimo de Couto de Magalhães é possível vislumbrar que a sua vontade de tudo reprimir em si mesmo e no seu próprio corpo foi o que na verdade o dominou, produzindo dessa forma, uma falsa sensação de autocontrole.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura do diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães é possível vislumbrar a importância dos documentos autobiográficos para o conhecimento histórico, algo que se torna mais contundente no caso de personalidades públicas, por conter informações de caráter privado pouco comuns, revelando momentos especiais de medos e incertezas, que atribuem veracidade a realidade vivida.

A análise desse complexo, e, ao mesmo tempo, fascinante “mundo” do diário íntimo de Couto de Magalhães possibilita o descortinar da trajetória de um homem que por intermédio da escrita tentou responder a difícil pergunta: *Quem eu sou?*

Nesse processo de autoconhecimento por meio da escrita do diário observa-se o im certo um egocentrismo que está presente também em uma série de documentos produzidos por Couto - livros, relatórios, fotografias, lápides, dentre outros – que o possibilitou a edificar uma imagem social heroica de si.

Legitimado pelos seus pares e pela historiografia, Magalhães adentra as páginas da história nacional como um grande herói. Sintonizado com os anseios da elite de sua época que almejava a modernização do país, não mediu esforços para lutar pelo desenvolvimento econômico do país, que no seu parecer, só seria alcançado com investimentos na navegação a vapor e na linha férrea.

A análise da trajetória de Couto evidenciou o seu grande esforço para edificar uma imagem pública hercúlea para si, o que o possibilitou a angariar um grande prestígio social na no Brasil Império. Se em sua vida pública compartilhava de muitas das concepções políticas de seu tempo, no correr da pena no seu diário, desenvolveu uma escrita que desafiava os valores morais do século XIX ao manifestar em seu universo onírico uma vontade de envolver-se sexualmente com personagens masculinas e femininas, apesar do primeiro ser predominante.

A forma como Couto interpretou os seus sonhos chama atenção pela originalidade. Em pleno século XIX em que os homossexuais eram vistos pejorativamente pela sociedade, sendo considerados disseminadores de pecado pela Igreja e doentes do “instinto sexual” pelo discurso médico (FOUCAULT, 1988), José Vieira redigiu seus sonhos eróticos com personagens do mesmo sexo, de forma natural e espontânea, sem atribuir-se nenhum rótulo

negativo. Demonstrou, portanto, uma postura distinta e singular em relação aos preceitos morais dos oitocentos, ao decodificar seus sonhos sem nenhum sentimento de culpa ou autocondenação. (HENRIQUE, 2008).

Uma via compreensiva para entender a postura original de Couto no que tange a decodificação dos sonhos em relação aos ditames morais do século XIX é a referencialidade ao mundo natural dos indígenas. Diferentemente dos valores morais cristãos e da medicina social dos oitocentos, a homossexualidade em algumas culturas indígenas americanas era respeitada e mesmo venerada, sendo que muitos dos amantes do mesmo sexo eram vistos como indivíduos de forte influência e sugestão mística (FREYRE, 1980). A sua aproximação, portanto, com as diversas etnias autóctones o levou a tomar um posicionamento respeitoso e valorativo ao modo de vida empreendido por elas, principalmente no que tange ao aspecto sexual.

Outra temática apreciada do diário de Couto é a saúde. A análise do seu registro autobiográfico evidenciou mais que técnicas de cuidados corporais empregados no seio da sua intimidade, revelou práticas coletivas de manutenção corporal realizadas por uma sociedade assolada por epidemias e desacreditada na medicina.

O estudo da interlocução estabelecida por Couto de Magalhães, por meio do seu diário íntimo, com as doutrinas e concepções médicas vigentes no século XIX, observa-se a predominância da hipocrática. Por meio desta, almejava encontrar um tratamento medicamentoso eficaz que pudesse afastar um dos seus maiores medos, a doença. Fundamentando-se nos princípios basilares dessa doutrina, ele perseverou na busca de um ideal de equilíbrio que lhe garantisse saúde, fisicamente e espiritualmente.

Talvez uma das maiores riquezas de examinar uma documentação de caráter autobiográfica, seja identificar as ambiguidades a respeito da personalidade estudada. No caso de Couto de Magalhães é possível vislumbrar um homem que não titubeava em autodeclarar-se como grande herói nacional, forte e vigoroso. Mas nesse mesmo ser, observa-se por intermédio da análise do seu diário, uma pessoa fragilizada e atemorizada com a possibilidade de adoecer, o que o incitava ao desejo de exercer um controle o seu corpo e sua sexualidade, que lhe pudesse angariar uma vida saudável.

A análise do seu diário desmitifica ideia de que heróis são naturalmente fortes, despossuídos de medos e heterossexuais. Couto aflorou em seu escrito íntimo momentos de angústias, de temores e principalmente um universo onírico embebidos de um erotismo

manifestados em um desejo de envolver-se não só com personagens femininas, mas, principalmente, com as masculinas, demonstrando múltiplas formas de amar e de se chegar ao prazer por intermédio do “mundo dos sonhos”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALSINA, Julieta; CAIRUS, Henrique F. *A alimentação na dieta hipocrática*. Revista Brasileira de Estudos Clássicos. vol. 20, n. 2 p.212-238, 2007.

ARAUJO, Patrícia Simone. *A intimidade na escrita de si: uma analogia entre os diários íntimos de Couto de Magalhães e Altino Arantes*. Monografia. História, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2010.

Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP). Locus: AP91.01.001 – Diário escrito por Altino Arantes durante seu período na presidência de São Paulo, relatando todos os seus acontecimentos [período: 01/05/1916 a 31/10/1917 - 5 volumes - Atuação de Altino Arantes no Governo de São Paulo - fotocópia] - Título original: *Meu diário – Registro íntimo de factos e impressões (redigido ao correr da penna, sem preocupação litteraria de qualquer especie, e destinado a meu uso pessoal e exclusivo)*.

ARRABAL, Fernando. *Um escravo chamado Cervantes: um retrato do criador de Dom Quixote*. Rio de Janeiro: Record, 199.

ARTIÈRES. Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Estudos Históricos*. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

ASSIS, Machado. *Memorial de Aires*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

AVELLEIRA, João C. R.; BOTTINO, Giuliana. *Sífilis, diagnóstico, tratamento e controle*. *An Bras Dermatol.* 2006;81(2):111-26. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abd/v81n2/v81n02a02.pdf>. Acesso: 08 de outubro de 2012.

Barão de Pedro Afonso de Carvalho Franco. *Biografia*. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/Biograf/ilustres/barao.htm>. Acesso em 24 de setembro de 2012.

AZEVEDO, Miranda. Necrologia: General Couto de Magalhães. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. III, 1898. São Paulo: Typographia de *El Diário Español*, 1898.

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 197.

BERNADO, Guimarães. *O elixir do pajé*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16583. Acesso em: 07 de maio de 2012.

BIBIANI, Regina Elísia de M. L.. *Imagens e Símbolos da Guerra do Paraguai: uma estratégia de construção da memória e do Exército e da memória nacional*. Anais do XI Encontro Regional de História–RJ. Disponível em: http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=305. Acesso em: 18 de dezembro de 2012.

BLUTEAU, Raphael. Ipecacuanha. In: _____. *Vocabulário Português & Latino*. Coimbra: 1712 – 1728. Disponível em: < <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp> >. Acesso em: 20 de fevereiro de 2012.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. Paris 1986. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

CAIRUS, Henrique F. *Os limites do sagrado na nosologia hipocrática*. Rio de Janeiro. UFRJ, Faculdade de Letras, 1999. 175 fls. Mimeo. Tese de Doutorado em Língua e Literatura Grega.

CAIRUS, Henrique F.; JÚNIOR, Wilson A. R. *Textos hipocráticos: o doente e a doença*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

CALLARI, Cláudia Regina. “Os Institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à Construção do Tiradentes”. In. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.21..40 p. 59-83, 2001.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: *Estudos Históricos*. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

CARRARA, S. *Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996. 339 p. ISBN: 85-85676-28-0. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 04 de outubro de 2012.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Maria Manuela. *A medicina em História: a medicina hipocrática*. In: *Revista Saúde Menta*, vol. IV, nº1 janeiro/fevereiro, 2002. Disponível em: http://www.saude-mental.net/pdf/vol4_rev1_leituras2.pdf. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. Paris: A. Roger & F. CHERNOVIZ Editora, 1890. Disponível em: http://143.107.31.231/catalogo_eletronico/imagemVerbete.asp?Verbete_Codigo=88743&Setor_Codigo=11>. Acesso: 04 de outubro de 2012.

Cólera-asiática. In: *Infopédia*. Porto: Porto Editora, 2003-2012. Disponível em: HTTP: <<www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$colera-asiatica](http://www.infopedia.pt/$colera-asiatica)>>. Acesso em: 07 abril de 2012.

CORBIN, Alain. “O segredo do indivíduo”. In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 (1987).

_____. O encontro dos corpos. In: *História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORRÊA, Márcio Xavier. *Ensaio bibliográfico sobre a Economia da Poaia na Zona da Mata Mineira*. In: *Anais do XX Ciclo de Estudos Históricos: A Escola dos Annales e a Produção do Conhecimento Histórico: heranças, tendências e novas perspectivas*, UESC, 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/marcio_xavier_correa.pdf. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.

COSTA, E. V. Condições de vida dos escravos. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org). *O Brasil monárquico*. Tomo II, vol.3. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 251-279.

ELIAS, Nobert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAURE, Olivier. Olhar dos médicos. In: *História do Corpo. Da Revolução à Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FIGUEIREDO, Afonso Celso de Assis. *José Vieira Couto de Magalhães. Subsídios para uma biographia*. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano III, Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1898.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

- _____. *História da sexualidade II. O uso do prazeres*. Lisboa: Relógio d'Água, 1982.
- _____. O verdadeiro sexo. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 82 – 91.
- _____. Sonhar com seus prazeres. Sobre a “onocrítica” de Artemidoro. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 163 – 191.
- _____. A escrita de si. In: *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 144 – 162.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. (Trad. José Octávio de Aguiar Abreu). Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. (1900). *A Interpretação de Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- _____. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- GALLAGHER, Catherine. Ficção. In: MORETTI, Franco (org). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- GAY, Peter. *O traço comum*. In: *O coração desvelado: A experiência burguesa: Da rainha Vitória a Freud*; trad. Sérgio Bath. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GAY, Peter. *O traço comum. O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 337-376.
- GINZBURG, Jaime. Conceito de melancolia. In: *A clínica da melancolia e as depressões. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. n. 20, 2001.
- GIRARD, Alain. *El diario como género literário*. In: *REVISTA DE OCCIDENTE: El diario íntimo. Fragmentos de diarios españoles (1995 - 1996)*. Madrid: Fundación José Ortega e Gasset, n. 182 - 183, jul./ago. 1996.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOLDENWEISER, Alexander. Sex and Primitive Society. In: *Sex and Civilization*. Londres: Calverton e Schmalhausen, 1929.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, p.7-24.

HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de Voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

_____. *A rainha e o general: uma leitura foucaultiana do diário íntimo de Couto de Magalhães*. *Varia hist.* [online]. 2009, vol.25, n.42, pp. 579-596. ISSN 0104-8775. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752009000200011>. Acesso: 05 de outubro de 2012.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar: o juramento e outros textos*. São Paulo: Landy, 2002.

João Carlos Teixeira Brandão. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 25 de setembro 2012. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.

JORGE, Miguel. *Couto de Magalhães: a vida de homem*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1970.

LEITE. *O brigadeiro Couto de Magalhães: o sentido nacionalista de sua obra*. Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, 1936.

LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

LIMA, Nísia Trindade de. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representações geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

LIMA, Tânia Andrade. *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX*. In: Revista: Manguinhos, vol. II, nov. 1995 – fev 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701996000400004. Acesso em: 14 de janeiro de 2012.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro e SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *Memória e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a Vapor: Raça, Ciência e Viagem no século XIX*. Tese de Livre-Docência. Departamento de História, FFLCH-USP. São Paulo, 2005.

MAGALHÃES, Sônia Maria. *O cenário nosológico de Goiás no século XIX*. In: *Varia hist.* vol.21 n°. 34 Belo Horizonte July, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752005000200011&script=sci_arttext. Acesso em: 20 de fevereiro de 2012.

_____. *Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX*. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n.3, p. 661-683, 2004.

MARTINS, Lilian A.C.P., SILVA, Paulo J.P e MUTARELLI, SANDRA R.K. *A teoria dos temperamentos: do corpus hippocraticum ao século XIX*. In: *Revista: Memorandum*, 14, 0924, (2008). Disponível em://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a14/martisilmuta01.pdf. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.

MASTROMAURO, Giovana Carla. *Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX*. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, Anais, São Paulo, julho, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300472386_ARQUIVO_Mastromauro.pdf. Acesso: 10 de novembro de 2012.

MORAES, Eduardo José de. *Notícia dos projectos apresentados para a junção de diversas bacias hidrographicas do Brasil ou rapido esboço da futura rêde geral de suas vias navegaveis*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1869.

MOREIRA, Hélio. *Couto de Magalhães: O último desbravador do Império*. Goiânia: Kelps, 2005.

MORLEY, Helena. *Minha Vida de Menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOTT, Luiz. *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *A homossexualidade na América pré-colombiana*. Em: <http://www.oocities.org/br/luizmottbr/artigos06.html>. Acesso em: 2 de setembro de 2012.

- MOUTINHO, Joaquim Ferreira. *Notícia sobre a província de Matto Grosso seguida d'um roteiro da Viagem da sua capital A'.S. Paulo*. São Paulo : Typographia de H. Schroeder, 1869.
- PORTER, Roy. *Das Tripas Coração: Uma Breve história da Medicina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- PRIORE, Mary Del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- RIBEIRO, D. s/d "Lições de humanismo dos índios do Brasil", *Psicologia Atual*, n. 4, pp. 43-46.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- _____. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.
- SANTA'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpo e História. Como é possível realizar uma História do Corpo?* Carmen Lúcia Soares (organizadora). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.
- SAVARIN, Brillat. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TEIXEIRA, Marco. A. R. A trágica história de Iefimov: um estudo sobre o luto e melancolia em um personagem de Dostoievski. 2004, 132 f. Relatório de Pesquisa (Iniciação Científica).
- TORAL, André A.. *No limbo acadêmico: comentários sobre a exposição "Almeida Júnior- um criador de imaginários"*. **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 5, n. 10, 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16783202007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 de dezembro 2012.
- VAZ, Alexandre Fernandez. *Memória e Progresso. Sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin*. In: *Corpo e História*. Carmen Lúcia Soares (organizadora). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.
- VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÉS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.39-49.

VIGARELLO, G. História das Práticas de Saúde. Lisboa: Editorial Notícias, 2001. In: *O corpo inscrito na História: imagens de um 'arquivo vivo'*, Apresentação, entrevista e tradução: Denise Bernuzzi e Sant'Anna, Projeto História, São Paulo, (21), nov. 2000.

WITTER, Nikelen Acosta. *Do mal romântico às máquinas às máquinas de BIP: nossa relação com a doença sob o olhar da literatura (sécs. XVIII, XIX E XX)*. In: X Encontro Estadual de História . O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. UFSM, 2010. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-s.org.br/resources/anais/9/1279428032_ARQUIVO_Domalromanticoasmaquinasdebip.pdf.

Acesso em: 7 de março de 2013.

XAVIER, Regina. Dos males e suas curas: práticas médicas na Campinas oitocentista. In: CHALHOUB, Sidney et. al. (org.). *Capítulos de História Social*. Campinas: UNICAMP, 2003.